FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

NEIDJA VIRGINIA FELIX DE SANTANA DA SILVA

NARRATIVAS E MEMÓRIA

-REGISTROS DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR MULHERES NO INTERIOR DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA-

PORTO VELHO
2021

NEIDJA VIRGINIA FELIX DE SANTANA DA SILVA

NARRATIVAS E MEMÓRIA
-REGISTROS DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR MULHERES NO INTERIOR DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA-

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado Acadêmico em Letras, do Departamento de Línguas Vernáculas, da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Vegini

PORTO VELHO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

S586n Silva, Neidja.

Narrativas e memória -registros das experiências vividas por mulheres no interior dos seringais na Amazônia: pesquisa etnolínguística / Neidja Silva. -- Porto Velho, RO, 2021.

103 f.

Orientador(a): Prof. PhD Valdir Vegini

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Mulheres. 2.Narrativas. 3.Memória. 4.Seringal. I. Vegini, Valdir. II. Título.

CDU 82-3-055.26

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

Neidja Virginia Felix de Santana da Silva

NARRATIVAS E MEMÓRIA - REGISTROS DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR MULHERES NO INTERIOR DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA

Dissertação apresentada em 22 de dezembro de dois mil e vinte ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

Prof. Dr. Valdir Vegini
Presidente da Banca e Orientador (PPGML/UNIR)

Profa. Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto
Membro Externo (UNIR)

Prof.(a) Dr.(a) Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Membro Interno (PPGML/UNIR)

Porto Velho – RO
2020

Documento assinado eletronicamente por **VALDIR VEGINI**, **Docente**, em 02/03/2021, às 12:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **MARILIA LIMA PIMENTEL COTINGUIBA**, **Docente**, em 02/03/2021, às 12:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0614106** e o código CRC **B1CE6CDB**.

À Hilda Pereira da Silva (In Memoriam), Maria das graças Leite de Brito, Maria Pereira da Silva, Francisca Ferreira de Souza e às guerreiras seringueiras da Amazônia

AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai do Céu Yah pela dádiva da vida.

À mainha Luzinete Virginia de Santana por ser minha referência de mulher e mãe e por sempre ser meu porto seguro de amor e afeto. Ao painho Haroldo Felix de Santana por todo o incentivo dado ao estudo e crescimento pessoal e profissional ao longo da minha carreira e por acreditar em mim.

Ao meu amor Adson Cruz da Silva por ser meu amigo, conselheiro e apoio para todas as horas.

Às minhas filhas Aimee, Imna e Hava por alegrarem os meus dias e festejarem comigo cada conquista.

Às minhas irmãs queridas Niedja e Naedji e meus sobrinhos por estarem sempre na torcida.

Às minhas amigas e amigos que se fizeram perto, apesar das distâncias.

Aos colegas do curso Mestrado em letras 2018 pela amizade que vou levar para vida, pela troca de experiências, leituras, ideias, experiências, choros, angústias, risos e expectativas.

Ao Prof.º Drº Valdir Vegini meu orientador, pela prontidão, paciência, compreensão, confiança depositada em mim e amizade. Você sempre será uma inspiração para mim.

À Profª. Drª. Marilia Lima Pimentel Cotinguiba por todo apoio e força dados para a conclusão desse trabalho.

À Profª. Drª. Sonia Gomes Sampaio pela leitura colaborativa e sugestões importantes feitas no debate do projeto, exame de qualificação e na defesa da dissertação.

À Profª. Drª. Auxiliadora dos Santos Pinto pela leitura colaborativa e sugestões feitas na defesa da dissertação.

(...) Mas então, não tem coisa melhor do mundo do que a gente ter o que contar (...)

(Maria das Graças Leite de Brito, Narradora D, março, 2019)

SILVA, Neidja Virginia Felix de Santana da. **NARRATIVAS E MEMÓRIA** -Registros das experiências vividas por mulheres no interior dos seringais na Amazônia-. 2021. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2021.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central apresentar histórias de mulheres que nasceram e viveram parte de suas vidas no seringal amazônico, apontando cada uma delas como protagonistas de suas histórias e evidenciando a luta pela sobrevivência em um lugar permeado de dificuldades. A pesquisa pretende, através dos registros e análise, contribuir para tornar conhecidas histórias de mulheres que vivenciaram as mais diversas experiências no interior de um seringal na primeira metade do séc. XX. Os principais referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa são os estudos de Perrot (2007), Bruner (1991) e Bruner (1997), Halbwachs (1968-2003), Bosi (1979), Candau (2011), Williams (1921-1988), Hall (1932-2014), Said (2011), Bauman (1905-2005). No que tange ao aspecto metodológico, este estudo caracteriza-se em pesquisa qualitativa, exploratória, bibliográfica e etnolinguística; o *corpus* constituído por quatro narrativas gravadas e transcritas a partir de critérios para a transcrição grafemática com base nos estudos de Lessa (2002) partiu de uma pesquisa de campo com coleta de dados por meio de entrevistas livres e questionário não estruturado. Os resultados obtidos na análise demonstraram que as mulheres no tempo histórico da exploração da borracha na Amazônia construíram histórias de muita resistência, superando as dores, resistindo à violência, buscando melhores condições de sobrevivência, cuidando de seus filhos, encontrando meios para se divertirem no meio da floresta e evidenciando a sua existência no seringal amazônico. Os resultados apontam ainda para a composição de um legado histórico para a Amazônia e podem ser fontes de pesquisa para trabalhos posteriores por meio dos registros das narrativas coletadas para este trabalho.

Palavras Chave: Mulheres, Narrativas, Memória, Seringal.

ABSTRACT

This work has as main objective to present stories of women who were born and lived part of their lives in the Amazonian rubber plantation, pointing out each one of them as protagonists of their stories and highlighting the struggle for survival in a place permeated with difficulties. The research intends, through the records and analysis, to contribute to make known the stories of women who lived the most diverse experiences inside a rubber plantation in the first half of the century. XX. The main theoretical references that support the research are the studies by Perrot(2007) Bruner (1991) and Bruner (1997), Halbwachs (1968-2003), Bosi (1979), Candau (2011), Williams (1921-1988), Hall (1932- 2014), Said (2011), Bauman (1905-2005). Regarding the methodological aspect, this study is characterized by qualitative, exploratory, bibliographic and ethnolinguistic research; the corpus consisting of four recorded and transcribed narratives based on criteria for graphical transcription based on the studies of Lessa (2002) started from a field research with data collection through free interviews and unstructured questionnaire. The results obtained in the analysis showed that women in the historical time of rubber exploitation in the Amazon built stories of great resistance, overcoming pain, resisting violence, seeking better survival conditions, taking care of their children, finding ways to have fun in the middle of the forest and evidencing its existence in the Amazonian rubber plantation. The results also point to the composition of a historical legacy for the Amazon and can be sources of research for later works through the records of the narratives collected for this work.

Keywords: Women, Narratives, Memory, Rubber.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **12**

1. PANORAMA HISTÓRICO SOBRE A BORRACHA NA AMAZÔNIA **17**

1.1 O PERÍODO HISTÓRICO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA E A MIGRAÇÃO PARA OS SERINGAIS 17

1.2 A HISTÓRIA DAS MULHERES E AS MULHERES NA HISTÓRIA DOS SERINGAIS 26

1.2.1 A HISTÓRIA DAS MULHERES 26

1.2.2 AS MULHERES NA HISTÓRIA DOS SERINGAIS 30

2. PENSAMENTO NARRATIVO E A CONSTRUÇAO DA REALIDADE **34**

2.1 OS DOIS MODOS DE PENSAMENTO 35

2.2 CARACTERÍSTICAS DAS NARRATIVAS 38

3. MEMÓRIA **43**

3.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA 44

3.2 MEMÓRIA HISTÓRICA E MEMÓRIA COLETIVA 45

4. CULTURA E IDENTIDADE/REPRESENTAÇÕES **49**

4.1 CULTURA 49

4.2 IDENTIDADE/REPRESENTAÇÕES 53

5. *CORPUS* DA ANÁLISE **56**

6. ANÁLISE DAS NARRATIVAS **68**

6.1 CARACTERÍSTICA DE NÍVEL ALTO 1 – DIACRONICIDADE NARRATIVA 68

6.1.1 Narrativa A 68

6.1.2 Narrativa B 70

6.1.3 Narrativa C 71

6.1.4 Narrativa D 72

6.2 CARACTERÍSTICA DE NÍVEL ALTO 5 – CANONICIDADE E VIOLAÇÃO . 74

6.2.1 Canonicidade 75

6.2.2 Violação 78

6.3 TRAÇOS DE MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA E ASPECTOS REPRESENTATIVOS E CULTURAIS ANALISADOS NAS NARRATIVAS 84

CONSIDERAÇÕES FINAIS 96
REFERÊNCIAS 100

INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma arte e poder registrá-las é um grande privilégio. Esse valor ainda se torna maior quando as histórias a serem contadas evocam o passado histórico da terra em que escolhemos como lar: a região amazônica. O presente trabalho pretende demonstrar que quando uma narrativa é registrada, os fatos, vivências e experiências são retomados e um universo de acontecimentos que se encontrava adormecido nas profundezas da memória ressurge por meio de relatos generosamente compartilhados por mulheres que vivenciaram as mais diversas experiências no interior dos seringais na Amazônia.

Dessa forma, a busca por relatos de mulheres com mais de 70 anos de idade que viveram uma parte de suas vidas no seringal se tornou o ponto de partida para a pesquisa. E, no bate papo entre amigos e familiares, construímos uma estrada ao encontro das protagonistas deste trabalho, mulheres que guardaram em suas memórias os acontecimentos vividos no interior da floresta amazônica na primeira metade do século XX – momento em que os olhares das potências econômicas mundiais se voltaram para uma árvore nativa, encontrada somente no interior da mata amazônica. A Cauchu[1] ou a “árvore que chora”, no decorrer de quase um século, sustentou uma boa parte da indústria internacional com a exportação do látex brasileiro e nesse contexto as narradoras dessa pesquisa surgem, reconstruindo o passado a partir das lembranças oriundas de uma vida marcada pela resistência no meio da floresta. Não são poucos os relatos registrados de homens seringueiros e a vida no seringal, porém ainda é resumido o conjunto de histórias sobre o seringal que tratam das mulheres, uma boa parte desse conjunto deriva de pontos de vista machista e patriarcal perante as mulheres no tempo da exploração do látex, sustentando ainda a ideia da inexistência da mulher nos primeiros momentos da extração da borracha.
Ouvir a história de vida de cada mulher foi uma experiência marcante e muito rica. As lembranças de cada momento vivido no seringal ativaram nelas os mais variados sentimentos e a cada lembrança, foi notável a surpresa nas expressões como: Ah...acabei de lembrar..., ah, lembrei de uma coisa ótima e assim por diante, talvez seja por haver na natureza feminina algum dispositivo para ativação de uma

[1] Substantivo masculino, árvore euforbiácea produtora da borracha, árvore-de-borracha. Goma elástica derivada da coagulação do látex, borracha. Disponível em <https://www.dicio.com.br/cauchu/> Acesso em 08/12/2020.

memória mais nítida e fluida. O prazer em relembrar e a dor que algumas lembranças trouxeram à tona se misturaram em muitos momentos, não sendo raros os momentos em que se tornava impossível segurar o choro tanto de quem narrava, tanto de quem ouvia e tentava registrar cada palavra. O sentimento de gratidão após as entrevistas também foi recíproco, a alegria, por parte das narradoras em poder compartilhar suas experiências foi notória, bem como a satisfação em podermos conhecer pessoas que participaram ativamente desse período importante na história da Amazônia. O trabalho apresentado a seguir é fruto do anseio em tornar conhecidas histórias de mulheres que nasceram na primeira metade do séc. XX e que fizeram/fazem parte da construção da identidade amazônica. Histórias como essas que correm o risco de desaparecerem sem serem contadas e registradas, em razão de grande parte das mulheres do tempo do seringal terem deixado essa vida terrena.

Entre os anos de 1879 e 1912, pouco depois entre 1942 e 1945 a Amazônia tem sua história marcada pela extração e comercialização do látex. Milhares de trabalhadores, de todas as regiões do país, migraram para a região Norte com a promessa de subsistência e melhores condições de vida. Grande parte desses trabalhadores era oriunda do Nordeste e constituía-se de homens que deixaram suas famílias em seus locais de origens para aventurarem-se mata adentro. Atualmente, pode-se encontrar uma expressiva quantidade de registros bibliográficos contando a história desses homens, simples retirantes alistados pelo governo brasileiro para trabalharem no interior da floresta amazônica extraindo o látex que seria exportado para os Estados Unidos no período da segunda guerra mundial; esses homens foram denominados soldados na grande Batalha da Borracha, em um campo de guerra em que se tornou a floresta Amazônica.

Porém, dentre os inúmeros registros literários sobre a exploração do látex na Amazônia somente uma pequena parte destina-se a abordar a presença feminina no interior dos seringais. Dessa pequena fatia, a maior parte apresenta as mulheres sob o ponto de vista machista. Nessa perspectiva a mulher ocupa uma posição de coadjuvante e é na maioria das vezes evidenciada apenas como instrumento de satisfação para os instintos sexuais dos homens solitários, sustentando ainda a ideia da inexistência da mulher nos primeiros momentos da extração da borracha.

Desse modo, a problemática apresentada nessa pesquisa partiu de um questionamento: Em um lugar, predominantemente, masculino, como viviam as mulheres no interior dos seringais amazônicos? Após essa indagação, o objetivo central da pesquisa se configurou em apresentar histórias de mulheres que nasceram e viveram parte de suas vidas no seringal amazônico, apontando cada uma delas como protagonistas de suas histórias e evidenciando a luta pela sobrevivência em um lugar permeado de dificuldades. Como objetivos secundários especificamente:

a) analisar quatro relatos de mulheres que viveram no seringal amazônico no período histórico da exploração da borracha na Amazônia à luz da teoria de Bruner (1991) e Bruner (1997) partindo de um recorte das dez características narrativas, duas caraterísticas de nível alto – a Diacronicidade Narrativa e a Canonicidade e Violação;

b) com enfoque às memórias individuais/coletivas presentes nas narrativas, pretendeu-se observar aspectos culturais e representativos emergidos nos relatos coletados.

Para a hipótese dessa pesquisa conjecturou-se que as experiências vividas pelas narradoras foram muito sofridas, dramáticas e provavelmente seriam evidenciadas em suas narrativas de experiência pessoal, retomadas a partir de suas representações, memórias individuais/coletivas, no período em que viveram no seringal; também se supôs que as experiências relatadas por essas mulheres apontariam para representações de como era a vida das mulheres nesse ambiente caracteristicamente hostil.

O estudo apresenta uma temática narratológica e está vinculado à Linha de Pesquisa 2 do Mestrado em Letras da Universidade federal de Rondônia - UNIR cujo objetivo principal consiste em “analisar os processos discursivos como experiências culturais na sua diversidade e nos seus vínculos entre os vários matizes da brasilidade poliglota (ribeirinhos, barbadianos, feirantes, quilombolas, indígena, etc.), com discursos relativos a diferentes períodos históricos ou práticas socioculturais, interconectadas ou não.” Vincula-se também ao Grupo de Pesquisa “Narrativas do

Linguajar Rondoniense" – NLR (2016-2020)[2] .A pesquisa se fundamenta em buscar entender como as narradoras criam, recriam e recontam partes do cenário de um passado essencialmente significativo da cultura amazônica e como que essas narrativas contribuem acadêmica e socialmente à medida que auxiliam no reconhecimento e compreensão dos fatos do passado amazônico.

A metodologia desenvolvida nessa pesquisa constituiu-se de uma abordagem bibliográfica, exploratória, qualitativa e etnolinguística. Com base nos estudos de Gil (2008, p. 50) entende-se que a pesquisa bibliográfica

> É aquela desenvolvida a partir do material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos, parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas e a principal vantagem da pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos, pois em muitas situações não há outra maneira de conhecer os fatos do passado senão com base em dados secundários.

Em se tratando da pesquisa exploratória, Gil (2008, p. 27) explica que

> ela tem como principal finalidade "desenvolver esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis por estudos posteriores. Essas pesquisas são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, aproximativa, acerca de determinado fato".

Minayo (2010, p. 57) apresenta uma definição, no que se refere à pesquisa qualitativa:

> [...] é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina et.al 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.

Denzin e Lincoln (2020, p. 17) acrescenta que pesquisa qualitativa é

> uma atividade situada que localiza o observador no mundo, consistindo em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade e ainda transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes.

[2] Constituído pelos seguintes membros: Dr. Valdir Vegini (Pesquisador/Coordenador), Rebecca Louize da Silva Vegini (Mestre em Letras, pesquisadora e vice-coordenadora) e por pesquisadores voluntários, entre os quais, Rita Ferreira Maciel (aluna do Mestrado em Letras/Unir) e Neidja Virginia Felix de Santana da Silva (aluna do Mestrado em Letras/Unir), autora deste trabalho.

Por outro lado, a pesquisa etnolinguística argumenta Pottier (1970, p. 03) e Pottier (1973, p. 124)

> Consiste no estudo da mensagem linguística relacionada com todas as circunstâncias de comunicação e traduz o estudo das relações entre uma língua e a visão de mundo daqueles que a falam.

Amparada nos conceitos acima citados, a pesquisa teve como ponto de partida a pesquisa de campo com coleta de dados por meio de entrevistas livres e questionário não estruturado, norteados por esse questionamento: Em um lugar, predominantemente, masculino, como viviam as mulheres no interior dos seringais amazônicos? E composto pelas seguintes perguntas disparadoras: Qual/Quais foi/foram a(s) situação(ões) mais difícil(eis) que você vivenciou no Seringal? Quais lembranças mais marcaram a sua vida no período que passou nesse lugar? O que mais você gostava de fazer no seringal?

Os registros dos relatos realizados por meio de gravação de áudio (em média 60 min.) constituiu o *corpus* de quatro narrativas de mulheres com idade entre 70 e 107 anos, gravadas e transcritas seguindo critérios para a transcrição grafemática com base nos estudos de Lessa (2002). As narrativas foram transcritas respeitando o falar idiossincrático das informantes e conservando as expressões comuns ao dialeto seringueiro e marcas da oralidade presentes nas referidas falas.

Dessa forma, a presente dissertação está estruturada em nove seções, sendo a primeira parte reservada ao levantamento histórico que apresenta um panorama histórico da borracha na Amazônia, desde a descoberta da *Hevea brasiliensis* passando pelo período de migração para os seringais, a expansão econômica da região baseada na exportação do látex para as grandes potências internacionais e culminando no declínio do comércio da borracha; como recorte traz uma abordagem primeiramente sobre a história das mulheres na contemporaneidade à luz de Michelle Perrot (2007) e posteriormente apresenta como se deu a presença das mulheres no interior dos seringais.

A segunda parte constitui-se da revisão da literatura sobre o tema que aborda o conceito teórico de Bruner (2007) sobre os dois modos de pensamento, delimitando a conceituação do pensamento narrativo e as características da narrativa por estarem relacionados ao *corpus* da pesquisa. Dentre as dez características propostas por Bruner, duas delas foram selecionadas para serem trabalhadas na análise – a Diacronicidade Narrativa e a Canonicidade e Violação;

expõe ainda conceitos sobre a memória individual, a memória coletiva e a memória histórica norteada pelos estudos de teóricos como Halbwachs (1968-2003), Bosi(1979), Candau (2011), Ferreira Netto (2008), Delgado (2017) e trabalham os conceitos de cultura e identidade na perspectiva de alguns autores como Williams (1921-1988), Hall (1932-2014), Said (2011), Bauman (1905-2005) e Candau (2011).

A terceira parte destina-se à metodologia e análise dos dados que traz o *corpus* de análise composto pelas transcrições narrativas das quatro mulheres e a análise dos aspectos elencados nos objetivos específicos desse trabalho: aspectos narrativos, memoriais, culturais, representativos e históricos.

Por fim, as considerações finais apresentarão um panorama de toda a pesquisa e retomarão apresentação dos resultados obtidos.

1. PANORAMA HISTÓRICO SOBRE A BORRACHA NA AMAZÔNIA

Nesta seção será apresentado um panorama histórico sobre a exploração da borracha na Amazônia. Os escritos Benchimol (2009), Souza (2009), Wolf (2011) serão a base para construção das informações. Como recorte a esse amplo panorama, primeiramente, serão apresentadas informações basilares sobre o período de migração para floresta e posteriormente serão descortinadas as evidências da atuação das mulheres nesse contexto.

1.1 O PERÍODO HISTÓRICO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA E A MIGRAÇÃO PARA OS SERINGAIS

Como aspectos introdutórios ao momento histórico da borracha na Amazônia se faz necessário considerar que antes da chegada do europeu à América, de acordo com Souza (2009, p. 238),

> os mesoamericanos já conheciam a propriedade da espécie nativa que possibilitou a exploração e crescimento econômico na região amazônica – a *Hevea Brasiliensis*[3]. "O próprio Cristóvão Colombo dá a notícia de sua existência, em uma segunda viagem à América, quando observou os

[3] ***Heveabrasiliensis*** Nome cientifico: *Hevea brasiliensis*, nome popular: Seringueira; seringa; seringa-verdadeira; cau-chu; arvore-da-borracha; seringueira-preta (AC), seringueira-branca; classe: Dicotiledônea; família: Euphorbiaceae; ocorre na Região amazônica, na margem de rios e lugares inundáveis da mata tropical úmida; As amêndoas (sementes) fornecem óleo secativo muito usado na indústria de tintas e vernizes; (Portal Embrapa 2020;Disponível em: https://www.embrapa.br/agrossilvipastoril/sitio-tecnologico/trilha-ecologica/especies/seringueira. Acesso em: 28. set.2020).

> habitantes do Haiti utilizando o látex[4] na fabricação de “bolas miraculosas” as quais chamavam de *cauchu* que na língua desses habitantes indígenas significava *árvore que chora*.

A seringueira já era conhecida pelos povos da América central que viviam na região dos antigos Astecas, Maias, Olmecas, esses povos utilizavam sua seiva para produção de utensílios de maior resistência em sua subsistência.

Segundo consta em Almeida Alves (2017, p.739) “no século XVIII, Charles Marie de La Condamine foi à América do Sul e semelhante aos demais estrangeiros que passaram pela Amazônia, registrou minuciosamente a exuberância da região”. Souza (2003, p. 102) também relata que

> a seringueira (como era chamada popularmente a árvore que produzia o látex) foi um dos recursos naturais que despertou o interesse de La Condamine; em 1736, o astrônomo descreveu “rudimentarmente o processo de coleta e preparação de tais bolas e de outros objetos comumente usados pelos colonos portugueses, como bombas, seringas, garrafas e botas.

Após esse acontecimento, iniciou-se o emprego industrial da goma da seringueira na Europa, porém a primeira grande dificuldade era tornar a goma resistente ao calor e ao frio e mesmo assim manter a sua elasticidade inalterada. Foi então que em 1844, o inventor estadunidense Charles Goodyear, após três anos de intensa pesquisa descobriu a vulcanização[5]. Acrescenta Almeida Alves (2017) que “esse processo era a resposta que a indústria europeia precisava para alargar consideravelmente no processo industrial; a combinação de enxofre fez com que a borracha passasse a adquirir maior força, elasticidade e resistência a altas e baixas temperaturas” (ALMEIDA ALVES 2017, p. 739-740). Assinala Souza (2009, p. 770)

---

[4] **Látex** - É uma substância líquida, geralmente tem cor branca, embora possa ser incolor, amarelo, alaranjado ou vermelho. Sua textura também varia: pode ser mais ralo e aquoso ou altamente viscoso. Nas seringueiras, o látex é colhido por meio de cortes diagonais que formam sulcos rasos no tronco das árvores. O instrumento usado para fazer os cortes consiste de uma lâmina afiada, com ponta em forma de gancho. As árvores normalmente são cortadas ao amanhecer, pois nesse período do dia o fluxo do látex é maior; com o passar das horas, a temperatura aumenta e o fluxo da substância diminui. O látex escorre pelos sulcos e é recolhido em um pequeno recipiente preso ao tronco da árvore. Dentre as substâncias obtidas a partir do látex, a mais conhecida é a borracha. O látex é usado na fabricação de itens como luvas cirúrgicas, balões de aniversário, colchões e bicos de mamadeira (Encyclopaedia Britânica.2020. Disponível em https://escola.britannica.com.br/artigo/l%C3%A1tex/626096. Acesso em: 28.set.2020).

[5] A vulcanização método criado em 1839 pelo inventor norte americano Charles Goodyear, é patenteada em 15 de junho de 1844. O processo consiste na aplicação de calor e pressão e uma composição de borracha, a fim de dar forma e propriedade ao produto final. É a fase mais importante para a indústria da borracha (OperaMundi.2013.Disponível em: https://operamundi.uol.com.br/historia/29450/hoje-na-historia-1844-charles-goodyear-recebe-patente-da-vulcanizacao-da-borracha . Acesso em: 28.set.2020)

> que “o rápido desenvolvimento tecnológico dos países industrializados fez com que o mercado internacional recusasse os rudimentares produtos artesanais que vinham do Brasil. A grande procura não era mais por produtos clandestinos manufaturados do Brasil, mas sim da borracha silvestre, como matéria-prima.

O látex, essa seiva com alta capacidade elástica, poderia ser encontrado em mais de vinte árvores tropicais do planeta, mas nenhuma se comparava em qualidade e produtividade com a *Hevea brasilienses,*

> Sem nenhuma dúvida, a árvore *Hevea Brasiliensis* encontrada somente no fundo da floresta amazônica deve ter sido um dos melhores presentes de Deus para a humanidade, como fonte do melhor látex do mundo. Essas incríveis árvores es seus produtos foram cobiçados por todas as nações industrializadas na face da terra. A busca cruel e frenética pelas sementes dessas incríveis árvores começou em 1880, quando as qualidades únicas da borracha natural foram descobertas (NEELEMAN. 2015, p. 303).

Houve então, uma corrida à extração do ouro negro. “Onde existia árvore produtora de látex registrou-se a aventura” (REIS, 1997, p. 105).

> [...] As árvores seringueiras tinham como seu centro de origem a região Amazônica, nas margens de rios e lugares inundáveis de mata de terra firme, ocorrendo preferencialmente em solos argilosos e férteis; a espécie Hevea brasiliensis Müell. Arg. considerada a mais importante do gênero por possuir a maior diversidade genética e alta produtividade de látex (borracha natural), além de ser nativa do Brasil, também poderia ser encontrada em outros países vizinhos dentre eles Bolívia e Peru(SILVA, 2020. Portal São Francisco. Disponível em < https:// .www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/seringueira> Acesso 03.ago.2020)

As seringueiras foram encontradas no interior da Amazônia, essa área que conforme registra Souza (2009) encontra-se “Localizada ao norte da América do Sul, compreendendo toda a bacia Amazônica formada pelos seguintes países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Peru, Guiana, Venezuela, Suriname, Equador e França”. Souza (2009, p. 70) descreve,

> A porcentagem de Amazônia em cada país está distribuída da seguinte forma: o Brasil tem 68%; Peru tem 10%; a Bolívia tem 10%; a Colômbia, 8%; o Equador, 2%; a Venezuela, 1%; e as Guianas, 1%. A proporção de ecossistema amazônico em relação à totalidade do território de cada país é a seguinte: 70% do território da Bolívia; 65% do território do Peru; 55% do território do Brasil; 50% do território do Equador; 35% do território da Colômbia; 8% do território da Venezuela; e 3% do território das Guiana.

Dessa forma, pelo grande potencial disponível de seringueiras nativas espalhado pela floresta Amazônica, o período entre a última metade de século XIX e a primeira metade do século XX foi marcado historicamente pela extração e comercialização do látex na Amazônia. Como afirma Benchimol (2009, p. 31) "a Amazônia recebeu num período de 80 anos uma massa considerável de migrantes

nordestinos que, de forma genérica, ficaram conhecidos como *cearenses".* Esse marco trouxe mudanças significativas tanto em relação a alteração do meio ambiente, quanto ao fluxo de pessoas que se instalaram no meio da floresta para trabalharem no corte da seringa. Muitos homens e mulheres, oriundos, predominantemente, da região nordestina (porém não só dessa região) deixaram suas terras rumo ao desconhecido, uns com a intenção de construir fortuna, em busca de aventura e outros, no entanto, na esperança de encontrarem na Amazônia o refrigério para a seca que tanto os maltratavam.

Os registros escritos relatam que milhares de migrantes tanto da região Nordeste, como de outras partes do globo terrestre, no primeiro surto da produção do látex, período de 1879 a 1912, foram atraídos pela expansão da produção e viam nas seringueiras a oportunidade de ascensão econômica e social. Benchimol (2009) acrescenta que “esses homens e mulheres procediam geralmente e em maior proporção das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros Estados Nordestinos, sendo tangidos pela seca – imigração por fome, ora simplesmente atraídos pelo apetite de seringa – imigração por cobiça, fortuna e aventura, ou simultaneamente por ambos” (BENCHIMOL 2009, p.153).

Souza (2009, p. 852) também relata esse acontecimento:

> A conjugação de períodos de seca e depressão econômica levou o Nordeste brasileiro, especialmente o estado do Ceará, a participar com o maior número de imigrantes, que a partir de 1877 foram chegando em levas desordenadas, para a seguir se transformar numa rotina perversa, resultando num quadro terrível de exploração humana. Milhares de lavradores pobres, iludidos por contratadores, trocaram suas terras áridas pelas selvas do alto Purus, Madeira e Acre, vivendo sob o domínio do sistema de aviamento. Além do choque cultural, do isolamento e dos perigos da selva tropical, os nordestinos trabalhavam sob o regime da coerção, típico do sistema do aviamento, que só podia existir com base no débito permanente do seringueiro.

Comprova Souza (2009, p. 854) que não só nordestinos, mas também outra corrente migratória importante foi a dos sírio-libaneses. Ele registra que,

> No final do século XIX, com o crescimento da economia do látex, levas inteiras de homens e mulheres deixaram suas cidades e aldeias, como Balbeque, Ghazir, Dimen, Beirute, no Líbano, e Ayo, Hama e Damasco, na Síria, para reconstruir sua existência na Amazônia. Gente persistente, apegada ao sentido de família, sóbria e inteligente, logo estava concorrendo com os outros imigrantes, superando as barreiras do preconceito, formando novos costumes e introduzindo novos valores culturais.

Todo esse movimento migratório para o Norte brasileiro ocorrido no período acima citado teve um motivo: Ao final do século XIX a indústria automobilística, na Europa e nos Estados Unidos, ainda que muito recente, começava a se expandir; tanto as famílias mais abastadas, quanto as empresas desejavam adquirir o meio de transporte que estava na moda. Por ser matéria prima dos pneus, a borracha, que tinha por matéria prima o látex extraído das seringueiras amazônicas, era muito requisitada pelas fábricas dos Estados Unidos. Segundo ressalta Dean (1989, p. 24),

> O comércio da borracha tornou-se um sustentáculo da economia brasileira; em seu auge, proporcionou quase 40% das receitas de exportação, quase igualando o café em importância.

Como assegura Dean (1989, p.24) “a economia da brasileira, baseada no comércio da borracha para as indústrias europeias e americanas, ao final século XIX atingiu o seu ápice, sendo responsável por quase 40% das receitas de exportação do país”. Desse modo, a extração da borracha na Amazônia, nesse primeiro momento, movimentou a economia brasileira de modo a atrair muitos olhares para o Norte do Brasil.

Pouco tempo antes das mudanças que ocorreram no continente europeu em razão da Revolução Industrial no século XIX, o Norte do Brasil passou por um processo de ocupação e povoamento, inclusive onde chamamos desde a data de sua criação em 22 de dezembro de 1981, de Estado de Rondônia. Como descreve Padovan (2004, p. 18),

> Em 1781 foram feitas as demarcações da área e no séc. XIX, fase do ciclo da borracha, iniciou-se o povoamento juntamente com a construção da ferrovia Madeira-Mamoré e a exploração dos seringais” O povoamento em Rondônia, aconteceu concomitantemente com o início da expansão produtiva da Borracha, entre 1879 e 1912, na região central da floresta amazônica. A cobiça pelas árvores e pelo seu precioso produto resultou numa súbita expansão econômica na região amazônica.

Neste período também, ocorreu o fenômeno chamado “Belle Époque Amazônica”, no qual as principais capitais do Norte – Belém e Manaus – viveram um admirável momento de desenvolvimento. Sobre a “Belle Époque Amazônica”, descreve Daou (2004, p. 07):

> A bela época é expressão da euforia e do triunfo da sociedade burguesa no momento em que se notabilizavam as conquistas materiais e tecnológicas, se ampliaram as redes de comercialização e foram incorporadas a dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas.

Tendo como base os dados citados por Neeleman (2015, p. 118) até 1900, o Brasil produziu 95% de toda borracha no mundo. O autor conta que até 1909, os comerciantes enviaram 500 toneladas de borracha pelo rio a cada dez dias. O autor também relata que um ano mais tarde a borracha foi responsável por 40% de todas as exportações do Brasil e em 1911, a produção atingiu 44.296 toneladas, numa estimativa, que segundo ele, de mais de 200 milhões de dólares. Desse modo a Borracha no Norte do Brasil produziu lucros extraordinários e mudanças nítidas nas cidades:

- O processo de urbanização e modernização da região se acentuou à medida que se expandiu a exportação do látex;

- As capitais dos Estados do Norte chegaram a ser as mais desenvolvidas do país nesse período;

-Cinemas, museus, escolas, prédios públicos, casas, além de eletricidade, sistema de água encanada e rede de esgoto passaram a fazer parte dos centros urbanos da época influenciados pelos países europeus.

- Cidades foram fundadas e pequenos povoados se multiplicaram. Enquanto cresceram, o comércio interno aumentou e melhorou a renda dos habitantes. Além do mais, o fluxo migratório do Nordeste aumentou o índice populacional da região rapidamente e reestruturou todo o espaço e as relações sociais.

No entanto, um fato ocorrido antes mesmo do início da primeira fase da Borracha foi determinante para a sua decadência. Segundo Neeleman (2015 p. 303), quando a Revolução Industrial começou a varrer o globo terrestre, as grandes potencias contrariadas com o monopólio do Brasil sobre a Borracha do mundo, se moveram num esforço determinado para tentar interromper o fluxo do látex brasileiro para o exterior.

Desse modo, de acordo com Neeleman (2015, p. 303), inúmeros homens esforçaram-se em transportar as preciosas sementes para fora do Brasil, mas não obtiveram sucesso.

Até que Wickham, um botânico britânico fiel ao Império Inglês, após decidir buscar as sementes, arquitetou todo um plano de armazenamento para a conservação desse produto orgânico e encontrou uma saída para o seu transporte, chegando a Liverpool, Inglaterra. De lá, as sementes foram distribuídas para as

vastas colônias em todo sudeste asiático e a Índia, mudando assim o curso da economia amazônica. A partir daí empresas inglesas e holandesas entraram no mercado mundial da borracha. Elas conseguiram produção em larga escala e com preços mais baixos. A concorrência fez com que, na segunda década do século XX, o preço no mercado despencasse, impossibilitando a exploração comercial da borracha amazônica.

Consequentemente, com o declínio da primeira fase de exportação da borracha e a ausência de investimento e prosperidade em outras áreas, a crise irremediavelmente se instalou e muitas pessoas se viram desempregadas, muitas cidades se esvaziaram e um longo e penoso processo de estagnação econômica se tornou evidente.

Contudo, entre os anos de 1942 e 1945, uma outra tentativa de produção e exportação da borracha iniciou-se após o Governo Getúlio Vargas realizar um acordo com os Estados Unidos para a exploração do látex, em ocasião a Segunda Guerra Mundial em 1941.

A justificativa para tal interesse dos Estados Unidos no látex amazônico se deu em razão a um evento crítico. Segundo relata Garfield (2009, p.10-11), um pouco antes do acordo realizado com o Brasil, "os Estados Unidos, em 1940, com 6% da população mundial, passaram por uma rápida transformação, de sociedade agrária para uma economia de produção em massa".

Esse desenvolvimento acelerado ocasionou uma dependência sem precedentes de matérias-primas para sustentar sua produção. Por essa razão, os EUA importavam do sudeste asiático, principalmente da Malásia britânica e das Índias holandesas 98% da borracha crua que utilizavam (MARSHALL, 1995, p. 23).

Todavia, em 1942, a Malásia foi invadida pelos japoneses que tomaram o controle sobre todas as plantações de seringueira. Esse acontecimento, levou os Estados Unidos a buscarem no Brasil a matéria-prima essencial para a manutenção da sua produção industrial.

Assim sendo, após o acordo firmado, em 1943, o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia foi ativado, com o objetivo do alistamento compulsório. Muitos nordestinos, mais uma vez, que ainda sofriam com a seca, participaram do momento histórico que ficou conhecido como “Batalha

da Borracha", no qual mais de 100 mil "soldados da borracha" foram mobilizados (GUILLEN, REVISTA SOCIOLOGIA E POLÍTICA N. 9, 1997).

> A Batalha da Borracha, no período do Estado Novo (1937-1945) – organizada como uma campanha nacional significou o resultado de uma série de acordos firmados com os Estados Unidos - os acordos de Washington. Esses contratos objetivavam aumentar a produção de matérias-primas estratégicas para o esforço da guerra. Segundo consta esse registro, a assinatura dos acordos de Washington desencadeou uma propaganda maciça em torno da migração para a Amazônia e da produção da borracha. Os migrantes que se engajaram na campanha ficaram conhecidos como *soldados da borracha* e ganharam *status* de combatentes de guerra (MARTINELLO, 1988 apud GUILLEN, REVISTA SOCIOLOGIA E POLITICA, n. 9, 1997).

Benchimol (2009, p. 155-156) relata que no período que ele denomina como II Batalha da Borracha, de 1941 a 1945, o exército de soldados da borracha incorporou consideravelmente o contingente de cearenses, paraibanos, pernambucanos e riograndenses-do-norte. Ele estima, a partir de dados coletados do Caeta (Comissão Administrativa de encaminhamento de trabalhadores para a Amazônia) e do DNI (Departamento Nacional de Imigração), que desde o início do ciclo da borracha até 1960, aproximadamente 500.000 nordestinos vieram fazer a Amazônia. Para ele, essa marcha migratória de nordestinos para o norte representou o maior movimento humano das migrações internas da história brasileira, ultrapassado somente pela migração pau-de-arara para São Paulo. O autor salienta,

> [...] a Amazônia começa a abrasileirar-se com a chegada desse novo tipo de migrante, que trouxe consigo uma outra cultura de valentia e cobiça, bem distante da Amazônia tradicional [...]. Em contraste com esse panorama tradicional que também fez história e não foi tão morto como se pensa, iríamos viver com a chegada dos nordestinos uma nova aventura na outra Amazônia mais ousada e inquieta (BENCHIMOL 2009, p. 155).

Entende-se aqui por *abrasileirar-se* a chegada de migrantes na Amazônia, que não vieram apenas do Nordeste, nesse segundo momento, mas de diferentes regiões do país, como afirma Benchimol (2009, p. 166), "a partir de 1943 e durante os anos de 44/45, cariocas, paulistas, fluminenses, capixabas, mineiros, goianos, mato-grossenses de todas as classes e profissões" atravessaram o país para trabalharem nos seringais.

Souza (2009, p. 845) descreve em que se tornavam os migrantes destinados aos trabalhos no seringal:

> O seringueiro, retirante nordestino que fugia da seca e da miséria, era uma espécie de assalariado de um sistema absurdo. Era aparentemente livre,

> mas a estrutura concentradora do seringal o levava a se tornar um escravo econômico e moral do patrão. Endividado, não conseguia mais escapar. Quando tentavam a fuga, isso podia significar a morte ou castigos corporais rigorosos. Definhava no isolamento, degradava-se como ser humano, era mais um vegetal do extrativismo.

Cunha (2019, p. 49-50) em sua obra *À margem da história* retrata o regime de escravidão a que se submetia o seringueiro,

> De feito, o seringueiro – e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das “estradas”-, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Contudo, ao término da Segunda Guerra Mundial, a produção de borracha sintética entrou em cena. A exploração enfraqueceu-se e a borracha natural da Amazônia não foi páreo para o novo modo de produção.

Por causa do colapso da borracha, uma grande parte de seringueiros conseguiu regressar ao Nordeste, porém sem os indícios de riqueza tão sonhados pelos trabalhadores no início da exploração da Borracha. Benchimol (2009, p. 164) conta que anteriormente, quando os seringalistas ficavam ricos e até mesmo seringueiros, por alguma sorte, podiam realizar o fagueiro sonho de voltar a terra natal,

> vestidos conforme conta a lenda, de terno de linho branco H.J, chapéu chile, bengala de cabo de prata, relógio de algibeira, correntão de ouro de causar inveja aos conhecidos e amigos: eram os *paroaras,* como eram chamados, no Ceará, os filhos da terra, quando voltavam enriquecidos do Pará.

No entanto um grande número de seringueiros com suas famílias não retornou à terra natal, desse número, uma parte se deslocou para as cidades vizinhas à procura de melhores condições de subsistência e outra parte fixou-se no interior da floresta resistindo não mais como *brabos*[6], mas como *mansos*[7]*,* denominados *de guardiães da floresta* adaptados ao modo de vida ditado pelo sistema da mata.

É certo, que em meio ao cabedal de informações que cercam esse importante momento na história da Amazônia, percebe-se que não há uma única história a ser contada sobre a Amazônia. Os registros literários, a história imaginada e as experiências vividas fazem parte e convivem lado a lado na heterogeneidade que

[6]**brabos** –(...)aí temos o nosso homem(...), antes de seguir para a barraca, no centro que o patrão lhe designará. Ainda é um **brabo,** isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira (...) (CUNHA, 2019, p. 50).
[7]**mansos –** o **manso** (é) experimentado (no corte da seringueira) (CUNHA, 2019, p. 51).

constitui o espaço amazônico; bem como, não há apenas uma só representação do seringueiro, mas sim, dos vários seringueiros, cada indivíduo com sua história, suas experiências de vida e sua trajetória vão compondo um cenário multifacetado, reconfigurado e rico em cultura.

1.2 A HISTÓRIA DAS MULHERES E AS MULHERES NA HISTÓRIA DOS SERINGAIS

Antes da abordagem acerca da presença das mulheres no interior dos seringais amazônicos, um breve levantamento histórico sobre a história das mulheres com base nos estudos de Michele Perrot (2007) traz clareza para se compreender o comportamento e as relações familiares estabelecidas ao longo dos séculos que antecederam o século XX e que influenciaram sobremaneira a sociedade e os costumes das famílias.

1.2.1 A HISTÓRIA DAS MULHERES

A história das mulheres, de maneira geral, foi silenciada por muitos séculos. Estudar e investigar essa história tornou-se um desafio e levou importantes pesquisadoras dentre as quais a historiadora Michelle Perrot a adentrarem em um campo costumeiramente habitado por homens que deixou de lado inúmeros eventos e faces de uma realidade invisível à vista desses.

Perrot (2007, p. 16) comunica que,

> Escrever a história das mulheres é sair do silencio em que elas estavam confinadas (...) A história é o que acontece, a sequencia dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se estivessem fora do tempo, ou pelo menos fora do acontecimento [...]. Nesse silencio profundo é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente pedido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre ela que o silencio pesa mais.

Perrot (2007, p. 21) ainda destaca:

> Para escrever a história são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.

De fato, argumenta Perrot que diferentemente da história geral (na qual os homens são personagens significativos e relevantes) em que há vasto acervo e uma série de dados para a pesquisa, estudar a história das mulheres torna-se desafiador

na medida em que há escassez em vestígios e a presença delas se encontra frequentemente apagada nos generalismos históricos que, por sua vez, elimina as ações femininas dos contextos relevantes. Desse modo, o estudo voltado às mulheres traz o sentido de resgate e visibilidade ao que por muito tempo foi ocultado.

Comprovado o sentido em empenhar-se num aprofundamento acerca da história das mulheres, vê-se em Perrot (2007) um esforço em demonstrar como as mulheres nos séculos passados eram vistas e caracterizadas e como elas, ao longo do tempo, mesmo em meio a tantos obstáculos, alcançaram posições, provaram suas capacidades, desenvolveram estratégias para mudarem as relações de poder dentro e fora do contexto familiar, para autora importa “engajar-se sem nenhuma contradição como militante no projeto de emancipação das mulheres” (PERROT, 2007, p. 10).

Até o século XIX não era permitida a presença feminina em cargos públicos. Essa imposição tem, em partes, fundamento no pensamento de Hegel, filósofo alemão e um dos criadores do Idealismo Absoluto. De acordo com tal pensamento haveria uma vocação natural para os dois sexos: Para o homem reservava-se o Estado, a Ciência, o combate, o trabalho. Por outro lado à mulher destinava-se à piedade, ao interior e às suas inclinações aos seus caprichos e pensamentos (PERROT 2017, p. 161) Comte, filósofo francês precursor do Positivismo, falava da inaptidão radical do sexo feminino para o governo até mesmo da simples família; segundo o filósofo, o sexo feminino caracterizava-se por uma “espécie de estado infantil contínuo”, desse modo a administração doméstica não poderia ser-lhe confiada sem controle, apenas sob “certos limites a família, a casa, núcleos da esfera privada” (PERROT, 2017, p. 162).

Percebe-se assim, que para a sociedade da época as mulheres possuíam um papel simplesmente utilitarista, eram seres destinados à reprodução e satisfação masculina. A começar pelo nascimento as meninas não eram tão bem-vindas,

> [...] a menina é menos desejada. Anunciar: “É um menino” é mais glorioso do que dizer: “É uma menina”. Em razão do valor diferente atribuído aos sexos, o que François Héritier chama de “valência diferencial dos sexos”. Nos campos de antigamente os sinos soavam por menos tempo para o batismo de uma menina, como também soava menos para o enterro de uma mulher. O mundo sonoro é sexuado (PERROT, 2007, p. 42).

Ser menina significava que deveria seguir os passos destinados às outras mulheres da época ser educada para o casamento e para a maternidade. “O casamento “arranjado” pelas famílias e atendendo a seus interesses, pretende ser aliança antes de ser amor desejado, mas não indispensável” (PERROT, 2007, p. 47).

Submetidas a essa condição as mulheres estavam sujeitas a uma série de dependências: juridicamente, seu sobrenome era eliminado; sexualmente se encontra reduzida ao seu dever conjugal de satisfação do marido, dependente em seu corpo, poderia receber “corretivos” pelo chefe de família como se corrigia uma criança desobediente; dependente economicamente em relação à gestão de bens e em todas as decisões da vida familiar, educação e casamento de filhos (PERROT, 2007, p. 47-48).

> “Quem ama castiga”. Bater na mulher é uma prática tolerável, admitida, desde que não seja excessiva. Se os vizinhos escutam os gritos de uma mulher maltratada não interferem. “O homem deve ser rei em sua casa” (PERROT, 2007, p. 48).

Perrot (2007, p. 77) acrescenta ainda que era imensa a quantidade de mulheres que apanhavam de seus maridos, era normal bater não só na mulher, mas também nos filhos, sendo tal comportamento tolerado pela vizinhança.

Em relação ao acesso ao saber e às letras, mesmo os filósofos da época não pensavam de maneira diferente da maioria. Como se vê:

> Os filósofos das luzes não pensam muito diferente. É preciso ministrar às meninas “luzes amortecidas” filtradas pela noção de seus deveres. Assim diz Russeau: “Toda educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave. Eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que se deve ensinar desde a infância” (PERROT, 2007, p. 92).

Desse modo a educação formal das mulheres se concentrava em um único fim: formá-las para serem esposas, donas-de-casa e mães com o objetivo de serem úteis aos homens.

Em se tratando do trabalho doméstico, atividade fundamental em toda sociedade, para as mulheres, segundo Perrot (2007, p. 114), esse serviço “é um peso em seus ombros e em sua identidade:

> A dona de casa perfeita é o modelo sonhado da boa educação, e torna-se um objeto de desejo para os homens e obsessão para as mulheres. O

> caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa (PERROT, 2007, p. 114).

Carregam o peso da responsabilidade de serem perfeitas, de atingirem um padrão e influenciadas pela sociedade predominantemente machista, as mulheres se percebem desejando, almejando objetivos que não são originariamente seus.

A cidade para muitas delas possuía uma representação imaginária de uma libertação da sina que pesava sobre as mulheres do campo; como afirma a autora,

> A cidade representada como perdição das moças e das mulheres, lhes permite, com frequência, libertar-se de tutelas familiares pesadas, de um horizonte de aldeia sem futuro. Conseguem modestas ascensões sociais, escapam a uniões arranjadas para realizarem casamentos por amor. A cidade é o risco, a aventura, mas também a ampliação do destino. A salvação (PERROT, 2007, p. 136).

Contudo, as mulheres não se resignaram a uma condição de passividade e por apreciarem o movimento, com o passar dos anos e mudança de século, foram ocupando os espaços, mudando pouco a pouco o pensamento e o comportamento progredindo em muitas conquistas.

> As mulheres do povo têm outros saberes e poderes, principalmente médicos, religiosos e mesmo culturais. Seu papel na primeira educação dos filhos, aí incluída a iniciação às letras é considerável: a alfabetização das mulheres progrediu rapidamente nas cidades do século XIX (PERROT, 2007, p. 164).

Como o tempo, com os avanços da modernidade e tecnologia os vários saberes das mulheres foram encontrando novos espaços. Os ideais de perfeitas donas de casa já não traduzem mais o desejo de todas as mulheres, o acesso aos domínios do saber e do poder que antes lhes eram proibidos, vão se tornando cada vez mais transitáveis e a história das mulheres vai sendo escrita em diferentes níveis, a partir dos inúmeros relatos distribuídos pelos continentes, como se vê,

> E hoje? Em que pé está a história das mulheres? Como relato, ela existe em diferentes graus espalhada pelo mundo, principalmente no mundo Ocidental. Constituiu uma forma de tomada de consciência identitária, uma tentativa de memória, e mais ainda de releitura dos acontecimentos e das evoluções, de medida da diferença dos sexos, isto é, do gênero (PERROT, 2007, p. 168).

Como se vê, a história das mulheres objetiva destacar as mulheres como agentes da história; visa dar visibilidade e ampliar a rede de informações presentes nessa narrativa histórica em construção. Nesse contexto, a história das mulheres nos seringais amazônicos, construída por meio de relatos engaja-se nesse projeto

de emancipação da história dessas agentes que fizeram história na primeira metade do século XX.

1.2.2 AS MULHERES NA HISTÓRIA DOS SERINGAIS

A abordagem desse tema nas literaturas e historiografia tornou-se mais evidente na metade do século passado, por volta dos anos 1960, em razão da onda do movimento feminista. O número de autores que voltaram seus interesses à essa temática vem crescendo, no entanto ainda é pouco em relação ao volume de escritos sobre os seringueiros e as batalhas da Borracha no decorrer de mais um século.

Em meio às muitas personagens importantes que habitaram o cenário amazônico nos períodos denominados Ciclos Econômicos da Borracha evidencio a figura feminina. Wolf (2001*)* argumenta que “as mulheres não apareceram no seringal de uma hora para outra, nem tampouco, surgiram do nada”. A autora explica que “no primeiro momento dos seringais, quando este era organizado sob o sistema de aviamento, a maior parte dos que vinham para trabalhar nos altos rios era constituída de homens ” (WOLF, 2001, p.32).

Guedelha (2013) afirma que “o patrão seringalista dava ordem expressa aos agenciadores de conduzirem somente homens para o seringal, estes deviam deixar mulher e filhos no Nordeste”, pois desse modo, “o coronel objetivava economizar nos gastos com passagem e alimentação dos agenciados, além de evitar o estorvo de ter o homem sua mulher por perto para, de alguma forma, travar a sua produção de borracha” (GUEDELHA, 2013, p. 01).

É interessante notar que no imaginário da região, devido à grande parte da população de seringueiros serem homens, esse tempo costuma ser relembrado como um tempo em que não havia mulheres no seringal. Guedelha (2003) defende que essa lógica está baseada numa estratégia utilizada no primeiro momento da exploração das seringueiras pelos Coronéis do barranco[8],

[8] (Era) o seringalista, o patrão, o dono dos meios de produção, dividia seu tempo entre o barracão do seringal em época de safra e as delícias dos palacetes e bordéis das cidades. Embora fossem poucos, havia também seringalista remanescente da classe baixa que enriqueceu explorando a borracha. No seringal comandava um exército de jagunços e capatazes para, com o uso da força, controlar seus empregados, evitando fugas e calotes. Mesmo gozando de certos prestígios, o

> [...]Em geral, ao nordestino agenciado para trabalhar nos sertões amazônicos não era facultado levar mulher para o seringal, pois na lógica capitalista do “coronel” a mulher era um fator gerador de despesas na viagem do Nordeste até ali. Além disso, tendo a mulher por perto, o homem produziria menos, ao passo que, ficando ela no sertão, ele triplicaria seu esforço de trabalho com o sonho de voltar para a companhia de sua amada e da família o mais breve possível. Tudo isso, evidentemente, era estratégia de espoliação, pois a estrutura montada nos seringais conspirava para que o sertanejo nunca mais voltasse para sua terra (GUEDELHA, 2003, p. 01).

Porém como defende Wolf (2001), há vários indícios da presença das mulheres no seringal, desde os anos mais remotos da extração do látex, mesmo que de forma pouco expressiva:

> Havia mesmo seringais, especialmente no vale do Purus, onde era proibida a presença de mulheres, somente o patrão e seus empregados mais graduado, tais como os guarda-livros, que habitavam o barracão poderiam ter mulheres (WOLF, 2001, p. 246).

A autora relata que, diferente do que diz a maioria das bibliografias relacionadas ao tema, as mulheres estiveram sempre presentes e foram participantes ativas na construção da história do seringal na Amazônia. Na realidade, o que ocorria era que elas não eram vistas como protagonistas e na maioria das vezes nem contadas eram (WOLF, 2001, p. 246).

Guedelha (2013) relata também que “as poucas mulheres que existiam, todas tinham “dono”. Ele afirma que até mesmo as crianças, meninas pré-adolescentes, cujo compromisso marital era firmado pelo pai desde muito cedo, como uma forma de troca de favores com o futuro marido (GUEDELHA, 2013, p. 01). Estes fatos que apontam para o sentido da mulher como um produto, “posse de alguém”, com destino certo, sem autonomia para escolher e dirigir sua própria vida.

A ideia equivocada da falta de mulheres foi um pensamento muito disseminado na história do seringal e provocou justificativas para os atos mais libertinos, como descreve Carmo (2019, on-line):

> A ausência de "fêmeas" fazia com que os sertanejos fossem empurrados pelos instintos e atos extremados de pedofilia, zoofilia e crimes passionais, mencionados com frequência na literatura sobre os seringais. Os momentos

---

seringalista também estava enquadrado no sistema de endividamento da economia gomífera (FIGUEIREDO 2004, Aguinaldo Nascimento. História do Amazonas, Estado do Amazonas Especial. 2004/ www.povosamazonia.am.gov.br acesso em 12/12/2020).

> de descontração proporcionados pelas festas regadas a cachaça faziam com que os pares masculinos, em contato no calor da dança, sentissem atração sexual.

A citação acima expõe não só as "afirmações" sobre a ausência feminina no interior dos seringais, mas, sobretudo, um fato mais declarado que está ligado à concepção que se tinha acerca das mulheres naquele período; o termo "fêmeas", dessa forma, sugere as mulheres como seres meramente úteis para a satisfação dos instintos sexuais demasiadamente aflorados pela solidão na floresta. Nesse sentido, pode-se compreender que existiu um motivo pelo qual as mulheres não eram contadas, nem consideradas como parte, mesmo que pequena da população dos seringais, e este motivo se encontram no fato de serem vistas como objetos e luxo dos mais abastados. É o que Guedelha (2013, on-line) defende,

> Consequentemente, os seringais foram se tornando espaços praticamente vazios da presença da fêmea e, ao mesmo tempo, espaços do abrasamento do macho. Premidos pela escassez de mulheres na selva, os sertanejos eram empurrados pelos instintos a atos extremados de masturbação, pedofilia, zoofilia, bestialidades as mais variadas e crimes passionais, fartos na literatura sobre os seringais amazônicos. De situações como essa decorreu o surgimento do mercado de mulheres na selva, que se tornou uma prática corriqueira [...]. A mulher passou a ser utilizada como moeda de troca.

Em contrapartida, a ideia da ausência de mulheres nos seringais e o fato delas serem vistas com objetos sexuais, é discutida por Wolf (2001). A autora afirma,

> Porém através de processos judiciais, entrevistas e outras fontes de pesquisa podemos saber que não era bem assim. Que embora até pudessem ser vistas por alguns como mercadorias, as mulheres, dentro das possibilidades colocadas para elas naquele contexto histórico-cultural, tomavam também suas decisões, resistiam à violência, escolhiam seus parceiros e improvisavam sua sobrevivência numa situação em que seu trabalho não parecia ter valor algum (WOLF, 2001, p. 31).

A vida nos seringais se tornou possível apenas por meio de grandes transformações e muita resistência, nesse processo as mulheres atuaram como importantes protagonistas: à princípio, os seringueiros viveram basicamente da troca da borracha produzida pelas mercadorias vendidas pelos patrões, eventualmente de alguma caça e pesca e posteriormente, a agricultura, a caça, a pesca, a criação de pequenos animais, o artesanato e a extração de outros produtos florestais tais como madeiras nobres, peles de animais, óleos vegetais, entre outros, passaram a ser atividades fundamentais para a sobrevivência e que na maioria da vezes eram feitas por mãos femininas. Nessa lógica, segundo a autora destaca, um seringueiro

sozinho não teria conseguido praticar tantas atividades simultaneamente, por isso, aos poucos os seringueiros foram formando suas famílias (WOLF, 2011, p. 32).

> Mas aos poucos os seringueiros foram formando suas famílias. As mulheres eram as filhas daqueles que desde o início foram acompanhados pelas esposas, muitas vezes meninas ainda muito novas; eram mulheres que se encomendava ao patrão que as iam buscar em Manaus ou Belém, muitas vezes prostitutas que procuravam outras alternativas de vida; e ainda, na região era muito comum o casamento com mulheres índias, trazidas de suas aldeias contra a vontade, através de expedições de matança chamadas de correrias, em que se matava quase todo mundo, menos as mulheres jovens (WOLF, 2011, p. 30).

Como visto aqui, mulheres índias eram alvos e viveram o horror no período da exploração, em que mesmo não sendo mortas pelas chamadas correrias,[9] eram submetidas aos casamentos forçados, violência sexual, quando não conseguiam fugir dos seus perseguidores. Wolf (2011, p. 30) registra que

> a sobrevivência no interior da floresta para um seringueiro solitário era uma tarefa muito árdua e demasiadamente difícil de ser executada, por isso num dado momento, os patrões submeteram mulheres a casamentos forçados com o intuito de "prender" o seringueiro ao trabalho. Assim, para aqueles que se instalavam com suas mulheres e filhos a chance de permanência nos seringais era bem maior.

Maia (1997, p. 98) confirma que,

> vencidas as primeiras etapas de exploração dos seringais, aquelas em que a presença feminina era uma raridade ali, os espaços se abriram para a chegada de famílias inteiras (casais, filhos e agregados) e, a partir daí, a conquista feminina deixou de ser um problema. A mulher integrou-se à faina dos seringais, seguindo o companheiro "no deslocamento, nos conflitos, na guerra e no trabalho [...] Completa-lhe a ação nos roçados, nas pescarias, além dos afazeres domésticos e, na hora do perigo, brande a peixeira e a espingarda.

Embora a historiografia preconize e defenda a ideia da ausência feminina no interior dos seringais, embora grande parte da literatura sobre os seringueiros concentre o olhar sobre as mulheres como objetos de disputa, produtos, fêmeas, posses de alguém, estorvo - vítimas, o que se observa na realidade é que existe um outro lado dessa história, e importa que esse outro lado seja evidenciado, o lado da participação ativa delas em todas as tarefas produtivas inclusive na extração do látex, o lado da resistência dentro da mata, o lado da manutenção da vida em um lugar marcado pela violência. Importa concentrar o olhar sobre a mulher como um ser humano, protagonista, que possuía poder de escolha.

[9] As correrias eram ações organizadas pelos patrões, que, em bando às aldeias, matavam os homens e algumas mulheres. Aquelas que sobreviviam eram vendidas junto com as crianças. Disponível em <https://agencia.ac.gov.br/escravidao-indigena-durou-cem-anos-no-acre>> Acesso em 14.12.2020.

Os dados históricos apresentados trazem algumas evidências sobre esse período importante na história da Amazônia. Primeiramente, que a história de Rondônia está fortemente ligada também ao período da exploração da borracha. Em segundo lugar, que a população amazônica recebeu influências da cultura nordestina, e não somente da nordestina, mediante aos milhares de trabalhadores cearenses, pernambucanos, paraibanos e outros nordestinos, trabalhadores de várias regiões do país, além de alguns povos estrangeiros que vieram contribuir na extração da seringa. Destaca –se ainda que, embora a maioria dos registros não evidenciem a importância das mulheres nesse momento da história, foram elas que desenvolveram importantes ações de sobrevivência para sua família, desde a agricultura familiar, construção de suas moradias até a negociação do látex extraído.

Os registros coletados neste trabalho comprovarão os dados apresentados nesta primeira seção a respeito das mulheres. Cada uma das informantes relembrará fatos que embasam o entendimento de que a sobrevivência nos seringais está intimamente relacionada com a presença das mulheres no seu interior e que essa presença foi fundamental para a manutenção da vida daqueles que sobreviviam do corte da seringueira.

As narrativas que serão apresentadas neste trabalho revelarão que os registros das memórias são valiosos e fortalecem o entendimento de que nunca existirá um único relato sobre os seringueiros, como também nunca haverá uma única história a ser contada da Amazônia.

A seção seguinte tratará dos conceitos teóricos relacionados ao modo de pensamento narrativo que baseará a análise das narrativas apresentadas nas próximas seções.

2. PENSAMENTO NARRATIVO E A CONSTRUÇAO DA REALIDADE

Esta seção apresenta conceitos sobre os tipos de pensamento consoante os estudos de Bruner (1997), como a realidade é construída apoiando-se ao pensamento narrativo e como esse se difere de outro tipo de pensamento – o paradigmático. Em sua teoria, Bruner (1997 p. 12-46) trata o conceito da dicotomia formal do pensamento humano, ou seja, o modo de “Pensamento Narrativo” e o modo de “Pensamento Paradigmático e/ou Científico”. Pelo fato do corpus de

análise deste trabalho se constituir de narrativas de experiências pessoais, o enfoque será dado ao pensamento narrativo e de como as narrativas se desenvolvem a partir de uma versão que constrói a realidade.

2.1 OS DOIS MODOS DE PENSAMENTO

Os dois modos de funcionamento cognitivo, são formas de conhecimento que, de acordo com Bruner (1997, p. 12), "possuem princípios operativos próprios e seus próprios critérios de boa formação, se diferenciando em seus procedimentos de verificação". Segundo o autor, "esses modos de pensamentos fornecem diferentes ordenamentos de experiência e construção da realidade e, são irredutíveis um ao outro".

Do ponto de vista de Bruner (1997) “é possível convencer o outro tanto por meio de uma *boa história* como por um *argumento bem formado".* Porém a maneira como cada modo de pensamento convence é bem diferente: O autor estabelece que os argumentos convencem alguém de sua veracidade, já as histórias de sua semelhança com a vida. (BRUNER, 1997, p. 12)

Bruner (1997, p. 12) também alega que pelos argumentos, tende-se a demonstrar uma verdade "através de um possível apelo a procedimentos para estabelecer provas formais e empíricas"; por uma boa história, por outro lado, tenta-se estabelecer "não a verdade, mas a verossimilhança"; ou seja, por essa forma de convencer alguém de alguma coisa procura-se mostrar ao interlocutor a harmonia e a coerência entre os fatos relatados, sem compromisso, portanto, de estabelecer provas formais ou empíricas.

Em sua visão, o teórico defende que o primeiro argumento leva à busca por condições na crença de verdades universais, já o segundo, por outro lado, às condições particulares prováveis entre dois eventos - pesar mortal, suicídio, traição". (BRUNER, 1997, p. 13)

O primeiro modo de funcionamento cognitivo é chamado de paradigmático ou lógico-científico, porque, segundo considera Bruner (1997, p. 14), é "aquele que se presta para preencher o ideal de um sistema formal e matemático de descrição e explicação". É por meio dessa forma de pensamento que, segundo o autor, pode-se empregar a categorização ou a conceituação e as operações pelas quais as categorias são estabelecidas, instanciadas, idealizadas e relacionadas umas às

outras para formar o sistema, e ainda por intermédio desse pensamento são utilizados procedimentos para assegurar a referência comprovável e a veracidade empírica. Ele acrescenta,

> Sua linguagem é regulada por necessidades de consistência e de não-contradição. Seu domínio é definido não apenas por elementos observáveis aos quais suas afirmações básicas se referem, mas também pelo conjunto de mundos possíveis que podem ser gerados logicamente e testados contra os elementos observáveis - ou seja, é conduzido por hipóteses fundamentadas (BRUNER, 1997, p. 14).

Conforme explica o autor, o modo paradigmático pode ser compreendido como uma habilidade do pensamento racional e científico que busca o que é universal. Assim, tudo o que assume uma maneira particular de pensamento é renunciado por esse modelo lógico- científico.

O pensamento narrativo, por sua vez, é o outro modo de funcionamento cognitivo que, assim como afirma Bruner (1997, p. 14), se concentra na aplicação imaginativa do pensamento conduzindo às "histórias boas, dramas envolventes, relatos históricos admissíveis (embora não necessariamente verdadeiros)". Esse tipo de pensamento trata de "ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam seu curso".

Deixando mais claras as funções distintas entre o modo de pensamento paradigmático e o modo de pensamento narrativo, Bruner (1998, p. 15) cita Ricoeur (1993), sustentando a ideia de que "a narrativa é construída sobre a preocupação com a condição humana", ou seja, "as histórias atingem desenlaces cômicos, tristes ou absurdos, enquanto os argumentos teóricos são simplesmente conclusivos ou inconclusivos".

Bruner (1991), em *A Construção Narrativa da Realidade* defende que desde o Iluminismo[10], o estudo de mente se centrou principalmente em como o homem

[10] Essa mudança subjetiva surgiria com a ideia de progresso, de ruptura com o passado E, em geral, se encontraria associada com algum evento significativo tomado como um marco histórico – neste caso, a Revolução Francesa. Eliminava, então, a certeza ideológica dos partidos religiosos da chegada de um Juízo Final e de uma única alternativa entre o Bem ou o Mal. Ou seja, o Iluminismo introduzia a problemática da secularização no momento em que as ordens religiosas eram questionadas, além de denunciar as intromissões e injustiças promovidas pela instituição na política dos Estados. O pensamento iluminista tem como fundamentos a crença no poder da razão humana de compreender nossa verdadeira natureza e de ser consciente de nossas circunstâncias. O homem, então, seria o detentor de seu próprio destino, formulando o racionalismo e contrariando as imposições de caráter religioso, sua “razão” divina de existir, e os privilégios dados à nobreza e ao clero – ainda predominantes à época (séculos XVII e XVIII). O projeto iluminista esteve associado também a autores como Montesquieu (1689- 1755), Rousseau (1712-1778), Kant (1724-1804), e aos

alcança o “verdadeiro” conhecimento do mundo. Duas correntes de estudiosos se dedicaram em aprofundar seus conhecimentos sobre o funcionamento da mente humana: Os empiricistas que se concentravam na interação da mente com o mundo externo da natureza e os racionalistas que procuravam nas próprias faculdades mentais os princípios da razão verdadeira. O objetivo, em ambos os casos, era descobrir como se alcança a “realidade”.

Bruner (1991) afirma que essa questão teve um profundo efeito no desenvolvimento da Psicologia. Em tempos posteriores às duas correntes de pensamento outras teorias foram surgindo tendo como objetivo compreender o desenvolvimento do conhecimento na mente humana. Uma maneira objetiva se entender a funcionalidade da mente humana estaria da capacidade de integrar três dispositivos mentais: o conhecimento, a habilidade e a ferramenta, focados numa sucessão particular de aplicabilidade. Dessa forma, seria uma pequena realidade de nós mesmos que se estabelece pelos princípios e procedimentos que a mente utiliza internamente (BRUNER, 1991, p. 04)

Observados de outra maneira, constituem-se como um tesouro cultural de ferramentas. O atrativo desse ponto-de-vista é que ele une o homem, seu conhecimento aprendido e seu conhecimento de uso à cultura de que ele e os seus antepassados são e eram, respectivamente, membros ativos. Dessa maneira, o conhecimento nunca ocorre desprovido de um “ponto-de-vista”.

Uma teoria Introduzida por Vygotsky e patrocinada por um grande número de admiradores, sustentou a ideia de que produtos culturais, tais como a língua e outros sistemas simbólicos, fazem uma ponte entre o pensamento e colocam sua marca em nossas representações da realidade. Dessa forma, o trabalho da inteligência de um indivíduo nunca é um “solo” (individual) e não pode ser entendido sem levar em conta suas referências de reserva, notas, programas de computação e bases de

---

empiristas ingleses Locke (1632-1704) e Hume (1711-1776). É nesse sentido, que o movimento Iluminista surgia pela França em meados do século XVII, e defendendo o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que predominava na Europa desde a Idade Média. Esta forma de pensamento advinha fortemente dos ideais liberais e tinha como propósito, o de iluminar as “trevas” em que se encontrava a sociedade europeia dos regimes absolutistas. O movimento atingiria o seu apogeu no século XVIII, o qual passaria a ser conhecido como o “Século das Luzes”. O Iluminismo encontrou maior força e recepção aos seus princípios na França – palco de problemas econômicos, religiosos, políticos e sociais –, onde influenciaria sobremaneira a Revolução Francesa através da: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” – lema basilar no processo revolucionário. (Revista Crítica Histórica dez. 2001, Ano II, Nº 4, ISSN 2177-9961 252- p.256) disponível em <<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/>> acesso 02.out.2020).

dados, ou, o que é mais importante, a rede de amigos, colegas, ou mentores em quem a pessoa se apoia para ajuda e conselho (BRUNER, 1991, p. 03).

As histórias, desculpas, mitos, razões para fazer e não fazer são formas narrativas por meio das quais os seres humanos organizam suas memórias dos acontecimentos e suas experiências. Importante perceber o argumento do autor sobre como "os indivíduos constroem realidades, possibilitando maneiras distintas de organizar as experiências” (BUNER 2001, p. 4).

"A narrativa trata das vicissitudes das intenções humanas" (BRUNER 1997, p. 17). Nesse sentido Bruner argumenta que o pensamento narrativo está relacionado ao modo como as pessoas interpretam e organizam o pensamento de acordo com acontecimentos da vida cotidiana. Seria uma espécie de impressão que o ser humano tem da sua realidade, o modo como olha e reflete sua realidade se traduz nas narrativas cotidianas.

Além disso, prossegue Bruner (1991, p. 4), “ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos, que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar ‘verossimilhança’”. Assim, narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por “necessidade narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica. Nesse sentido, não existe nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas.

Entretanto, somente na penúltima década do século passado, afirma Bruner, (1991, p. 5) é que os psicólogos não só ficaram conscientes da possibilidade de a narrativa ser não somente uma forma de representar, mas também de construir a realidade; a preocupação central de Bruner não é como o texto narrativo é construído, mas como ele opera como um instrumento mental de construção de realidade.

2.2 CARACTERÍSTICAS DAS NARRATIVAS

Jerome Bruner (1991, p. 05) esboçou dez características que possivelmente são encontradas (parcial ou totalmente) nas narrativas de forma a construir uma explicação mais sistemática:

1. Diacronicidade narrativa. O autor compreende que uma narrativa é uma exposição de eventos que ocorrem com o passar do tempo e pode ser caracterizada em termos aparentemente não-temporais. Bruner (1991, p. 06), citando Paul Ricoeur, diz que o tempo envolvido é o “tempo humano” não o “tempo de relógio” e que a sequência temporal é essencial para narrativa, mesmo localizando essa temporalidade na sucessão de manutenções de sentido das orações do próprio discurso narrativo.

2. Particularidade. Bruner (1991, p. 06) defende que a particularidade atinge seu estado emblemático (simbólico) por sua incorporação numa história, que é, em algum sentido, genérica.

3. Vínculos de estados intencionais - Segundo Bruner (1991, p. 07), narrativas são sobre pessoas que agem em um cenário e os acontecimentos devem ser pertinentes aos seus estados intencionais enquanto estiverem atuando. Ele afirma que eventos físicos tem papel em histórias afetando principalmente os estados intencionais dos protagonistas.

4. Composicionalidade Hermenêutica - Bruner (1991, p. 07) esclarece que as explicações dos protagonistas e dos eventos que constituem uma narrativa são moldadas em termos de uma história ou de um enredo hipotético que “contém” todos esses itens (partes/ todo). Essa interdependência textual parte-todo na narrativa é uma ilustração da propriedade definidora do círculo hermenêutico, pois, uma história poderá realizar-se somente quando suas partes e os seu todo forem feitos para estarem juntos (bases para interpretação).

5. Canonicidade e violação – Bruner (1991, p. 11) diz que uma narrativa para se tornar apta a ser contada precisa ter implicitamente um enredo canônico que foi quebrado, violado, ou desviado de maneira a violentar a “legitimidade” do enredo canônico.

6. Referencialidade – Afirma o autor que a “verdade” narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua verificabilidade. Afirma ainda que o “sentido” de uma história como um todo pode alterar a referência e até mesmo a referencialidade de suas partes componentes (BRUNER, 1991, p. 12).

7. Genericidade - o autor explica que gêneros de um ponto de vista psicológico são somente representações convencionais das situações humanas;

situações tais que certamente aparecem em todas as culturas humanas: conflitos de lealdade familiar, os caprichos da verdade humana, as vicissitudes de romance, e assim em diante (BRUNER 1991, p. 13).

8. Normatividade – Bruner (1991, p. 14) explica que a narrativa é necessariamente normativa, pois uma violação pressupõe uma norma. Ele ainda afirma que a normatividade não é histórica ou culturalmente terminal. Sua forma muda com as preocupações do momento e circunstancias que cercam a produção.

9. Sensibilidade de contexto e negociabilidade – o autor diz ter um forte pressentimento de que a sensibilidade de contexto é que faz o discurso narrativo na vida cotidiana ser um instrumento viável de negociação cultural. Alguém conta sua versão, outro conta a dele e ambos raramente precisarão de confrontação legal para resolver a diferença. Afirma ele que é a dependência do contexto da explicação narrativa que permite a negociação cultural que, quando bem-sucedida, torna possível a coerência e a interdependência que uma cultura pode alcançar (BRUNER, 1991, p. 16).

10. Acréscimo narrativo – Bruner (1991, p. 17) nos comunica que as narrativas fazem acréscimos e estes eventualmente criam algo bastante variado chamado “cultura”, ou “história” ou, mais livremente, “tradição”. Ele aponta que famílias criam, similarmente, um corpus de histórias conectadas e compartilhadas.

Após os conceitos compartilhados acima, Bruner volta à premissa original de que há domínios específicos de conhecimento e habilidades e que eles são apoiados e organizados por meio de ferramentas culturais. A partir das características das narrativas elencadas, o autor descreveu algumas propriedades de um mundo de “realidade” construído de acordo com princípios narrativos.

Nesse conjunto de dez características, Ferreira Neto (2009, p. 53) dividiu em dois grupos: as características de nível alto e as características de nível baixo.

Ambos os grupos, segundo ele, atuariam diretamente na formação das narrativas, sendo imprescindíveis para a sua manutenção. No entanto, cada um deles lida com um aspecto bastante diferenciado na narrativa. As características de nível baixo atuam de forma concreta, diretamente sobre os elementos da narrativa e sobre fatos próprios da enunciação e de suas referências, constituindo-se isso no modo indutivo. E as características de nível alto são referências subjetivas que

atuam indiretamente sobre a realidade, constituindo-se no modo dedutivo. Assim, pertencem às características de nível baixo: 2) Particularidades 6) Referencialidade; 7) Genericidade 9) Sensibilidade ao contexto e negociabilidade 10) Acréscimo narrativo. Fazem parte das características de nível alto: 1) Diacronicidade 3) Vínculos de estados intencionais 4) Composicionalidade hermenêutica; 5) Canonicidade e violação; 8) Normatividade; Cada uma das dez características discriminadas apontam para um universo de estudos. Diante dessa abordagem sobre as peculiaridades de cada aspecto das narrativas, este trabalho optou por observar, dentre elas, apenas duas características de nível alto por opção da autora: a diacronicidade narrativa e a canonicidade e violação, que assim como as demais características, descritas anteriormente, são propriedades narrativas que agem na construção da realidade.

a) A Diacronicidade, como apresentada anteriormente, componente das dez características, relaciona-se ao tempo, porém não um tempo de relógio, mas um tempo humano psicológico à uma sucessão de acontecimentos e a uma sequência temporal, que é parte essencial em uma narrativa. Bruner afirma também, que “o que está subjacente a todas essas formas para representar narrativas é um “modelo mental” cuja propriedade definidora é o seu padrão único de eventos no tempo” (BRUNER, 1991, p. 06). Nos relatos de experiências coletados para este trabalho poderá ser observado vários momentos nas falas das narradoras em que a marcação do tempo é manifestada de acordo com o desenvolvimento da narrativa, os eventos se misturam entre um acontecimento e outro, contudo obedecem à uma estrutura temporal construída a partir de um modelo mental próprio de cada relatante.

b) A canonicidade e a violação, outra característica de nível alto, aponta para uma conexão entre tradições narrativas, como cita Casaqui (2020) referindo-se a esse elemento narrativo da teoria bruneriana,

> [...] servem de expressão tanto nas reiterações de formatos consagrados (cânone) quanto na subversão da tradição, na inovação, ou mesmo na ressignificação de pré-construídos de outras tradições; esses processos de manutenção ou ruptura fazem parte de uma estratégia comunicacional (CASAQUI, 2020, p. 06).

Compreende-se dessa maneira que a canonicidade reside na observância dos padrões comportamentais morais culturalmente estabelecidos por um grupo

social, e qualquer desvio em relação ao padrão instituído resultará em uma violação. Nesse aspecto, a narrativa torna-se atrativa à medida em que a quebra de expectativa instiga o interesse do ouvinte e/ou leitor. Trata-se de uma estratégia de comunicação do narrador tanto quanto à subversão de uma tradição ou à sua continuidade. Em análise dos quatro relatos narrativos serão verificados os eventos em que a canonicidades e mantém a partir das ações relatadas e também os eventos em que a quebra dos padrões se manifestam nas falas das narradoras.

Desse modo, na análise das narrativas concernentes às características de canonicidade e violação, serão abordados aspectos culturais como: contratos conjugais, familiares e sociais. Alguns conceitos sobre a constituição da família do século XX e seu papel na cultura ocidental foram estudados por muitos teóricos. Lévi-Strauss (1972) usou o termo família para definir um grupo social originado no casamento, constituído por marido, esposa e filhos, provenientes de sua união, com membros devidamente unidos por laços legais, direitos e obrigações econômicas e religiosas e outras com uma variedade de sentimentos psicológicos como amor, afeto, respeito e medo. Para o autor, a família se configura a partir de 3 tipos de relações: aliança entre o casal (legalização conjugal), filiação e consanguinidade. Segundo Minuchin (1982) autor da teoria sistêmica, a família é uma unidade que enfrenta uma série de tarefas funcionando como matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros. Roudinesco (2003) considera a família como duplamente universal, pois nela associa-se um fato da cultura à um fato da natureza, inscrito nas leis de reprodução biológica. Osório (2002, p. 15) opta por um conceito operatório, no qual a família representa uma unidade grupal em que se desenvolvem três tipos de relações e que a partir de objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para aquisição de suas identidades pessoais, desenvolveu através dos tempos funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais. Tomando como base os conceitos apresentados pelos autores, no que se refere a ideia de família, observa-se que há, no meio da sociedade ocidental, padrões morais de comportamentos pré-estabelecidos culturalmente para homens e mulheres. Seguindo a teoria de Bruner sobre a característica narrativa de canonicidade e violação será possível identificar no objeto de análise, os eventos em que os padrões éticos e morais pré-estabelecidos culturalmente são violados, quando há

quebra na canonicidade ou quando há permanência e observância aos valores sócio-culturais.

Retomando à ideia central dessa seção, aborda-se que o pensamento narrativo, menos compreendido e bem menos explorado que o paradigmático, trata de ações e intenções particulares humanas ou similares às humanas e se apoia nas circunstancias das experiências que seus autores vivenciam. O modo narrativo, em sua aplicação imaginativa transcende à lógica e leva a histórias que não, necessariamente, têm a obrigação de serem verdadeiras. As duas características das narrativas no nível alto - diacronicidade narrativa e canonicidade e violação, servirão para apontar possibilidades de interpretação baseadas nas contribuições de Bruner para essa pesquisa, bem como auxiliará no entendimento de como as narrativas vão se desenvolvendo pela percepção e recriação dos acontecimentos ativados pelas lembranças.

O próximo capítulo tratará do tema memória e a relação que se estabelece com a cultura e as representações dentro de uma coletividade.

3. MEMÓRIA

Nessa seção teórica serão apresentadas considerações primordiais sobre memória. A abordagem, com enfoque sociológico, será baseada em importantes análises de estudiosos a respeito do tema, dentre os quais Halbwachs (1968-2003), Bosi (1979), Candau (2011), Ferreira Netto (2008), Delgado (2017), e terá como objetivo relacionar os conceitos apresentados por esses teóricos aos aspectos de memória que emergem das narrativas coletadas neste trabalho.

Antes que se chegue aos conceitos de memória que Halbwachs (2003) apresenta e que são a base para a compreensão dos três tipos de memória que serão apresentados nessa seção, é importante compreender qual importância dessa faculdade mental para que os seres humanos entendam a realidade. Nesse sentido,

> Toda vez que se lembra de um fato passado confia-se na capacidade da memória; logo sem memória não haveria passado. Possuir lembranças é importante também para que haja autoconsciência, pois em certo sentido, o ser humano é resultado de suas memórias. Aquilo que se chama de "eu" não é senão o conjunto das memórias que se carrega na vida. Entender a memória é, portanto, passo fundamental para que se entenda o homem, sem isso é impossível que se entendam a realidade o princípio e o fim da filosofia (Cantarino e col.UniversitasCiencias da Saúde, 2004 -vol 02. n.02 -

<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/531/32> acesso 02.out.2020).

A construção da identidade do ser humano, o seu “eu” é resultado do acúmulo de memórias durante a vida, dessa forma, tudo o que uma pessoa é passa por aquilo que ela construiu a partir de suas experiências e conseguiu guardar em sua mente.

Pensando no contexto social, a respeito da memória, Halbwachs (2003) estabeleceu certas distinções que podem cooperar com estudo e compreensão das identidades sociais a partir de narrativas orais. Segundo o teórico, há três tipos de memória: A individual, que deriva das relações diretas entre indivíduos e fatos; a coletiva, que é o conjunto das memórias individuais; e a histórica, que é a memória registrada em documentos, com a intenção de reconstrução exata do passado. A seguir trataremos de cada face da memória com base nos estudos teóricos.

3.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA

Halbwach (2003, p. 72), afirma que a memória individual resulta de diversas outras memórias individuais, uma vez que a memória de um indivíduo é a síntese de suas experiências, o que inclui sua vida social. Conforme mencionado pelo autor, a memória não está inteiramente isolada e fechada, pois evocando o seu próprio passado, em geral, a pessoa tende a recorrer as lembranças de outras e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.

O autor traz, além disso, uma discussão a respeito de como as lembranças poderiam ser organizadas. Ele acrescenta que as lembranças podem se agrupar de duas maneiras: Por um lado, elas se organizam em torno de uma determinada pessoa, que as vê do seu ponto de vista; e por outro, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais. Desse modo, para ele, existiriam memórias individuais e por assim dizer, memórias coletivas (HALBWACH, 2003, p. 71).

Avançando no entendimento, Halbwach (2003, p. 41) ressalta a possibilidade de admitir que um número enorme de lembranças reapareça em uma pessoa porque os outros a fazem recordá-las. Segundo ele, há de se concordar que mesmo não estando esses outros fisicamente presentes se pode falar em memória coletiva

quando a pessoa evoca um fato que tivesse um lugar na vida de um grupo que ela via, e vê ainda agora no momento em que se recorda, do ponto de vista desse grupo.

Nessa ótica, conforme o autor sustenta, haveria motivos para distinguir duas memórias, que ele chamaria, uma de interior ou interna e a outra de exterior; uma memória pessoal e a outra memória social, ou, mais exatamente ainda, memória autobiográfica e memória histórica. Mesmo distintas, afirma Halbwach (2003, p. 73), esses dois tipos de memória estariam interligados e interdependentes um do outro,

> A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história da nossa vida faz parte da nossa história geral, a segunda naturalmente, seria bem mais extensa do que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nós o passado sob uma forma resumida e esquemática, ao passo que a memória da nossa vida nos apresentaria dele um panorama bem mais continuo e mais denso.

De modo geral, Halbwach (2003, p. 69) salienta que cada memória individual é “um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali se ocupa e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que se estabelece com outros ambientes”. Ferreira Netto (2008, p. 31) afirma que

> A memória coletiva que subjaz no ato das as memórias individuais atua, portanto, como um conjunto de referências interpessoais que estabelece a unidade do grupo portador dessas mesmas referências.

Este autor deixa claro aqui, que no interior de um grupo, conforme citado acima, as memórias individuais são parâmetros que se interligam às outras memórias individuais compondo então uma unicidade.

3.2 MEMÓRIA HISTÓRICA E MEMÓRIA COLETIVA

Memória histórica e Memória coletiva se diferenciam quanto às mídias portadoras da experiência: Enquanto a memória coletiva resulta da troca verbal de informações (“fala-se da boca para o ouvido diretamente”), a memória histórica está intimamente ligada à introdução da escrita.

A memória não se apoia na história aprendida, como analisa Halbwachs (2003, p. 79), mas sim na história vivida. Isso significa que a história vivida exerce uma força muito maior sobre a memória do que os acontecimentos que tomamos conhecimento. O autor explica que,

> Por história devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto.

Halbwachs (2003, p. 86) também defende que a "história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado". Ele diz que ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua e se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência. Ele ainda acrescenta,

> Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixa-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la. A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança (HALBWACH, 2003, p. 100-101).

As histórias de homens e mulheres que povoaram a floresta amazônica está registrada em uma variedade de escritos literários e não-literários, no entanto, há, seguramente, uma outra história, a história viva que só pode ser evidenciada por meio das narrativas relatadas daqueles que vivenciaram tal momento histórico. Nesse sentido encontra-se aqui a relevância desse trabalho: o registro das narrativas das mulheres que experienciaram o interior de um seringal. A esse respeito Halbwach já afirma:

> Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, o próprio evento que nele esteve envolvido, ou que dele teve consequências, que a ele assistiu ou dele recebeu um a descrição ao vivo de atores e expectadores de primeira mão - quando ela se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam mais por esses fatos que lhes são decididamente exteriores, então o único modo de preservar essas lembranças é fixa-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem (HALBWACH 2003. P.101).

Sendo assim, a única maneira de preservar uma lembrança é fazer com que ela seja extraída do mundo abstrato da memória e se materialize pelos registros de uma narrativa.

Na construção do entendimento sobre a memória é importante considerar também, o fato de que nesse processo de relembrar os acontecimentos do passado, podem surgir inúmeras variáveis temporais que conversam entre si estabelecendo o curso da lembrança. À cerca disso Delgado (2017) afirma,

> A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis temporais, topográficas, individuais, coletivas, dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando a alguns casos a

> ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria, ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida (DELGADO 2017,p.12).

Candau (2011) apresenta entendimento semelhante sobre o que se pode chamar de dispositivo protetor; o ser humano aciona o dispositivo no momento em que se lembra dos acontecimentos passados e, segundo ele, em muitos casos a lembrança passa por um processo de embelezamento com a finalidade de trazer uma imagem distinta do acontecimento passado. Para ele,

> O tempo da lembrança é, portanto, inevitavelmente diferente do tempo vivido, pois a incerteza inerente a este último está dissipada do primeiro. Isso pode explicar os numerosos casos de embelezamento de lembranças desagradáveis que, ao serem relembradas, são aliviadas da angústia e do sentimento de contrariedade provocados pela incerteza da situação vivida durante a qual se teme o pior. A lembrança é portanto, algo distinto do acontecimento passado: é uma imagem (imagomundi) mas que age sobre o acontecimento (anima mundi), não integrando a duração e acrescentando o futuro do passado (CANDAU 2011,p.66-67).

Outra questão sobre a memória é que ela se encontrará vívida nas mentes daqueles que acumularam muitas experiências ao longo da vida. As narrativas analisadas nesse trabalho pertencem às mulheres que possuem idade acima de 60 anos, pessoas que já sentem em seus corpos o rigor do tempo e é nesse estado que de acordo com Bosi (1979), a memória amadurece, se vê num estado de plenitude,

> (...) quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado dentes falhos, a urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis. (BOSI 1979, p.03).

Bosi (1979) ainda explica sobre a diferença entre a história social de idosos e compara com a de um jovem ou mesmo de um adulto,

> Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se nos estudos das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referencia familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta que de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1979, p. 22).

Nesse sentido, entende-se que a memória, com o passar dos anos e pelas muitas experiências acumuladas ao longo de muitas décadas, vai se desenvolvendo e tornando-se madura o suficiente para trazer de volta o passado, revivendo os fatos operados nesse tempo remoto, transformando o ontem em agora. Lima (2008, p. 22-23) acrescenta que,

> Devemos ter a consciência de que a memória está envolta em poder, indistintamente de ser memória individual ou coletiva: poder de lembrar,

> poder de esquecer, poder de omitir, poder de silenciar e poder de lembrar de forma nostálgica.

As considerações teóricas apresentadas nessa seção sobre a faculdade mental da memória estabelecem o conceito de que a memória individual é uma síntese das experiências que o ser humano possui ao longo da vida e essa síntese é formada por muitas outras memórias individuais que se relacionam em um ou mais grupos sociais.

Sendo assim, a memória coletiva deriva da memória individual; no entanto, não existe memória individual sem que esta estabeleça uma estreita relação com a memória coletiva. No que se refere a memória histórica, ela se distingue pelo fato de ser basicamente constituída dos registros bibliográficos.

Desse modo, observa-se a relevância da memória histórica, no fato de que ela estabelece uma ponte entre o que é material - a escrita, os registros; e o que se encontra em nosso mundo interior e abstrato que é o lugar da memória. Os escritos são a manifestação do passado, a memória materializada em depoimentos também é poder, e contribui para que as lembranças continuem vivas e assim constituam uma comunicação contínua entre o presente e o passado. Bosi (2003, p. 15) acrescenta,

> Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola tomam a palavra. A história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não podem dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.

A autora comenta que histórias das camadas populares na sociedade “tomam a palavra”, ou seja, ao passo que são evidenciadas e registradas agregam valor e contribuem no sentido de preencherem lacunas que a história nos documentos oficiais não conseguiu captar.

Por conta disso é que idosos são portadores de um poder que não pode ser encontrado nos mais jovens e até mesmo em adultos. Eles têm o poder de lembrar e construir suas percepções de forma mais nítida, pois a sua capacidade de relembrar amadurecida pelo tempo evoca os acontecimentos e manifesta o "eu" que nada mais é do que o conjunto de memórias acumuladas na vida. Neste trabalho, os depoimentos de mulheres com mais de 70 anos de idade serão analisados por esse viés da memória, fazendo emergir fatos, sentimentos e percepções do passado ao presente.

4. CULTURA E IDENTIDADE/REPRESENTAÇÕES

Os conceitos de Cultura e Identidade apresentados nessa seção terão como base importantes teóricos. Em relação à Cultura, teóricos como Williams (1921-1988), Hall (1932-2014) trarão considerações fundamentais sobre o tema para que se compreenda ações e mudanças inerentes à vida em comunidade. Em identidade/representações serão discutidas ideias sobre o conceito de identidade com base em teóricos como Bauman (1905-2005), Hall (2011) e Candau (2011), um tema que, parafraseando o próprio Bauman, é "inatingível e impossível de esgotar-se". No entanto, o intuito será o de fundamentar teoricamente essa pesquisa amparando-a nas concepções apresentadas por esses autores, que trazem luz no que se refere às várias representações que o ser humano assume ao longo da sua vida.

4.1 CULTURA

Williams (1992, p. 10) afirma que a definição do termo cultura passou pela denominação de um processo: cultura em seu conceito primário significa o cultivo de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão cultura (cultivo ativo) da mente humana; esse conceito se tornou, em fins do séc. XVII, particularmente no alemão e no inglês, um nome para configuração ou generalização do espírito que informava o modo de vida global de determinado povo.

No seu sentido elementar Cultura então estaria ligada à ideia de atividade humana, as ações humanas que de forma coletiva tornam o ser humano parte de um povo. Williams (1992) explica que Herder (1784 – 1791) foi o primeiro a empregar o significado plural "culturas", para intencionalmente diferenciá-lo de qualquer sentido singular ou, como diríamos hoje, unilinear de civilização; esse termo pluralista segundo o autor foi muito importante para a evolução dos estudos da Antropologia comparada (WILLIAMS, 1992, p. 10-11).

> Enquanto isso no uso mais geral, houve grande desenvolvimento no sentido de "cultura" como cultivo da mente. Podemos distinguir uma gama de significados desde – 1- um estado mental desenvolvido- como "uma pessoa de cultura", passando por 2- os processos desse desenvolvimento- como em – "interesses culturais", até 3 – os meios desses processos – como em cultura considerada como "as artes" e o "trabalho intelectual do homem". Em nossa época, esse último é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste, muitas vezes, desconfortavelmente, como uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar "modo de vida

> global” de determinado povo ou de algum grupo social (WILLIAMS 1992, p. 11).

Desde o período em que Williams analisou o conceito de cultura até os dias atuais observa-se que os dois sentidos usados para o termo "cultura", tanto o sentido geral quanto o antropológico e sociológico, não se extinguiram, porém foram ampliados à medida que as mudanças foram acontecendo. Ele acrescenta,

> Assim, há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológicos e sociológico de cultura como modo de vida global distinto dentro do qual percebe-se, hoje, um sistema de significações bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social e (ii) o sentido mais especializado, ainda que também mais comum de cultura como "atividades artísticas e intelectuais", embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam, agora, definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as práticas significativas - desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 1992, p. 13).

No entanto, essas ideias de cultura estendidas até a metade do século XX foram tomando formas mais complexas à medida que as transformações econômicas, tecnológicas e sociais foram se difundindo pelo mundo. Desse modo Hall (2016) expõe um conceito de cultura baseado no sentido e significados compartilhados além de relacionar esse sentido às representações sociais que emergem na modernidade. Ele afirma,

> [...] mas o que a representação tem a ver com "cultura"? Que conexão existe entre representação e cultura? Colocando em termos simples, cultura diz respeito a "significados compartilhados". Ora a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual "damos sentido" às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem. Assim, esta se torna fundamental para os sentidos e para a cultura e vem sendo invariavelmente considerada o repositório-chave de valores e significados culturais (HALL, 2016, p. 17).

Hall (2016) apresenta nesse conceito a linguagem como fator imprescindível para o funcionamento da cultura e sustenta o entendimento de que a linguagem desempenha na atualidade um papel de amplos sentidos no discurso cultural

> A "linguagem" fornece, portanto, um modelo geral do funcionamento da cultura e da representação, especialmente na chamada abordagem semiótica, sendo esta o "estudo ou a ciência dos signos" e seus papéis enquanto veículos de sentidos de uma mesma cultura. Nas últimas décadas, essa preocupação com o sentido tomou um rumo diferente, ficando mais concentrada, não em pormenores de funcionamento da linguagem, mas sim no papel mais amplo desempenhado pelo discurso na cultura (HALL, 2016, p. 26).

Trazendo o conceito cultura para a complexidade atual, Said (2011, p. 7-10) ressalta:

> Quando emprego o termo ele significa duas coisas em particular. Primeiro,“cultura” designa todas aquelas práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que tem relativa autonomia perante os campos econômicos, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos. Incluem-se aí, naturalmente, tanto o saber popular sobre partes distantes do mundo quanto o conhecimento especializado de disciplinas como a etnografia, a historiografia, a filologia, a sociologia e a história literária [...]. Em segundo lugar, e quase imperceptivelmente, a cultura é um conceito que inclui um elemento de elevação e refinamento, o reservatório do melhor de cada sociedade, no saber e no pensamento, como disse Matew Arnold na década de 1860. Arnold achava que a cultura mitiga, se é que não neutraliza por completo, a devastação de uma vida moderna, agressiva, mercantil, embrutecedora[...]. Neste segundo sentido, a cultura é um espécie de teatro em que várias causas políticas e ideológicas se empenham mutuamente. Longe de ser um plácido reino de refinamento apolíneo, a cultura pode até ser um campo de batalha onde as causas se expõem à luz do dia e lutam entre si [...]. Ora o problema com essa ideia de cultura é que ela faz com que a pessoa não só venere a sua cultura, mas também a veja como que divorciada, pois transcendente, do mundo cotidiano [...]. A cultura concebida dessa maneira pode se tornar uma cerca de proteção: deixe a política na porta antes de entrar.

Numa abordagem do conceito de cultura em uma visão pós-colonial, Said (2011, p. 7) mostra que existe uma cultura imperial e também uma cultura de resistência contra o imperialismo. A primeira, em âmbito planetário, sempre vive em estado de tensão à segunda. A respeito do imperialismo, Said (2011, p. 40) explica,

> Usarei o termo "imperialismo" para designar a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante; o imperialismo sobrevive onde sempre existiu, numa esfera cultural global, bem como em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais.

Said (2011, p. 08) também argumenta que a narrativa é crucial para sustentar sua tese básica. Para ele, "as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo". O autor afirma ainda que "as narrativas se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria".

> O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo e constitui umas das principais conexões entre ambos.

Alcançando esse entendimento a respeito do conceito de cultura podem-se pontuar ideias importantes sobre o tema. Inicialmente que cultura é o espaço da atividade humana, lugar que incorpora conhecimento, história, linguagem e práticas

sociais que sustentam a vida de um povo. No entanto, como Said (2011) argumenta, a cultura está longe de ser um local pacífico; ela, pelo contrário, em muitas situações, pode se tornar um campo de batalha no qual os conflitos se mostram dia após dia. Outro ponto, é o poder que a narrativa opera sobre a cultura. Segundo argumenta Said (2011), a narrativa possui um poder dual, visto que ela pode tanto contar, simplesmente, a realidade dos acontecimentos, como também, pode impedir que outras, de igual modo, surjam e dessa forma direcionem a uma única história predominante em uma determinada cultura.

Bellei (2000, p. 149-150) apresenta entendimento semelhante a respeito do conceito de cultura em relação aos povos na fronteira, no capítulo *Uma cultura na fronteira* ele expõe que

> Trata-se, portanto, de uma memória comunitária dotada de força disciplinar e capaz de produzir, no devir histórico de uma comunidade, fatos ou textos a serem lembrados e fatos ou textos a serem esquecidos. A constituição, em uma comunidade, de certos textos que obedecem a certos princípios implica sempre, portanto, a exclusão de outros textos que acabam por ter a sua existência na memória coletiva reduzida seja a condição de um não texto (um texto a ser evitado), seja a condição de não-existência.

Os argumentos anteriores fundamentam essa pesquisa no sentido de que as narrativas coletas para este trabalho são memórias que emergem dos relatos de cada narradora. Nesse sentido, o trabalho visa, muito além do que apenas comprovar o que já foi dito sobre a vida no seringal, identificar o não dito, o esquecido e o que foi excluído da história oficial.

As narrativas que serão analisadas neste trabalho unem-se às outras narrativas existentes sobre esse período histórico do seringal, em um esforço de resistência tendo como objetivo reduzir as chances de haver apenas uma única história a ser contada sobre esse momento na Amazônia.

A seguir, as ideias apresentadas sobre o conceito de identidade contribuirão para a construção de sustentações teóricas na composição das análises das narrativas que serão apresentadas e, posteriormente, analisadas após a seção que se segue.

4.2 IDENTIDADE/REPRESENTAÇÕES

Em uma busca rápida *online* quanto ao significado literal do termo identitário, chega-se a uma definição trivial: “Identitário é o que diz respeito à identidade, e esta, por sua vez, se refere ao conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa, como sua identidade pessoal, a consciência que alguém tem de si mesmo, ou ainda, as características próprias e exclusivas de cada pessoa, além de significar algo que remete à unidade entre os grupos sociais”[11]. Todavia, essas definições tornam-se um tanto diminutas quando se adentra ao campo das ciências sociais.

Nesse sentido Bauman (2005, p. 12) refletindo sobre o tema, afirma que “a globalização, fator decisivo, quando se trata de identidade, se constitui em uma forma de mudança radical e irreversível”. Ele a vê como uma “grande transformação” que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida quotidiana e as relações entre o eu e o outro. Sobre identidade ele ainda enfatiza que,

> podemos afirmar com segurança que a globalização, ou melhor, a “modernidade líquida”, não é um quebra-cabeça que se possa resolver com base num modelo preestabelecido. Pelo contrário, deve ser vista como um processo, tal como sua compreensão e análise – da mesma forma que a identidade que se afirma na crise do multiculturalismo, ou no fundamentalismo islâmico, ou quando a internet facilita a expressão de identidades prontas para serem usadas.

Apoiando-se nesse entendimento, identidade está longe de se definir de maneira elementar, pois é uma parte de um grande processo que se constrói e reconstrói ao longo do tempo, movendo estruturas antes vistas como sólidas, dissolvendo e recriando outras formas do ser. Ainda para Bauman (2005, p. 11), a questão da identidade também "está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a “corrosão do caráter” que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade". Assim sendo, não há semelhança entre identidade estabilidade, pois identidade vai se amoldando de acordo com tempo, espaço e interação a que o indivíduo vai acessando. As sociedades modernas foram se individualizando e para Bauman, "os indivíduos passaram a criar a sua própria identidade e não mais herdá-la" (BAUMAN/NAMID/UFPB 2017, Ano XIII, n. 08, p. 263). As identidades sociais também ocorrem em fluxo, são fluidas (ou seja, estão sendo constantemente

[11] www.dicio.com.br (Acesso em 10/12/2020).

construídas e reconstruídas, de acordo com as práticas discursivas em que os sujeitos sociais se engajam (BAUMAN, 2003).

Bauman (2005, p. 11) nesse contexto traz o entendimento de que a identidade é vista como uma política, que aponta para aqueles que se encontram às margens da globalização,

> [...] A política de identidade, portanto, fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização. Mas muitos dos envolvidos nos estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de in- ventar e reinventar a sua própria história.

Hall (2011, p. 10) no que lhe concerne, apresenta três concepções de identidade que estariam ligadas à forma como o sujeito se vê no mundo, e como a ideia de identidade foi passando por mudanças. Segundo o autor o sujeito do Iluminismo[12] é aquele centrado, unificado dotado das capacidades da razão, que nascia e se desenvolvia permanecendo, no entanto, o mesmo em seu "núcleo interior" (HALL, 2011, p. 11) O sujeito sociológico, por sua vez, descreve a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o seu "núcleo interior" presente no sujeito do iluminismo apresenta-se agora não autônomo, também não autossuficiente, mas sim, formado na relação com outras pessoas importantes para ele, mediadoras de valores, sentidos e símbolos (HALL, 2011, p. 11). O sujeito pós-moderno, para Hall, é aquele que já não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Nesse sentido, de acordo com esse autor, a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2011, p. 12).

> Empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 1992 [2003, p. 13]).

Hall, ainda afirma que a identidade pode ser definida historicamente e não biologicamente. O sujeito, assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Nisso Bauman

[12] Ver nota de rodapé n. 7.

(2011) também ressalta (informação verbal)[13], que, atualmente, "a vida é dividida em episódios e pensar num projeto de vida para vida inteira é difícil de acreditar, nós temos dificuldades em adivinhar o que irá acontecer conosco no ano que vem, porém não era assim no início do séc. XX". Candau (2011, p. 25) acrescenta que a tentativa de depuração conceitual sobre identidade é mais difícil. No que se refere ao indivíduo, o autor afirma que identidade pode ser um estado – resultante, por exemplo, de uma instância administrativa: meu documento de identidade, estabelece minha altura, minha idade, meu endereço etc. - uma representação - eu tenho uma ideia de quem sou – um conceito, o de identidade individual, muito utilizado nas ciências humanas e sociais. A complexidade vai aumentando quando aplicada ao grupo. O termo identidade, para Candau (2011) é considerado impróprio porque ele nunca pode designar com rigor uma recorrência: em um momento preciso de uma observação um indivíduo é idêntico a ele mesmo, mas duas pessoas –mesmo que se trate de gêmeos - jamais são idênticas entre elas. O termo então é utilizado em um sentido menos restrito, próximo ao de semelhança ou de similitude que satisfaz sempre uma inclinação natural do espírito. Se admitirmos esse uso pouco rigoroso, metafórico, a identidade (cultural ou coletiva) é certamente uma representação (CANDAU, 2011. p. 25). O autor trabalha, portanto, a ideia de que a identidade está mais relacionada a um estado, não estável, ou seja, passível à mudança, não rígido e sim flexível; a identidade é uma representação em um tempo e em um espaço, é a forma como indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo.

À luz das concepções dos teóricos, Bauman, Hall, Candau, compreende-se, sem esgotar a discussão, que identidade não reflete mais algo rígido, fixo, alheio às mudanças concernentes à modernidade, que por sua vez, encontra-se em razão da globalização, em um estado de constante desintegração das estruturas sólidas. A identidade/ representação acompanha o curso do mundo, construindo e desconstruindo, definindo e redefinindo e nesse sentindo ganha uma nomenclatura mais adequada ao momento, a de representações. Ao passo que as estruturas sólidas da sociedade vão entrando em colapso, novas identidades surgem, ou

[13] (BAUMAN 2011, NPEC - Núcleo de Pesquisa em Estudos Culturais. Disponível em <<https://www.youtube.com.PesquisaemEstudosCulturaisNpec> >acesso - 02.out.2020)

assumem outras representações, em um movimento contínuo de instabilidade e incertezas quanto ao amanhã.

5. *CORPUS* DA ANÁLISE

A coleta do *corpus* foi realizada a princípio indo à residência de cada narradora e após a explicação sobre o que consistia a pesquisa e a autorização por parte da informante para a gravação do relato, iniciou-se a gravação a partir de algumas perguntas disparadoras: Qual/Quais foi/foram a(s) situação(ões) mais difícil(eis) que você vivenciou no Seringal? Quais lembranças mais marcaram a sua vida no período que passou nesse lugar? O que mais você gostava de fazer no seringal?

Nessa seção serão apresentadas quatro narrativas, de quatro mulheres, que viveram no interior do seringal amazônico, em regiões diferentes: a Narrativa A - A vida de resistência de uma órfã no seringal, a Narrativa B – As festas e a rotina do corte da seringa, a Narrativa C – Nascida no seringal e a mudança para a cidade, e a Narrativa D – A infância no seringal e as relações em família. Na próxima seção em cada narrativa, serão analisados aspectos levantados no aporte teórico como as duas características das narrativas no nível alto: a Diacronicidade Narrativa e Canonicidade e Violação, traços de identidade (representações), traços de memória individual e coletiva e traços culturais.

A primeira narrativa apresenta o relato de uma mulher de 107, filha de pai Cearense e mãe indígena, nascida no Acre, criada no seringal, viveu grande parte de sua vida trabalhando no corte da seringa até se aposentar. Um tempo depois seu segundo marido falece e ela passa a viver com sua única filha. No momento da gravação da narrativa ela residia no Distrito de Nova Mutum - RO, gozava de boa saúde e impressionante lucidez apesar do avançar de sua idade. Em dezembro de 2019, a narradora faleceu de morte natural, após seis meses da gravação de seu relato.

A segunda narrativa tem por narradora uma mulher de 92 anos de idade, filha de nordestinos. Viveu a maior parte de sua vida no seringal, porém não chegou a se aposentar, atualmente mora em de Porto Velho aos cuidados de sua filha. Diferente da primeira narradora, a narradora B não gozava de boa saúde no momento da pesquisa, tem sua audição comprometida, passou por vários problemas de saúde

depois da morte do seu marido e seu filho e pelo avançar de sua idade e o avanço da Alzheimer, vem perdendo a memória gradativamente, o que pôde ser percebido em alguns momentos da gravação de seu relato.

A terceira narrativa conta a vida de uma mulher de 68 anos, filha de seringueiros e nascida no seringal. Suas memórias do seringal se remetem a sua infância, adolescência e uma pequena parte de sua juventude quando sai do seringal em busca de melhores condições na cidade, criou seus filhos e sempre tirou o seu sustento da venda de frutas, verduras e bebidas que colocava em frente a sua casa, uma espécie de mercearia. Atualmente reside em Nova Mutum – RO, não possui aposentadoria e continua comercializando gêneros alimentícios como: macaxeira, farinha e frutos da região em sua casa.

A quarta narrativa trará como narradora uma mulher de 72 anos de idade, também filha de seringueiro, nascida no seringal. Viveu infância e parte da juventude no seringal, porém para poder dar melhor sustento aos filhos veio para cidade, conseguiu trabalho em órgão do governo como zeladora e voltou a estudar, concluiu o ensino médio na educação de jovens e adultos trabalhou no serviço público até se aposentar como funcionária da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Atualmente reside em Porto Velho e goza de boa saúde.

NARRATIVA A	**VIDA DE RESISTENCIA DE UMA ÓRFÃ NO SERINGAL**
01	Nasci em Cachuera di Barro mi criei nu Acre andei pu todo canto já virei pu
02	todo canto té pra Petrolina fui lá pro Quinze, pu todo canto minha fi::nha eu
03	andei pu todo canto meu pai é du Ciará, meu pai era do Ciará, agora quando
04	vei pra cá, daqui ele faliceu né, foi embora morreu meu pai purque morreu,
05	morreu nu Amazona morreu nu Amazona, i eu:eu não eu inda tô puraqui,
06	virano (risos) a minha mãe eu não cunheci fi::nha eu não cunheci mãe eu não
07	cunheci mãe eu morei, morava na casa do meu padin meu ti meu ti mi judiô
08	muito muito judiô qui ainda sinto firida puraqui qu'ele mi judiô a sinhora qué vê
09	a firida? mi judiô dimai meu padin meu pai meu padin e meu ti, aí ele mi judiô
10	muito, foi tempo qui meu pai chegô, aí ele dexô di mi judiá, aí eu tenho firida
11	puraqui tudin qui ele mi judiô meu padin meu ti, era Francisco Pereira da Silva
12	morava nu siringal fia, lá no Inquiri, lá no inquirí, já ixi derdi criança derd'eu
13	piquena eu trabalhava no siringal eu fui pu Acre onde tava a minha madrasta
14	daí eu vim pra casa dele eu tinha quato ano quando vim pra casa dele(...) Aí
15	foi tempo que meu pai morreu eu fiquei sem pai fiquei sem mãe fiquei sem
16	nada eu não cunheci mãe eu só cunheci pai mãe eu não cunheci minha mãe
17	minha mãe tava no Amazona(...) na Extrema minha mãe morreu ali::: ali
18	não:::eu num sei aonde ela morreu não num sei não ma fia onde ela morreu,
19	eu sei que... ela morreu, mar num sei onde ela morreu fiquei sem mãe fiquei

20	sem pai fiquei sem tudo aí fui pra cumpanhia da minha fia qué essa minha fia
21	aí eu tinha um ano cando fui pa cumpanhia do meu padin, eu tinha um ano de
22	idade...eu tinha catoze eu tinha catoze ano cando eu mi casei meu pai morreu
23	né aí eu fiquei sem pai aí mi casei mi casei nu Remansin nu siringal passei...
24	oito ano junto cum meu marido daí nóis si dexemo né aí eu fiquei sem pai
25	sem mãe sem tudo num tenho pai num tenho mãe num tenho nada, só tenho
26	essa fia... tive (filhos) mar morrero tudim Deus tirô tudim meus fi do ôto
27	marido i desse marido tem essa i um qui tá no Acre Francisco Deus só mi deu
28	essa pa vivê cumigo né num tenho pai num tenho mãe num tenho nada só
29	tenho ela é mãe é filha e tudo é só ela é minha mãe minha filha e tudo é ela
30	num tenho parente e ninguém o parente que eu tenho só é ela e um filho que
31	tem nu Acre (...) eli mora lá po lado du Tucumã até cego ele é coitado! cando
31	u pai dele morreu eli num fez conta di i lá onde tava u pai né aí foi fazê num
33	sei u quê (...) o prego furô o ôi deli, eli só tem um ôi, u ôto é furado, minha fia,
34	pois é... e aí(...)Vixi Maria!!Passei mar difíço fia foi peia(risos) foi peia, qui eu
35	achei mar difíço qui meu padin meu pai de criação mi deu peia(risos) eli me
36	deu foi peia muito eu tenho aismarca puraqui tudim qui ele me bateu(...)
37	puquê era marvado puquê era preveso é::era...eli tinha um inrtinto ruim tinha
38	intinto de macaco(risos) qui uma pessoa qui dá na outra pessoa qui bota
39	sangue, fais firida tem o esprito de macaco né? Pois é fi:inha(...)casei sim
40	sinhora(novamente) nu siringal vivi até cando eli morreu aí nois fazia muito
41	tempo qui noistava junto né aí cando cheguemo na colocação tava na
42	colocação na Extrema eli morreu alí na extrema meu marido (...)Cortá siringa
43	minha fia era só u que nois fazia era cortá seringa derde piqueno qui nois
44	cortava acordava minha fia di madrugada(...) eu ainda passei no Intimari eu
45	passei uma porção di tempo nu Intimari lá meu marido inda cortô seringa vivi
46	uma poção de tempo no Intimari aí nois viemo pra fora pra Fortaleza du
47	Abunã fortaleza du Inquiri eu cortava seringa eu cortava siringa nu quinze lá
48	nu lugar onde nois morava nois fazia jirau[14] pa cortá lá incima(risos) eu
49	queria tirá leite eu queria era leite fazia jirau pa mi trepá pa mim cortá lá em
50	cima eu tirava cavaco cortava e defumava era eu i meu marido candotava já
51	gra::nde, candotava da grussura di uma lata di querosene, eli pidia
52	imprestado(...) aí eu ficava sem nada ficava sem nada (entregava a seringa)
53	era po seu Camilo Morato (ele) ficava na boca du ri::zinho cumia carne minha
54	fia carne matava caça eli matava eli era matadô de caça era eli quem matava
55	i agente preparava né? A única coisa qui eu num como é macaco, u bicho
56	qu'eu num como é macaco eu preparava po papai po papai eu preparava pa
57	mim não nunca taí a minha fia po tistimunha qu'eu num gosto de macaco (...)
58	(preparava) cum leiti di castanha (risos) u lito di castanha eu butava nu
59	macaco pa fazê aqueli angu aqueli mingau cum o leiti da castanha, no tempo
60	do papai eu pelava até as mão, eu e pelava pra ele era(..)ele gostava do pé
61	do macaco né, eu tinha qui pelá pa ele, aí cortava castanha, um lito di
62	castanha e butava no macaco, pa ficá bem aquela graxa ficava bem aquela
63	graxona nu leiti da castanha era um lito de castanha qu'eu quebrava cansei
64	de quebrá pa colocá no macaco eu num cumia não,(...) eu cumia era farofa
65	qu'eu num cumia macaco papai mais as titia butava farofa pa mim e butava
66	um pedaço di macaco i eu pegava e butava dibaixo da mesa pa u cachorro
67	cumê (risos) u qu'eu mar gostava era quebrá castanha pá butá na cumida é

[14] Sm. Espécie de escada feita pelo seringueiro a fim de cortar a seringueira no alto (MACÊDO 2005, p. 82).

68	eu quebrava castanha relava pá butá na cumida nu tempo du papai (...)us
69	marido qui fazia (o parto) meu marido eu nunca fui in::coisa (hospital) não não
70	sinhora marido que fazia u parto u derradeiro parto qui foi feito foi do Antônho,
71	u derradeiro e acabou-se(...) tive dizesseis fi aí deus só dexô eu criá essa só
72	deixou que eu criasse essa aí (filha) puquê parece qu"essa era pá vivê
73	cumigo né então é isso resto tudo deus tirô (...)aí deus só dexô eu criá essa
74	pa sirvi de companhia pa mim eu num tenho pai eu não tenho mãe num tenho
75	ninguém né essa aí é minha companhia é minha mãe é meu paie é meu ti é
76	tudo num tem ôta pessoa ela qu'é minha tia é minha mãe é minha madrasta é
77	tudo meu é ela qui deus dexô foi ela pa mim né deus qui terminou a minha
78	missão, por isso eu gosto dela eu gosto munto da minha fia dimais vixemaria
79	pra mim é que deus dexô nu mundo foi ela minha fia deus quis que eu
80	vivesse era com ela né e cum ela eu tô(...)onça ainda eu cheguei vê mais ela
81	num viu ond'eu tava não eu vi ela mais ela num viu onde eu tava não eu bati
82	numa lata pá ela ir imbora u povo diz que a gente cando vê uma onça bate
83	numa lata e ela pula né aí eu vi ela(..) ela vei mas é veado... pintado né:é um
84	veado é:: um bicho é uma paca não era aí u bichim trouxe a lata eu bati ela
85	pulô pa trais e foi simbora mais'era uma onça era uma onça qu'era uma
86	enorme minha fia foi imbora,(...)A pessoa mais duente qui tinha era eu i
87	depois que meu marido morreu fiquei boa num tenho mais doença graças a
88	deus(...) eu tive malária? Vixi até dimai minha fia eu tive tanta malária qui
89	caguei (risos) as colocação[15] era Bom Jesus Veneza Suvaco da Véia Quinze
90	(...)se eu gostava de dançá? mu::ito dimais vixi!! eu dançava nu São Dumingo
91	era um lugá chamado São Dumingo nu seringal era trêi ou quato noite nois
92	dançava eu ia maizele (marido) mazele num gostava di dança agora essi
93	derradeiro marido... essi aí já gostava de dançá o derradeiro marido achava
94	muito bom dança mai u oto não u oto num gostava di dançá não(...)Graças a
95	deus minha fia fui muito feliz no meu casamento puque meu pai morreu eu
96	tava cum catoze ano daí num teve quem me aprontasse né aí a muié du seu
97	Pereira Sobrin foi quem mi aprontô foi ela foi qui deu u sapato deu u tracilin
98	(cordão) foi a muié do seu Pereira Sobrin casei no civil no Remansin no lugar
99	chamado Remansin(...)vivi cum ele oito ano i separei puque eu era doida
100	puque eu era doida fia(risos) é::é puque a pessoa que tá cum marido tão
101	bom meu marido era bom dimai pra mim i eu dexei? Era puque eu era doida
102	né? Eu num tinha juízo não meu juízo tava dibaixo du pé no solado du pé eu
103	mi separei puque ele bibia minha fia ele bebia cachaça mai não é por isso não
104	é puque:: tinha esse ôto na agulha né i dexei pelo ôto mais mi arrependi
105	minha fia...mi arrependi grande mi arrependi esse oto? Ave maria deus o livre
106	essi ôto só deus sabe o meu sofrimento só deus sabe o sofrimento que

[15] A colocação de seringa é um trecho dentro da floresta, que um seringueiro ou uma família ocupam. Onde ele constrói sua casa coberta de palha, de aricuri, de jarina, de obim ou de jaci. Os caibros da casa são tirados também da floresta, árvores finas que fazem os caibros para atrelar a palha que é segura com uma viga também tirada da floresta que é o tauarim. Os esteiques são de madeiras mais grossas, madeiras que têm âmago e que têm durabilidade no chão, por dez ou quinze anos. O assoalho é trabalhado com a pachuba que é retirada também da floresta. Nós trabalhamos com dois tipos de pachuba, uma em ripa e outra batida, quer dizer, quando nós queremos fazer uma casa assoalhada com ripa, a gente faz a ripa; quando a gente quer com pachuba batida a gente bate a pachuba e assoalha batido. Então ali é a residência, a dormida do seringueiro, é ali que ele fica com a sua família (Palestra pronunciada por Raimundo de Barros seringueiro e vereador pelo Partido dos Trabalhadores em Xapuri em 28.04.89 disponível em file:///C:/Users/SERVIDOR/Downloads/82-191-1-PB%20(1).pdf/ acesso em 13.12.2020)

107	passei cum ele tinha dia qu'ele tacava u pé ni mim mi derrubava da rede eu
108	ficava nu pé da rede da casa cum menino nu braço daí terminava aí ele cumia
109	i ele ia cortá eu ia pá minha rede mi deitá era:era assim minha fia o meu
110	(marido) era ruim era ruim mesmo ele era ruim té pos fi ele era ruim num era
111	muito bom não té pos filhos dele era ruim ele tirava um caneco de farinha
112	dava pa sete criança pá sete minino cumê um caneco de farinha aí eu ia
113	moiava nesse tempo essa minha fia já era grande moiava e tirava pá cada um
114	um bocadin esse era ruim ele não era bom não ele era ruim demais eu num
115	larguei ma fia... porque eu gostava dele eu gostava muito dele(...) mas me
116	arrependi puque ele era marginal ele era marginal eu não sabia que ele era
117	assim u ôto era muito bom pa mim dimais u ôto meu marido u premero era
118	bom dimais pa mim só qu'ele bibia fia bibia muito (...)eu morava nu morada
119	nova nu tatu e eu ia tirava paxiúba batia paxiúba pa fazer a casa qui a casa
120	tava toda esculhambada aí eu fiz a casa fiz jirau fiz fogão fiz parede fiz tudo a
121	parede amarrada eu num sabia si tinha prego eu fazia era amarrar(...) rôpa
122	era difícil eu ter rôpa eu vim vê rôpa depois que minha fia era mulher(...) que
123	depois qui eu tive u Antônho eu num menstruei mais (...)

NARRATIVA B	AS FESTAS E A ROTINA DO CORTE DA SERINGA
01	Nasci aqui mesmo no estado de Porto Velho [16](...) maninha muitas coisa eu
02	lembrei da minha família do meu pai da minha mãe meu avô minha tia
03	entendeu tudo não tem mais perdeu meu pai perdeu meus irmão minha tia e
04	gente que vivi poraí a fora qui eu não sei mais que num vem aqui em casa(...)
05	eu passei muitos anos nu seringal mas eu tava lá numa boa num tinha nada de
06	medo eu não tinha medo de nada(...) eu tirava o cigarro fazia borracha(...) i u
07	marido ia pa pescaria eu ficava pa defumar o serviço todinho eu fiz tudo isso
08	cando era nova mais depois de velha já é já fiquei moca i sempre duente
09	duente (...) aí perdi metade du qui ouvia mas fazia tantas coisas(...) fe:::sta
10	gostava muito di festa dançá mamãe papai depois que mamãe criou eu... eu
11	gostava du siringal, du siringal eu gostava num tinha filho só eu i u marido i
12	nois ia tirá castanha i tirava borracha i tudo tudo mi ajudava tamém i ele era
13	ale::gre qui só tirava açaí pa nois cumê brincano ia pa festa dançava direto
14	mais era isso aí agora até pa mim falá eu tô ruim da minha boca mais nu tempo
15	qui eu era nova eu trabalhava custurava pa mim hoje eu já tive filhos nu
16	amazonas tive quato minha sogra qui morava nu mermo lugar que nois vivia i
17	eu sozinha (fazia o parto), mais'eu num tinha medo não cum treis quato cinco
18	dia já queria fazer alguma coisa mais u marido num dexava(...)malária tinha
19	muita malária maisi nunca peguei não graças a deus até hoje muitas coisas eu
20	esqueci muito mesmo tive dois filho nu seringal isso fais muito tempo mermo
21	depois foi que meu pai trabalhava na estrada de ferro eu lavava pa fora lavava
22	pa mim hoje em dia eu num faço nada deus tirou tudo (meus filhos) só tenho
23	dois (teve uma única filha viva a última filha que gerou morreu no ventre) e seis
24	filho aqui era só mato pa todo canto(...)Eu fazia defumava era uma vida muito
25	boa fazia sapato de borracha tem gente que achava que era de outra coisa

[16] A narradora quis fazer referência ao Estado de Rondônia e município de Porto Velho.

não era era de borracha mesmo linda mesmo i eu ia pra festa só gostava da borrachinha[17] ainda não tinha menino ainda eu trabalhava fazia as coisa in casa lavava rôpa fazia coisa pa vendê pa pagá paa tê dinheiro aí di noite festa tem in tal canto bora fulana? Bo::ra(...) a borracha era pa mandá pra fora, fazia um buraco ali assim nu chão cando acabar eles butavam pau i ia botando a vasilha i ia fazendo uma bolinha pequenininha i a fumaça cando dá fé cando a bicha ficava desse tamanho assim ia colocano aquele leite té formá um bolo desse tamanho era fácil demais de fazê dinheiro (...) passei foi muito tempo esse tempo num tinha filho ainda era só eu i meu marido(...)aí depois de fazê as coisa dava banho nos menino nesse tempo eu só tinha dois dái bo::ra pra festa daí os menino ficava em casa.(...) daí o pessoal queria fazê festa vamo fazer festa vamo aí comecemo dançano, dançano, dançano, cando um véi lá barrigudo cando ele chegô ele tava quereno se agarrá com a muié pa dançá né i u marido da muié(risos)deu brabo(...) aí pegaram um faca lá dento daí eu pulei do telhado da casa imbaxo digo eu vou morrer agora mas eu vi que deus me ajudou porque ali todo mundo gritando e a escada não dava pra ninguém subir aí eu cheguei e disse eu não morri porque deus não quis eu era nova eu num tinha medo não num tinha minino pequeno depois foi que eu tive mas ainda assim eu dexava meus filho deitado e ia pras festa (...)toda música que toca eu tô dançano esse tempo eu gostava de festa demais agora minhas perna já não dá mais (...)

NARRATIVA C	NASCIDA NO SERINGAL E A MUDANÇA PARA A CIDADE

Depois que eu cresci nós caçava com cachorro, nós matava bicho, acho que eu tinha uns 12 ano, 12 pra 13 ano, era por aí assim que quando eu saí de casa eu tinha 13 ano, era quando eu saí de casa, e lá no suvaco da velha, nós caçava, ia pra mata com cachorro, pra caçá bicho pra cumê, mas o pai não era assim tão... era porque ele era assim mermo...e depois que ele ficou velho, ele melhorou né... pois é aí nós sofremo um bucado, ele não era de batê, mamãe gostava, mas ele não, também quando ele batia, era três, quatro lapada só, era só o que ele fazia, ele matava os cachorrinhos (...) por causa desse comportamento dele eu tive que saí de casa, mais meu irmão, esse que até morreu, que minha mãe tava falando. Aí ele não queria que namorasse, ele não queria que eu tivesse papo com ninguém (...) não tinha perigo como tem agora, maninha, podia viver do jeito que quisesse num tinha ninguém, assim, eu morava numa colocação, a colocação era como daqui na BR, quando tinha uma outra mais perto, e o seringal ás vezes, era dois dia de viagem, as vez era três quatro hora. A vida no seringal, era assim, mermo, era sapato de borracha, percata de borracha, de seringa, tinha aquelas forma, aí fazia fogo no bujão, e defumava, e botando o leite, aí ia girando e defumando, aí tinha aquele relógio de primeiro, aquele relógio que disparava, era dessa altura assim, aí dava corda nele, quando era de madrugada, aí quando se levantava da cama mamãe tirava as roda, e daí ela ia fazer as percata pra nós, isso pra nós passiar (rsrsrs)isso pra nós passiar com essas percatas de borracha, aí ela

[17] Sapato/sapatinho de borracha: Sm. Denominação dada ao calçado confeccionado de látex pelo seringueiro para a proteção dos pés na atividade extrativista. Variação de sapato de seringa (MACÊDO, 2005, p. 97).

enfeitava tudinho, fazia as flor, na sandália, aí do jeito que ela fazia, ela cortava assim aquelas percatinha, um sapatinho né, aí a gente passava, e fazia sapato também, pra gente andar no mato, era assim, nós quando tava na companhia do meu pai, eu andava com a espingarda, levava a espingarda pra ele que ele era mateiro, ele cortava seringa, no mato, (...) eu culhia, catava sarrambi[18], mas cortá, nunca cortei, nunca acertei, pelejava pra acertar mas nunca conseguia, acerta, eu não acertava com a faca, num acertava corta de jeito nenhum, agora colhe eu colhia muito, acompanhava, na roça, na estrada, eu era quem ia levar a espingarda, carregar a espingarda, pra ele, era eu, ele se levantava duas hora da madrugada, no seringal, aí ele ia quebrar castanha, relá, pra butá na carne, pra cuzinhava, e agente levava a farofa pro mato, era assim, a vida era essa...Fazia aquela borracha, fazia o princípe[19], do princípe fazia a borracha, aí quando aquela borracha tava pronto, marcava ela, aí ou levava pro patrão, ou então levava pra vender pra ôto já, varava, ia vender pra oto, que ás vez, o patrão não tinha(...), já tava devendo muito o patrão, aí o patrão não queria comprar, queria ficar com a borracha, aí meu pai pegava butava nas costas, e já ia vender pra ôto, no ôto canto, era borracha, num entregava pra oto não, a gente culhia, quando chegava na boca da estrada a gente butava dentro de um saco de seringa, aí quando terminava de culhê tudo butava tudo dento do saco e amarrava com a liga, pra num derramar né, daí colocava nas costas e tocava pra casa, cum balde com tudo, tinha os balde tinha tudo de colhê, era assim... era assim. Ele trabalhava pra esse patrão, eu lembro do Seu Zé Ribeiro, já morreu, é um sinhô que já morreu, lembro dele, deixa eu vê qual era o oto, seu Camilo Norato, o Lídio, esses daí tudo eu lembro, (...) pois é nesses lugar tudinho nós cortava seringa, nós morava nas colocação, longe do depósito, (...) a colocação era uma casa no mato, como essa aqui, só que as vez tinha casa e as vez não tinha, as vezes era aquelas paia véia de urucuri, de sororó, pa fazer uma casa, pá fazer, uma coberta, nunca tive casa, nossas casa tudo era assim, casa véia de paia, fazia aquelas parede como minha mãe tava dizendo que era amarrada, fazia aquelas parede de paia, paia de urucuri, paia de jaci, era assim, ele chegava de tarde ia defumá, fazê a borracha, e ás vez, nós num tinha nada, nós cumia milho cuzido cum carne sem sal, porque no patrão num tinha né, nós cumia banana cuzida, banana verde cuzida sem sal, tudo isso nóis se alimentava com essas coisa, peixe, mamãe ganhava os igarapé, por essa época ficava secando, daí mamãe puxava aqueles peixe tudim, e pescava, levantava aquelas piabinha, desse tamanhinho, butava, ela na palha da banana, e assava aquilo aí pra nós cumê, sofremo muito, minha fia sofremo... hoje eu posso dizê que eu sô rica, é sô rica, é ficava esperando, farinha, vinha aquelas cabeça de farinha, aqueles panêro,[20] era dessa altura, eles forraram a farinha com aquela palha e custurava, com aquele cipó, com aquela tala, aquelas farinhazinha, chamava cabeça de farinha, aí vinha pra nós, aquela farinha velha podre, podre, meu Deus do céu, que só criança mermo cumia porque era o jeito, criança come, aí só era pirarucu e jabá, e a banha era dessas de lata, que assim, era banha de porco, vinha até o porco na lata, aí

[18] Sm. Sobras do látex que coalham, sendo utilizadas para banhar a borracha ou para acender o facho. É um tipo de borracha de má qualidade (MACÊDO, 2005, p. 97).

[19] Sm. Nome dado ao início da defumação da borracha. Variação de princípio (MACÊDO, 2005, p. 96).

[20] Sm. Denominação dada ao cesto de vime, com asas usadas pelo seringueiro para depositar farinha.Variação de paneiro (MACÊDO, 2005, p. 85).

sardinha, quando vinha pescado tinha muito, era que vinha, aquilo alí era o que tinha, nós cumia, quando acabava , acabou, mas como ele matava muita caça, ele caçava muito, matava muita caça, carne não faltava pra nós, mas o resto... vivi até 13, 14, 15, 16, 17 ano, até 17 ano eu vivi dentro dos mato, cum meu pai eu vivi até os 13 ano, na seringa, aí fui mora cum meu ti, meu ti tomo conta de mim, aí fui mora cum meu ti cortando seringa, colhendo também mais ele, na bera dessa BR, eles tavam fazendo essa BR aí, não tem muito tempo, na fazenda saberé, aí foi tempo que a mamãe vei, pra me busca, eu não quis ir, não aceitei mais né, devido o pai que ela tava cum pai ainda, aí uma senhora me pediu a ela, pra mim ir pra rua, pra mim ir pra Rio Branco, falou que ia me butá pra istudá, e me dá de tudo pra mim. Aí vim cum ela, foi um tempo perdido, mais num voltei pra casa, um tempo perdido por ter ficado com essa mulher, mais antes tê ficado com o meu tio lá, continua lá que tava mais melhor, sufri, sufri muito, eu passava fome, passava hora de comer, eu fui trabalhar com outra mulher, a mulher cortava os pedaço de carne dento da panela, eu falava pra minha filha " minha filha você nasceu com os pés e a bunda pra lua, eu sei o que sofri, mas num voltei pra dentro de casa, sufri, sufri, sufri, só nunca fiz foi apanhá, que toda vida fui atrevida, eu nunca fiz foi apanhá dos oto, mas sofrê fome, sofre falta de roupa, sofre as coisa, eu trabalhava, ninguém me dava nada não, trabalhava de graça, aí continuei, com 19 ano, eu arranjei um doido que era da polícia, era detetive, aí casei cum ele, fui vive cum ele, vivi cum ele dois ano, aí num deu certo, ele era ruim que só, comissário ruim, eu já larguei, fiquei só, aí foi tempo que passou, passou, aí fui no seringal, peguei a mamãe, levei lá pra Rio Branco, aí eu já tinha alugado um apartamento, aí levei a mamãe, o tonho era bem novinho, pequenininho, quando eu levei a mamãe, aí eu sei que andando por lá, encontrei cum o pai dessa daí, que já tinha sido meu namorado quando eu já tinha 10 ano, no seringal, na bera do rio do inquiri, namorei com ele, ele já era velho, já era maduro ele, aí papai descobriu, se arranquemo assim de repente, deixamo tudo, até meu irmão ficô, esse meu irmão que mora em Rio Branco, ai com muito tempo, lá se incrontemo, lá em Rio Branco, aí ele me viu pronto... cumeçamo namora de novo, aí fumo vive, foi quando saí gestante do primeiro minino que mataro, aí fomo pra dentro do mato de novo, cortá seringa de novo, eu mais ele, cortá seringa, passar necessidade, o bicho era cearense, mas cearense, eu tinha filho nenhum não, eu tava gestante do Ribamar, maninha, eu não sei se ele vei pra cá por causa da seringa, ou porque ele matou alguém, ele era daquela época da borracha, do soldado da borracha, aí vivi cum ele 16 ano, essa menina era pequenininha, fiquei pouco tempo no seringal, fiquei muito tempo não mais ele, que ele não gostava de trabalhá, só quem trabalhava era eu, cum bucho pela boca, desse minino que morreu, que era o primeiro, ia pra dentro do roçado, no sol quente, relá milho, um dia eu relava milho, oto dia batia feijão, pra pude compra as coisa do minino, que era qualquer coisa que era paninho estampado, que era essa coisa, que não era como hoje em dia, a gestante procura a fralda mais cara, Jonson, eu não era pano, chita, era assim, camisinha, as camisinha era eu mermo que fazia, aí tive ele, tive ele no seringal, tive com a parteira, aí quase morro, quando ele já tava com um ano, um ano e pouco, lá eu engravidei do Silvio, desse que tá em Rio branco ai lá fui sofrer também, lá ele voltou a marretar, aí lá eu tive o menino se não fosse a mulher que tava lá, eu tinha tido o menino sozinha, por isso que eu tenho raiva de home sivirino, marretar é enche um (...) aí bota um ramachim

nas costas, no seringal, enche o ramachim[21] de mercadoria, de fazenda, de calça, de cinturão, de tudo, aí se manda no mundo e ia vendê, sumia, e eu cum bucho pra acolá, sem nada também, sem nada, aí quando ele chegou eu já tinha ganhado o menino, tava cum o meu e os três dele, ele tinha três, aí eu saí do seringal, vim pa rua de novo, aí eu vim pra rua né, já com os dois menino, aí ele comprou uma banca, botou uma banca de verdura, vender batata, tomate, cebola, tudo essa coisas, de mercado, aí ele começou a vender as coisas, aí eu meu Deus daí eu comprava carne de cabeça, de cabeça de boi, porque eu não podia comprar carne que prestasse, sinceridade, aí eu comecei eu disse: vô fazer um comercinho aqui, vô trazendo as coisa de poquin, aí eu trazia 4 maçã, 4 tomate, 4 batata, comprava uma garrafa de cachaça, e assim, assim que eu comecei né, assim que eu comecei, aí por fim eu já tinha dois comércio, ai lutando, aí aluguei um comércio grande, aí fui trabalhar no comércio né, e lá ele largô lá, e veio pra onde eu tava, foi o fim da picada, porque ele roubava tudo, e tirava pras conta, aí só dava briga, e canto que dá briga não tem felicidade de jeito nenhum, até que aí eu adoeci, eu fiquei louca, aí foi preciso ir pra Manaus o médico me botou pra lá, aí ele ficou...

NARRATIVA D	A INFÂNCIA NO SERINGAL E OUTRAS HISTÓRIAS

Era assim, pra antibiótico, naquele tempo era penicilina né, não tinha bezetacil, não, naquele tempo era penicilina, então era remédio pra verme, penicilina e camuquim que era uma pílula muito amarga, amarelinha ela, pra dor de cabeça era o melhoral, melhoral não podia faltar. E era assim, Então, a gente não adoecia muito, aí as vezes que meu pai dizia assim, que tava sentindo uma dor, de cansaço né, ai a gente tirava leite de castanha e comia, fazia aquela paçoca aquele negócio todo. Então a gente não tinha doença assim, num via ninguém doente, as doença era, impaludismo, essa era a doença da época, tirando isso, graças a Deus né. Com relação a mulher a minha mãe foi uma mulher que teve filhos assim , teve o primeiro, com 8 anos teve a outra, era mulher que demorava né, mas a convivência da minha mãe com meu pai era uma convivência que nunca ouvi eles brigar, palavrão nem pensar, palavrão deu o livre, ninguém ouvia, tinha aquele radinho de pilha né, muito pouco, se ouvia pouco, o que a mamãe achava que não era pra ouvir desligava, e a minha mãe era pra lavar, cozinhar, e fazer tudo certinho, tudo que tinha era pouco mermo, era arroz, feijão, carne de caça, ninguém comia carne de gado, que não tinha mesmo, quando meu pai matava uma caça, assim chegava, ela limpava, tratava, cuidava daquilo e fome a gente não passava, tinha de tudo né, então minha mãe era pra isso. E em relação ajudar, meu pai, era quando, na época da castanha a gente ia pra ajudar a juntar, quer dizer a gente trabalhava né também, e colher aquela maderinha né, pra fazer, cuidar, pra colocar dentro do forno né, aonde fazia borracha né, papai tirava, chamava na época cavaco, juntava, enchia e trazia os saco, aquela ajuda que minha mãe fazia pro meu pai era essa, aquela preocupação, era trazia e ela preparava, comida ele caçava, lá pra tirar a castanha a gente ia junto com ele no mato pra juntar os ouriço que ficava debaixo das castanheiras, a gente fazia o monte pra ele quebrar né, mas as ajuda que ela fazia era isso, e eu também, e tirando disso, plantar um

[21] Sf. Tipo de utensílio utilizado para carregar o balde nas costas (MACÊDO, 2005, p. 82).

alimento, uma banana, um pé de banana, a verdura não faltava, lembro que tomate, pimentão e cebolinha, não faltava onde a gente ia, era primeira coisa que a minha mãe fazia e já levava uns franguin pra criar, né, um porco, uma coisa assim, então era esse o cuidado que agente tinha, agente não tinha nada, roupa se tinha 4 peça era muito, ,mas a gente era feliz, ninguém brigava, ninguém vivia brigando com ninguém, era uma coisa boa, as amizade era assim né, porque ficava longe, a moradia mais perto dava uma hora e meia, se acontecesse alguma coisa, a pessoa dava um tiro, atirava né, fazia o sinal com um tiro, a gente ouvia que estava acontecendo alguma coisa. Quando nascia um neném se era homem, se era mulher era dois tiro mulher, se era homem era três tiro " olha fulano teve neném e é homem", vamo visitar, vamo tomar um vinho e agente ia, mas era uma coisa bacana, isso foi a minha criação, certo que eu lembro que houve muitas coisas feias nos seringais, do patrão mandar eliminar, mas isso com meu pai nunca aconteceu, graças a Deus. E então, pescar a gente ia pescar junto, foi desse jeito, a gente só ia participar da festa de 7 setembro que era na casa do patrão, ano novo, e só; natal, eu não lembro, que ter natal assim , mas o 7 de setembro a gente ia e ano novo, era na casa do patrão, tinha danças, mas a minha mãe não participava, nunca participou, a gente via e tudo, mas a gente não participava, bebedeira, meu pai não bebia, né, então a minha criação foi essa, mas de ter, tinha, bebida tinha sim , não era cerveja não. Era cachaça pura, álcool puro, que eles tomavam mas, em relação a minha criação não teve, graças a Deus por isso que eu acho que até hoje eu não gosto de bebida. Essa época do seringal, eu fiquei junto com os meus pais até uns 11 anos, aí eu precisava estudar, ah uma coisa ótima, a minha mãe me ensinou a ler e a escrever, ela levava aquelas cartilhinhas , né, pela bíblia, a bíblia que era o livro que a minha mãe me ensinava a ler e a escrever a luz de vela acendia uma uma lamparina né, aí aquilo era quase todo dia, eu lembro que era quase todo dia no seringal né, é tanto quando eu fui para escola eu já tava alfabetizada né, sabia ler né ela falava a palavra e escrevia letra de forma e escrevia manuscrito que era pra mim aprender, porque na cartilha vai tudo certinho, quando ela vinha em Guajará que era o seringal que nós ia era Paccas novos, era Rio Cautário, que a gente ia né, então quando, nós vinha do seringal pra receber o pagamento e meu pai ia fazer as comprinhas em Guajará minha mãe já colocava aquele livro para alfabetizar, quer dizer aquela cartilha do abc, aí quando eu fiquei até 11 anos aí já comecei já foi em Guajará no Simão Bolívar até segunda série. E aí fiquei com meus pais, mas eu casei muito jovem eu acho que eu estava com 16 anos mas eu era muito assim, a minha criação era muito assim , criada assim bem mesmo, namorou vai ter que casar com quem namorou, não tinha esse alisa alisa não, e nem cutucar por debaixo da mesa, mas isso já foi em Guajará na Colônia já foi outra etapa, mas a minha mãe ela me ensinou assim, na primeira menstruação eu não sabia ela não falava para mim, quando eu vi aquilo me assustei, comecei foi chorar ,"ai mãe acho que eu dei uma queda e me machuquei" "eu não sei o que foi", sei que eu falei isso, lembro que falei isso, aí ela não disse nada, já foi fazer um chá e já foi dizendo o que era para mim comer e não comer , não chupa limão com sal e nem melancia, peixe de couro, não sei mais o que, não sei mais o que. Só que hoje em dia é bem diferente, eu tava com 13 anos 14 anos mas isso já foi na colônia a minha criação com a minha mãe era essa, a

minha mãe fazia isso que eu falei. A alimentação assim saudável que eu lembro que meu pai fazia uma compra do patrão ele só comprava era farinha, açúcar, café e sal né, aquilo era pra dá pros seis meses dentro mato, no verão né, porque quando chegava o inverno tinha que ir embora, e naquele tempo não era óleo, era banha comprava umas lata para seis meses ,a gente tirava óleo de Castanha, óleo do Pequi, como que o pequi tem um óleo saudável por sinal muito gostoso , toda mata tem, eles cai também no chão, aí tem que quebrar igual castanha, muito gostoso, muito gostoso daí colocava nas garrafas de vidro garrafa, de plástico né, aí para gente comer tantos dias, durava muito não estragava né, minha criação na mata, nessa época era assim, tinha mulheres que fazia serviço de homem, cortando castanha pra tirar leite, mas só que minha mãe não, meu pai tinha mais cautela com minha mãe, e minha mãe era muito assim, não deixava eu só , eu queria fazer as coisas , mas eu era danadiiinha, eu não era danada de namorá, mas era de quere fazer as coisas que o meu pai fazia . Minha mãe não me deixava em casa de ninguém o meu pai falava que a criança quando dorme ela não vê nada não sente nada, pode pegar ela levar de um canto para outro, eu lembro que ele falava isso né. Desse jeito né, eu quis criar minha filha assim, mas não deu muito certo não. mas a minha mãe tirava o óleo do coco babaçu também é gostoso demais , pra tirar era o mesmo processo, ele é também ralado igual tira o leite da castanha que a minha mãe tirava da castanha para fazer o leite bem forte e aquela nata eu sei que aquilo ali sai o óleo que é uma delícia muito gostoso, então a gente comia muito essas coisas , açúcar comia muito pouco por que meu pai dizia que se faltava não tinha onde comprar, agora o milho, o cuscuz ralado, com o leite de castanha, não faltava,. Um dia meu pai matou um macaco, e tirou o filhote que estava dentro já estava mortinho né, daí ele cortou o rabinho do bichinho, peladinho, parecia um neném, aí minha mãe chamou atenção do meu pai, que ele não era pra matar mais macaco, aí nós num comia, agora, a paca não podia faltar, os bicho do mato, porco, veado, só eram os bicho que a gente mais comia, era paca, e olha, hoje em dia você, deixa um frango ali, vem a mosca, antes, não, colocava a carne no sol, era assim , meu pai matava, aquele negócio todinho, salgava dentro de uma bacia grande, ele ficava dentro da salmoura, ali ficava de 10 a 15 dias, aquela carne, nós comendo aquilo ali né, aquilo ali mamãe tirava com uma ponta de pau, pra não passar a sujeira da mão, escaldava e fazia, não estragava, quando queria secar, estendia, e era a carne de sol, que era pra fazer socado no pilão pra fazer paçoca de carne, com farinha, aquela farinha bem sequinha, e hoje, em dia se não tiver geladeira ninguém vive, só que o tempo não era desse jeito não, era diferente, eu só vivia com roupa de manga comprida, e sei lá, eu não sentia calor como agente sente hoje, a anta era um bicho grande, papai matava um bicho daquele, ai meu Deus, a mamãe tirava aquelas carne, fazia o assado na panela, mas não era aquele assado na panela… era dentro de uma lata ela botava a carne, assava e ó, ó (gesto de estalar os dedos). Então tudo o que a gente comia era coisa fresquinha não era coisa estragada, hoje em dia, você vai numa feira dessa você não aguenta com o cheiro do peixe, não era essas coisas, como hoje tem várias opções, ah eu quero uma pizza, eu quero um lasanha, eu quero um churrasco de não sei o que , queijo então, eu não lembro que eu comia queijo, na minha infância não lembro, acho que eu vim conhecer queijo

depois, queijo foi um tipo de alimentação que eu não recordo, doce que a gente comia era goiabada, só goiabada, então a minha criação eu recordo muito bem que eu era feliz, era assim , minha mãe conversava comigo, meu pai conversava comigo, contava história, com a idade que eu tenho e que me lembro dessas coisas, é que a gente ouvia, sabia ouvir e rir, sorrir, com minha família meu pai e minha mãe não falavam coisa assim como prostituição, eles tinham muito cuidado comigo, as poucas pessoas que faziam visita que era quando o patrão mandava alguém pra buscar o que meu pai fazia a seringa não deixava conversar com ninguém não era não deixar assim não era uma proibição assim “não vá”, era um cuidado cumigo, só me protegendo, né eu graças a Deus, não tive esse negócio de assédio e ser violentada graças a deus se eu falar que tive eu tô mentindo mas eu acho que é porque era muito obidientinha, minha mãe não me liberava mesmo né, então isso pra mim na minha vida né, não tem preço, agora tive problema já depois que eu casei, que eu comecei a ter filho, já encontrei barreira com os companheiros, com os esposos aí tem alguma coisa que fica a desejar, já não foi tão perfeito, ma:is eu tenho meus filhos né sou feliz por isso, tenho meus altos e baixo, mas graças a Deus eu tenho meus filhos e minhas filhas hoje em dia já tenho bisneto e eu acho que o filho do Francisco vai me dá um tataraneto, eu acho que vai, que o menino tá crescendo demais sou feliz pela minha saúde porque não vivo acamada graças a Deus nunca tive doenças, a outra coisa é por estar aqui conversando com você isso não tem preço eu relembrando coisas de quando eu tinha 5 6 7 8 anos e hoje eu tenho 71 anos, faz bastante tempo você pergunta alguma coisa de alguém que tem 40 ano ele não lembra, são poucos que lembram, eu não sei o porque, é a agitação que é demais agora né, sou feliz pelo emprego que Deus me deu quando eu tinha 23 anos, depois dessas coisas todinhas fui agraciada por Deus que meu estudo era muito pouquinho e me deram um emprego eu fui concluir o magistério ainda depois de 33 anos 34 anos que eu terminei, por causa do meu emprego que exigia que eu estudasse, mas aquela quarta série que eu deixei, que eu fiz, ela me ajudou muito, porque quando eu fui fazer o logos 2 eu concluí em 1 ano e três meses, por aí assim, comecei lendo a bíblia, primeiros passos das letras foi pela bíblia até porque era o livro que tinha lá em casa notícia era só pelo radio papai gostava de ouvir aquela hora sertaneja, era quando ele saia cedo pra trabalhar mas então não tem coisa melhor do mundo do que a gente ter o que contar, os jovens hoje não tem o que contar, você vai conversar com uma filha um filho ou um neto assunto só de internet não desmenorizando ninguém mas é o assunto da época né, então ninguém pode mudar ninguém o que mais minha mãe falava era historinhas de crianças, contava história do chapeuzinho vermelho essa eu enjoei de ouvir, não é que eu enjoei mas eu ouvia daí não sei se eles inventavam da onça, do macaco que enganava a onça, quando a lua tava clara, agente sentava no terreiro, e a gente conversava, mas não entrava nenhum assunto de maldade de assédio né não existia, assim ... num falava né, as vezes quando se juntava negócio de umas cumadre né, mas lá no barracão né, de lá não saia, minha mãe era mulher de pouca conversa, lá em Guajará eu lembro do Miranda Cunha vixe o Miranda Cunha e um tal de Luis Lucindo, essi Luis Lucindo era ruim, ele mandou matar muita gente, isso falo de boca aberta mermo índio então, ele matava se ele fosse com a cara da mulher, do seringueiro, ele mandava matar, pra ficar com a mulher, o

202	Lucindo, aí de Guajará, agora o seu Miranda cunha não, era respeitado tudo,
203	a única coisa, era ele era ruim assim, não dava, não facilitava nada, só
204	paga o que o cara ganhava e só vendia o que ele tinha condições de pagar,
205	já o Lucindo era mais aberto, ele fazia aquelas festas de sete de setembro, a
206	mesa dele era bem grande e tinha de tudo, mas ele tinha esse lado aí, ele
207	tinha os capanga dele, um chamava-se Zacaria e o outro era Marcemino eles
208	eram pistoleiros dele, só que isso não aconteceu com nois não graças a
209	deus minha mãe era uma mulher muito reservada não era de muita conversa
210	meu pai não bebia e por ela falar da bíblia eu acredito que ela já era uma
211	crente não praticava por que não tinha onde ir.

6. ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Como objetivo primordial para a análise interpretativa, as quatro narrativas serão analisadas e investigadas de acordo com as características da teoria de Bruner (1997), com ênfase na característica de nível alto 1 – Diacronicidade narrativa e 5 – Canonicidade e Violação. Observaremos a partir de agora a Diacronicidade narrativa presente nos relatos registrados.

6.1 CARACTERÍSTICA DE NÍVEL ALTO 1 – DIACRONICIDADE NARRATIVA

Nesta subseção 6.1 serão apresentados comprovantes da Diacronicidade narrativa nas quatro narrativas do corpus de análise; foram selecionados seis fragmentos de cada narrativa que comprovam o funcionamento do pensamento narrativo em relação a uma sequência temporal que segue uma ordem construída pela memória das narradoras a medida que os fatos vão sendo narrados.

6.1.1 Narrativa A

Aponta para uma sequência temporal que se inicia a partir do evento do nascimento da narradora, porém, assim como defende Bruner (1991), o tempo dessa sequência não é um tempo cronológico, mas um tempo humano, psicológico, onde os fatos se conectam uns aos outros a medida em que a memória vai se tornando mais fluida. Percebe-se que não existe uma sequência linear, em vários momentos da narrativa são retomados eventos já narrados anteriormente, no entanto, sempre há acréscimos de eventos que não haviam sido lembrados. É possível perceber ainda que embora os fatos se interponham uns aos outros a narrativa não é prejudicada em sua compreensão, cada um dos cinco fragmentos apresentados a seguir apresentam uma ordem sequencial do assunto lembrado pela

narradora de início, meio e fim. As palavras em negrito marcam a sequenciação dos acontecimentos.

> *I)* ***Nasci*** *in Cachueira di Barro,* ***mi criei*** *nu Acre* ***andei*** *pu todo canto, já virei pu todo canto até pa Petrolina fui lá pu Quinze, pu todo canto minha fi:nha eu andei por todo canto* ***meu pai é du Ciará*** *meu pai era du Ciará agora* ***quando vei pa cá****,* ***daqui ele faleceu né*** *foi imbora morreu meu pai puque morreu morreu nu amazona morreu nu amazona* ***i eu*** *eu não* ***eu inda tô puraqui, virano (risos)*** (NARRATIVA A, linha 1-5).
> *II)* ***A minha mãe eu num cunheci*** *fiinha eu num cunheci mãe eu não cunheci mãe eu* ***morei*** *morava* ***na casa du meu padin meu ti meu ti me judiô muito*** *muito judiô* ***qui ainda sinto firida puraqui*** *qui ele me judiô a sinhora qué vê a firida? Mi judiô dimais meu padin meu pai meu padin i meu ti aí ele me judiô muito* ***foi tempo qui meu pai chegô aí ele deixou di mi judiá*** *aí eu tenho firida puraqui tudin qui ele me judiou meu padin meu ti era Francisco Pereira da Silva* ***morava no seringal*** *fia lá nu Inquiri lá nu inquirí já ixi* ***desde criança desd'eu pequena eu trabalhava no seringal eu fui pu Acre*** *onde tava a minha madrasta* ***daí eu vim pa casa dele eu tinha quato ano cando vim pa casa dele*** *[...]* ***Aí foi tempo qui meu pai morreu eu fiquei sem pai fiquei sem mãe fiquei sem nada*** *eu não cunheci mãe eu só cunheci pai mãe* ***eu num conheci minha mãe*** *minha mãe tava no Amazona, [...] na Extrema minha mãe morreu ali: ali não...* ***eu num sei aonde ela morreu não*** *num sei não ma fia onde ela morreu eu sei que:e ela morreu mas não sei onde ela morreu* ***fiquei sem mãe fiquei sem pai fiquei sem tudo aí fui pra companhia da minha fia*** *qu'é essa minha fia aí* (l. 5 -19).
> *III)* ***Quando o pai dele morreu****, ele não fez conta de i lá onde tava o pai né, a****í foi fazê num sei o qu****ê [...]* ***o prego furou o oi dele****,* ***ele só tem um oi****, o oto é furado, minha fia,* ***pois é...*** (l. 28-30).
> *IV)* ***Eu cortava seringa****, eu cortava seringa no quinze, lá no lugar onde nós morava,* ***nós fazia jirau****, pa cortá lá em cima (risos),* ***eu queria tirá leite****, eu queria era leite, fazia jirau, pra me trepá, pra mim cortar lá em cima,* ***eu tirava cavaco****,* ***cortava,*** *e* ***defumava,*** *era eu, e meu marido* ***cando tava já grande****,* ***cando tava da grossura de uma lata de querosene, ele pedia emprestado*** *[...],* ***aí eu ficava sem nada,*** *ficava sem nada* (l. 43-48).
> *V)* ***onça, ainda eu cheguei vê****, mas ela não viu onde eu tava não, eu vi ela, mas ela não viu onde eu tava não,* ***eu bati numa lata pá ela ir imbora****, o povo diz que a gente cando vê uma onça bate numa lata e ela pula né, aí eu vi ela (..)* ***ela vei****, mas é veado... pintado né, é um veado (..) é um bicho, é uma paca, não era,* ***aí o bichim trouxe a lata****,* ***eu bati ela pulou pra trás, foi simbora, mais era uma onça, era uma onça que era uma enorme minha fia, foi imbora*** *[...]* (l. 73-78).
> *VI)* ***Eu dançava no São Dumingo****, era um lugar chamado São Domingo* ***no seringal****, era* ***três ou 4 noite, nois dançava****.* ***Eu ia mais ele (marido)*** *mas ele não gostava de dançá, agora esse derradeiro marido... esse aí já gostava de dançá,* ***o derradeiro marido achava muito bom dança,*** *mai o oto não,* ***o oto não gostava de dançá não****, [...] Graças a deus minha fia* ***fui muito feliz no meu casamento, porque meu pai morreu , eu tava cum 14 anos, daí num teve quem me aprontasse né, aí a mulher do seu pereira sobrinho, foi quem me apronto, foi ela, foi que deu o sapato, deu o trancilin (cordão) foi a mulher do seu pereira sobrinho, casei no civil, no Remansin, no lugar chamado Remansin*** *[...] (* ***vivi com ele oito anos e separei****) porque eu era doida, porque eu era doida fia (risos), é...é...porque a pessoa que tá cum marido tão bom , meu marido era bom demais pra mim e eu deixei? Era porque eu era doida né? Eu num tinha juízo não, meu juízo tava debaixo do pé, no solado do pé.* ***Eu me separei porque ele bebia minha fia, ele bebia cachaça, mas não é por isso não... é porque... tinha esse oto na agulha né e deixei pelo oto, mas me arrependi minha fia...me arrependi grande,*** *me arrependi, esse oto? Ave*

> *maria, deus o livre,* ***esse oto só deus sabe o meu sofrimento, só deus sabe o sofrimento que passei cum ele, tinha dia que ele tacava o pé em mim me derrubava da rede eu ficava no pé da rede, da casa, cum menino no braço, daí terminava, aí ele cumia e ele ia cortá, eu ia pá minha rede me deitá,*** *era... era assim minha fia, o meu (marido) era ruim, era ruim mesmo,* ***ele era ruim até pros filho ele era ruim****, num era muito bom não, tépos filhos dele era ruim,* ***ele tirava um caneco de farinha e dava pa sete criança, pá sete minino cumê, um caneco de farinha, aí eu ia moiava, nesse tempo essa minha fia já era grande, moiava e tirava pá cada um um bocadin,*** *esse era ruim, ele não era bom não, ele era ruim demais,* ***eu num larguei ma fia... porque eu gostava dele, eu gostava muito dele*** *[...]* ***mas me arrependi porque ele era marginal, ele era marginal, eu não sabia que ele era assim, o outro era muito bom pra mim demais, o outro meu marido o premero era bom demais pra mim, só que ele bebia fia, bebia muito*** *[...]* (l. 83-107).

6.1.2 Narrativa B

A seguir, os cinco fragmentos da narrativa B, comprovam o tipo de sequência narrativa que segue uma lógica: os fatos passados são apresentados sempre em comparação com o momento presente ao da narrativa, desse modo observa-se que a sequência temporal acontece seguindo um ciclo de retorno do passado ao presente.

> *I)* ***Nasci*** *aqui mesmo no estado de "Porto Velho" [...] maninha, muitas coisas,* ***eu lembrei*** *da minha família, do meu pai, da minha mãe, meu avô, minha tia, entendeu tudo,* ***não tem mais****, perdeu meu pai, perdeu meus irmãos, minha tia, e gente que vive por aí a fora que eu não sei mais,* ***que não vem aqui em casa*** *[...]* (NARRADORA B, linhas 1-4).
> *II)* ***Eu passei muitos anos no seringal****, mas eu tava lá numa boa não tinha nada de medo.* ***Eu não tinha medo*** *de nada, [...]* ***eu tirava o cigarro, fazia borracha*** *[...] e* ***o marido ia pra pescaria eu (fico) ficava pra defumar, o serviço todinho****, eu fiz tudo isso quando era nova,* ***mas depois de velha já é, já fiquei moca e sempre doente, doente*** *[...] aí perdi metade do que ouvia, mas fazia tantas coisas [...]* (l. 4-8).
> *III)* ***Eu gostava do seringal****, do seringal eu gostava, não tinha filho, só eu e o marido,* ***e nós ia tirar castanha, e tirava borracha, e tudo, tudo me ajudava também****, e ele era alegre que só,* ***tirava açaí pra nós comer, brincando, ia pra festa, dançava direto****, mas era isso aí,* ***agora até pra mim falar eu tô ruim da minha boca****, mas* ***no tempo que eu era nova eu trabalhava****,* ***costurava pra mim****, hoje* ***eu já tive filhos no amazonas, tive 4, minha sogra que morava no mesmo lugar que nós vivia e eu sozinha (fazia o parto) , mas eu não tinha medo não, com três, quatro cinco dias, já queria fazer alguma coisa mas o marido não deixava*** (l. 9 -16).
> *IV)* ***Aqui era só mato pra todo canto*** *[...]****. Eu fazia defumava, era uma vida muito boa, fazia sapato de borracha,*** *tem gente que achava que era de outra coisa não era, era de borracha mesmo, linda mesmo,* ***e eu ia pra festa só gostava da borrachinha (da sandália) ainda não tinha menino ainda, eu trabalhava, fazia as coisas em casa, lavava roupa, fazia coisa pra vender, pra pagar, pra ter dinheiro aí de noite, festa tem em tal canto, bora fulana? bora;*** *a borracha era pra mandar pra fora,* ***fazia um buraco ali assim no chão, quando acabar eles botavam pau e ia botando a vasilha e ia fazendo uma bolinha pequenininha e a fumaça quando dá fé quando a bicha ficava desse tamanho assim, ia colocando aquele leite até formar um bolo desse tamanho, era fácil***

> ***demais de fazer dinheiro*** *[...]* ***passei foi muito tempo, esse tempo não tinha filho ainda, era só eu e meu marido*** *[...]* (l. 21-31).
> *V)* ***Aí, depois de fazer as coisas, dava banho nos menino****, nesse tempo eu só tinha dois,* ***dái bora pra festa, daí os menino ficava em casa.*** *[...] daí o pessoal queria fazer festa, vamo fazer festa, vamo* ***aí comecemo dançando, dançando, dançando, quando um véi lá barrigudo, quando ele chego, ele tava querendo se agarrar com a mulher, pra dançar né, e o marido da muié (rsrsrs) deu brabo*** *[...]* ***aí pegaram um faca lá dentro, daí eu pulei do telhado da casa embaixo, digo, eu vou morrer agora, mas eu vi que deus me ajudou, porque ali todo mundo gritando, e a escada não dava pra ninguém subir, aí eu cheguei e disse eu não morri porque deus não quis, eu era nova, eu não tinha medo não, não tinha minino pequeno, depois foi que eu tive, mas ainda assim, eu deixava meus filho deitado e ia pras festa*** *[...]* ***toda música que toca eu tô dançando, esse tempo eu gostava de festa demais, agora minhas pernas já não dá mais*** *[...]* (l. 31-41).
> *IV)* ***Malária, tinha muita malária, mas nunca peguei não,*** *graças a deus, até hj, muitas coisas eu esqueci, muito mesmo.* ***Tive dois filhos no seringal****, Isso faz muito tempo mesmo, depois foi que meu pai trabalhava na estrada de ferro,* ***eu lavava pra fora, lavava pra mim, hj*** *em dia eu não faço nada,* ***deus tirou tudo (meus filhos), só tenho dois*** *(teve uma única filha viva, a última filha que gerou morreu no ventre)* ***dos seis filhos*** (l. 16-21).

6.1.3 Narrativa C

A lógica de sequenciação temporal da narrativa C segue o percurso do que a narradora considera mais relevante contar, porém em cada fragmento é possível perceber que a diacronicidade está presente no modo como narração acontece mantendo sempre a ideia do que se quer evidenciar.

> *I) Pois é aí* ***nós sofremo um bucado****, ele não era de batê, mamãe gostava, mas ele não, também* ***quando ele batia, era três, quatro lapada só, era só o que ele fazia, ele matava os cachorrinhos*** *[...]* ***por causa desse comportamento dele eu tive que saí de casa, mais meu irmão,*** *esse que até morreu, que minha mãe tava falando. Aí* ***ele não queria que namorasse, ele não queria que eu tivesse papo com ninguém*** *[...]* (NARRADORA C, l. 5-10).
> *II)* ***A vida no seringal, era assim,*** *mermo, era sapato de borracha, percata de borracha, de seringa, tinha aquelas forma, aí* ***fazia fogo*** *no bujão, e* ***defumava,*** *e botando o leite, aí ia* ***girando e defumando****, aí tinha aquele relógio de primeiro, aquele relógio que disparava, era dessa altura assim, aí dava corda nele,* ***quando era de madrugada****, aí quando se levantava da cama mamãe tirava as roda, e daí ela ia fazer as percata pra nós, isso pra nós passiar (rsrsrs)isso pra nós passiar com essas percatas de borracha, aí ela enfeitava tudinho, fazia as flor, na sandália, aí do jeito que ela fazia, ela cortava assim aquelas percatinha, um sapatinho né, aí a gente passava, e fazia sapato também, pra gente andar no mato, era assim,* ***nós quando tava na companhia do meu pai,*** *eu andava com a espingarda,* ***levava a espingarda pra ele*** *que ele era mateiro, ele cortava seringa, no mato, [...] eu culhia, catava sarrambi, mas corta, nunca cortei, nunca acertei, pelejava pra acertar mas nunca conseguia, acerta,eu não acertava com a faca, num acertava corta de jeito nenhum, agora colhe eu colhia muito, acompanhava, na roça, na estrada,* ***eu era quem ia levar a espingarda,*** *carregar a espingarda, pra ele, era eu,ele* ***se levantava duas hora da madrugada, no seringal****, aí ele ia quebrar castanha, relá, pra butá na carne, pra cuzinhava, e agente levava a farofa pro mato,* ***era assim, a vida era essa*** (l. 13-30).

> *III)* ***Aí quando aquela borracha tava pronto****, marcava ela, aí ou levava pro patrão, ou então levava pra vender pra ôto já, varava, ia vender pra oto, que ás vez, o patrão não tinha [...],* ***já tava devendo muito o patrão****, aí o patrão não queria comprar, queria ficar com a borracha,* ***aí meu pai pegava butava nas costas, e já ia vender pra ôto****, no ôto canto, era borracha, num entregava pra oto não, a gente culhia,* ***quando chegava na boca da estrada a gente butava dentro de um saco de seringa, aí quando terminava de culhê tudo butava tudo dento do saco e amarrava com a liga****, pra num derramar né, daí colocava nas costas e tocava pra casa, cum balde com tudo,* ***tinha os balde tinha tudo de colhê, era assim... era assim*** (l. 31-38).
> *IV)* ***Vivi até 13, 14, 15, 16, 17 ano, até 17 ano eu vivi dentro dos mato,*** *cum meu pai eu vivi até os 13 ano, na seringa,* ***aí fui mora cum meu ti, meu ti tomo conta de mim****, aí fui mora cum meu ti cortando seringa, colhendo também mais ele, na bera dessa BR, eles tavam fazendo essa BR aí, não tem muito tempo, na fazenda saberé,* ***aí foi tempo que a mamãe vei, pra me busca, eu não quis ir****, não aceitei mais né, devido o pai que ela tava cum pai ainda,* ***aí uma senhora me pediu a ela,*** *pra mim ir pra rua, pra mim ir pra Rio Branco,* ***falou que ia me butá pra istudá****, e me dá de tudo pra mim. Aí vim cum ela,* ***foi um tempo perdido, mais num voltei pra casa****, um tempo perdido por ter ficado com essa mulher, mais antes tê ficado com o meu tio lá, continua lá que tava mais melhor,* ***sufri, sufri muito, eu passava fome, passava hora de comer, eu fui trabalhar com outra mulher,*** *a mulher cortava os pedaço de carne dento da panela, eu falava pra minha filha " minha filha você nasceu com os pés e a bunda pra lua,* ***eu sei o que sofri, mas num voltei pra dentro de casa, sufri, sufri, sufri, só nunca fiz foi apanhá, que toda vida fui atrevida, eu nunca fiz foi apanhá dos oto, mas sofrê fome, sofre falta de roupa, sofre as coisa,eu trabalhava, ninguém me dava nada não, trabalhava de graça*** (l. 62-67).
> *V)* ***Aí continuei, com 19 ano****, eu arranjei um doido que era da polícia, era detetive,* ***aí casei cum ele, fui vive cum ele****, vivi cum ele dois ano,* ***aí num deu certo****, ele era ruim que só, comissário ruim,* ***eu já larguei****, fiquei só, aí foi tempo que passou, passou,* ***aí fui no seringal, peguei a mamãe, levei lá pra Rio Branco****, aí eu já tinha alugado um apartamento, aí levei a mamãe, o tonho era bem novinho, pequenininho, quando eu levei a mamãe* (l. 77-82).
> *VI) Aí eu sei que andando por lá, encontrei cum o pai dessa daí, que já tinha sido meu namorado quando eu já tinha 10 ano, no seringal, na bera do rio do inquiri, namorei com ele, ele já era velho, já era maduro ele, aí papai descobriu, se arranquemo assim de repente, deixamo tudo, até meu irmão ficô, esse meu irmão que mora em Rio Branco, ai com muito tempo, lá se incrontemo, lá em Rio Branco, aí ele me viu pronto... cumeçamo namora de novo, aí fumo vive, foi quando saí gestante do primeiro minino que mataro, aí fomo pra dentro do mato de novo, cortá seringa de novo, eu mais ele, cortá seringa, passar necessidade, o bicho era cearense, mas cearense, eu tinha filho nenhum não, eu tava gestante do Ribamar, maninha, eu não sei se ele vei pra cá por causa da seringa, ou porque ele matou alguém, ele era daquela época da borracha, do soldado da borracha, aí vivi cum ele 16 ano, essa menina era pequenininha, fiquei pouco tempo no seringal, fiquei muito tempo não mais ele, que ele não gostava de trabaiá, só quem trabalhava era eu* (l. 82-94).

6.1.4 Narrativa D

É possível observar que a Diacronicidade narrativa presente nos fragmentos apresentados a seguir segue um percurso semelhante aos das narrativas anteriores. O tempo psicológico é o tempo da memória. No momento em que as lembranças

vão surgindo a narrativa vai se construindo e se organizando em torno de uma lógica de sequenciação que própria narradora constrói em sua mente e reproduz em sua fala.

> *I)* ***E era assim,*** *então,* ***a gente não adoecia muito****, aí as vezes que* ***meu pai dizia*** *assim,* ***que tava sentindo uma dor****, de cansaço né,* ***ai a gente tirava leite de castanha e comia****,* ***fazia aquela paçoca*** *aquele negócio todo.* ***Então a gente não tinha doença*** *assim, num via ninguém doente****, as doença era, impaludismo****, essa era a doença da época,* ***tirando isso, graças a deus né*** (NARRADORA D, l. 1-8).
>
> *II) Com relação à mulher,* ***a minha mãe foi uma mulher que teve filhos*** *assim , teve o primeiro, com 8 anos teve a outra, era mulher* ***que demorava né****, mas* ***a convivência da minha mãe com meu pai era uma convivência que nunca ouvi eles brigar****, palavrão nem pensar, palavrão deu o livre, ninguém ouvia, tinha aquele radinho de pilha né, muito pouco, se ouvia pouco, o que a mamãe achava que não era pra ouvir desligava, e* ***a minha mãe era pra lavar, cozinhar, e fazer tudo certinho,*** *tudo que tinha era pouco mermo, era arroz, feijão, carne de caça, ninguém comia carne de gado, que não tinha mesmo,* ***quando meu pai matava uma caça, assim chegava, ela limpava, tratava cuidava daquilo e fome a gente não passava, tinha de tudo né, então minha mãe era pra isso*** (l. 8-17).
>
> *III) A gente não tinha nada, roupa se tinha 4 peça era muito,* ***mas a gente era feliz, ninguém brigava, ninguém vivia brigando com ninguém****, era uma coisa boa, as amizade era assim né, porque ficava longe,* ***a moradia mais perto dava uma hora e meia****,* ***se acontecesse alguma coisa, a pessoa dava um tiro,*** *atirava né, fazia o sinal com um tiro, a gente ouvia que estava acontecendo alguma coisa.* ***Quando nascia um neném se era homem, se era mulher era dois tiro mulher, se era homem era três tiro*** *" olha fulano teve neném e é homem", vamo visitar, vamo tomar um vinho e agente ia, mas era uma coisa bacana, isso foi a minha criação,* ***certo que eu lembro que houve muitas coisas feias nos seringais, do patrão mandar eliminar****,* ***mas isso com meu pai nunca aconteceu, graças a Deus****. E então, pescar a gente ia pescar junto, foi desse jeito,* ***a gente só ia participar da festa de 7 setembro que era na casa do patrão, ano novo, e só****; natal, eu não lembro, que ter natal assim , mas o 7 de setembro a gente ia e ano novo, era na casa do patrão,* ***tinha danças, mas a minha mãe não participava, nunca participou, a gente via e tudo, mas a gente não participava****, bebedeira, meu pai não bebia, né,* ***então a minha criação foi essa****, mas de ter, tinha, bebida tinha sim , não era cerveja não, era cachaça pura, álcool puro, que eles tomavam mas, em relação a minha criação não teve, graças a Deus por isso que eu acho que até hoje eu não gosto de bebida* (l. 28-44).
>
> *IV) Mas a minha mãe ela me ensinou assim, na primeira menstruação eu não sabia ela não falava para mim, quando eu vi aquilo me assustei, comecei foi chorar, "ai mãe acho que eu dei uma queda e me machuquei" "eu não sei o que foi", sei que eu falei isso, lembro que falei isso, aí ela não disse nada, já foi fazer um chá e já foi dizendo o que era para mim comer e não comer , não chupa limão com sal e nem melancia, peixe de couro, não sei mais o que, não sei mais o que* (l. 60-66).
>
> *V) [...]* ***A alimentação assim saudável*** *que eu lembro que meu pai fazia uma compra do patrão ele só comprava* ***era farinha, açúcar, café e sal*** *né,* ***aquilo era pra dá pros seis meses dentro mato, no verão né, porque quando chegava o inverno tinha que ir embora****, e naquele tempo não era óleo, era banha comprava umas lata para seis meses ,a gente tirava óleo de Castanha, óleo do Pequi, como que o pequi tem um óleo saudável por sinal muito gostoso , toda mata tem, eles cai também no chão, aí tem que quebrar igual castanha, muito gostoso, muito gostoso daí colocava nas garrafas de vidro garrafa, de plástico né, aí para gente comer tantos dias,*

> *durava muito não estragava né,* ***minha criação na mata, nessa época era assim, tinha mulheres que fazia serviço de homem****, cortando castanha pra tirar leite,* ***mas só que minha mãe não, meu pai tinha mais cautela com minha mãe, e minha mãe era muito assim, não deixava eu só , eu queria fazer as coisas*** *, mas eu era danadiiinha, eu não era danada de namorá, mas era de* ***quere fazer as coisas que o meu pai fazia*** *[...] mas a minha mãe tirava o óleo do coco babaçu também é gostoso demais , pra tirar era o mesmo processo, ele é também ralado igual tira o leite da castanha que a minha mãe tirava da castanha para fazer o leite bem forte e aquela nata eu sei que aquilo ali sai o óleo que é uma delícia muito gostoso, então a gente comia muito essas coisas , açúcar comia muito pouco por que meu pai dizia que se faltava não tinha onde comprar, agora o milho, o cuscuz ralado, com o leite de castanha, não faltava* (l. 68-89).
> *VI)* ***Um dia meu pai matou um macaco, e tirou o filhote que estava dentro já estava mortinho né, daí ele cortou o rabinho do bichinho, peladinho, parecia um neném, aí minha mãe chamou atenção do meu pai, que ele não era pra matar mais macaco,*** *aí nós num comia, agora, a paca não podia faltar, os bicho do mato, porco, veado, só eram os bicho que a gente mais comia, era paca [...]* ***era assim , meu pai matava, aquele negócio todinho, salgava dentro de uma bacia grande, ele ficava dentro da salmoura****, ali ficava de 10 a 15 dias, aquela carne, nós comendo aquilo ali né,* ***aquilo ali mamãe tirava com uma ponta de pau, pra não passar a sujeira da mão, escaldava e fazia, não estragava****,* ***quando queria secar, estendia, e era a carne de sol, que era pra fazer socado no pilão pra fazer paçoca de carne, com farinha, aquela farinha bem sequinha****, e hoje, em dia se não tiver geladeira ninguém vive, só que o tempo não era desse jeito não, era diferente [...]* ***a anta era um bicho grande, papai matava um bicho daquele,*** *ai meu Deus,* ***a mamãe tirava aquelas carne, fazia o assado na panela, mas não era aquele assado na panela… era dentro de uma lata*** *ela botava a carne, assava e ó, ó (gesto de estalar os dedos).* ***Então tudo o que a gente comia era coisa fresquinha não era coisa estragad****a [...] eu não lembro que eu comia queijo, na minha infância não lembro, acho que eu vim conhecer queijo depois, queijo foi um tipo de alimentação que eu não recordo, doce que a gente comia era goiabada, só goiabada* (l. 89-114).

Conforme Bruner (1991) uma narrativa é uma exposição de eventos que ocorrem com o passar do tempo. O autor afirma que a narrativa é irredutivelmente durativa. Dessa maneira comprova-se pelos fragmentos destacados e pela sequência de ações, marcadas em negrito, de cada narrativa que os eventos narrados ocorrem seguindo padrões fundamentais que ocorrem no tempo, porém um tempo psicológico baseado na memória individual que cada narradora possui de seus relatos. A seguir será observado em que situações e de que modo a característica Canonicidade e violação surge em cada narrativa.

6.2 CARACTERÍSTICA DE NÍVEL ALTO 5 – CANONICIDADE E VIOLAÇÃO

Bruner (1991) afirma que para uma sucessão de eventos ser considerada uma narrativa, não basta apenas que ela seja diacrônica, particular e envolvida por estados intencionais. Ela precisará que um enredo canônico seja quebrado, ou seja,

que uma expectativa ou um padrão social em torno de um determinado comportamento cultural seja violado para que de fato se constitua numa narrativa, em uma história que se torne apta a ser contada. Partindo desse entendimento serão apresentados a seguir fragmentos de cada narrativa em que se observa a canonicidade e/ou a violação aos padrões pré-estabelecidos socialmente na cultura em relação aos contratos conjugais, familiares e sociais, levantados no aporte teórico.

6.2.1 Canonicidade

Serão apresentados abaixo fragmentos das narrativas em que se apresentam essa característica narrativa. A Canonicidade é uma característica narrativa que é retratada quando numa história não há quebras de expectativas, ou os eventos acontecem seguindo certa normalidade e dentro daquilo que possa ser aceitável culturalmente. Desse modo a canonicidade é revelada nesses fragmentos no modo comum e linear em que se dá o cotidiano no seringal, os eventos relatados nos fragmentos selecionados não possuem quebra de expectativa, ou seja, não apresentam anormalidades no que se refere aos aspectos estabelecidos culturalmente em relação à vida no seringal amazônico.

É possível observar que a Canonicidade reflete em situações comuns ao dia a dia no seringal; o processo de coleta, extração e defumação do látex ocorre de maneira semelhante nos relatos apresentados, assim como o hábito de coletar castanha para alimento e pedaços de madeira para a defumação. É o que se comprova nos fragmentos que seguem:

> *I) Eu cortava seringa, eu cortava seringa no quinze, lá no lugar onde nós morava, nós fazia jirau, pa cortá lá em cima (risos), eu queria tirá leite, eu queria era leite, fazia jirau, pa me trepá, pa mim cortá lá em cima (...) Eu tirava cavaco, cortava, e defumava, era eu, e meu marido cando tava já grande, cando tava da grossura de uma lata de querosene...* (NARRADORA A , l .45-47).

> *II) eu gostava do seringal, do seringal eu gostava, não tinha filho, só eu e o marido, e nós ia tirar castanha, e tirava borracha, e tudo, tudo me ajudava também, e ele era alegre que só, tirava açaí pra nós comer, brincando, ia pra festa, dançava direto, mas era isso aí (...) a borracha era pra mandar pra fora, fazia um buraco ali assim no chão, quando acabar eles botavam pau e ia botando a vasilha e ia fazendo uma bolinha pequenininha e a fumaça quando dá fé quando a bicha ficava desse tamanho assim, ia colocando aquele leite até formar um bolo desse tamanho...* (NARRADORA B, l. 9-12 e l. 26-30).

> *III) a vida era essa...Fazia aquela borracha, fazia o principi, do principi fazia a borracha, aí quando aquela borracha tava pronto, marcava ela, aí ou levava pro patrão, ou então levava pra vender pra ôto (...)A vida no seringal, era assim, mermo, era sapato de borracha, percata de borracha, de seringa, tinha aquelas forma, aí fazia fogo no bujão, e defumava (...)* (NARRADORA C l.33-37, 15-16).

> *IV) E em relação ajudar, meu pai, era quando, na época da castanha a gente ia pra ajudar a juntar, quer dizer a gente trabalhava né também, e colher aquela maderinha né, pra fazer, cuidar, pra colocar dentro do forno né, aonde fazia borracha né, papai tirava, chamava na época cavaco, juntava, enchia e trazia os saco, aquela ajuda que minha mãe fazia pro meu pai era essa (...)* (NARRADORA D, l.16-21).

Ainda em observação a essa característica no fragmento selecionado da narradora B, pode-se constatar que ela era feliz em seu casamento e que até gostava da vida no seringal quando não tinha filhos e o seu marido que era um homem alegre a ajudava em tudo, estavam sempre juntos nas tarefas do dia a dia, seja no corte da seringa, na coleta dos frutos ou nas festas quando dançavam. Os fragmentos selecionados na narrativa B apontam para uma realidade bem distinta da narrativa A.

> *e ele era alegre que só, tirava açaí pra nós comer, brincando, ia pra festa, dançava direto, mas era isso aí Era fácil demais de fazer dinheiro (...)* (NARRADORA B, l. 9-12 , l. 26-30).

A narradora B relembra o tempo do seringal como um tempo muito bom para ela, em que as rotinas do dia a dia eram realizadas com satisfação, o marido era um companheiro que a ajudavam em tudo sempre muito alegre. As festas, para a narradora, faziam parte do cotidiano no seringal, tanto que, mesmo depois dos filhos nascerem não deixavam de participar e, para ela, esse foi um tempo em que era fácil ganhar dinheiro. Nesse contexto apresentado, não é possível identificar quebra nos padrões morais estabelecidos para família, pois a harmonia e o respeito aos limites são facilmente identificados no relato. Porém pode-se perceber que a narrativa B apresenta uma realidade que quebra uma expectativa em relação ao que se espera de uma vida no seringal segundo o que se conhece e se apresenta geralmente sobre o seringal – uma vida sofrida, penosa em que não há motivos para se alegrar ou se divertir. Na narrativa apresentada é revelado o contrário, pessoas felizes, satisfeitas e que sabiam aproveitar os bons momentos da vida. Cabe aqui uma reflexão a respeito dessa ideia construída em torno do seringal como um espaço de condições sub-humanas. Percebe-se que essa ideia não pode ser

absoluta e a narrativa B abre a possibilidade para se pensar no seringal numa outra perspectiva.

Outra situação frequente e corrente era adoecerem de malária (impaludismo[22]), essa doença chegava até causar a morte de muitos seringueiros, porém nos relatos analisados uma narradora afirma ter adoecido várias vezes e duas afirmam que, mesmo presenciando muitas pessoas ao seu redor adoecendo frequentemente, elas não tiveram a doença. Algo comprovado nos fragmentos citados a seguir:

> *I) Eu tive malária? Vixe até demais minha fia, eu tive tanta malária que caguei (risos)* (NARRADORA A, l. 78 -80).
> *II) Malária, tinha muita malária, mas nunca peguei não, graças a deus, até hj*, (NARRADORA B, l 18-19.).
> *III) as doenças era, impaludismo, essa era a doença da época, tirando isso, graças a Deus né (...)* (NARRADORA D, l 08-09.).

A narrativa D descreve uma vida no seringal que assemelha ao modo de vida da narradora B, e se diferencia das narrativas A e C. A narradora conta que a convivência familiar era agradável, o pai e a mãe não eram dados a festas, brigas e bebedeira.

> *mas a convivência da minha mãe com meu pai era uma convivência que nunca ouvi eles brigar, palavrão nem pensar, palavrão deus o livre, ninguém ouvia, tinha aquele radinho de pilha né, muito pouco, se ouvia pouco, o que a mamãe achava que não era pra ouvir desligava, e a minha mãe era pra lavar, cozinhar, e fazer tudo certinho, tudo que tinha era pouco mermo, era arroz, feijão, carne de caça, ninguém comia carne de gado, que não tinha mesmo, quando meu pai matava uma caça, assim chegava, ela limpava, tratava, cuidava daquilo e fome a gente não passava, tinha de tudo né, então minha mãe era pra isso. E em relação ajudar, meu pai, era quando, na época da castanha a gente ia pra ajudar a juntar, quer dizer a gente trabalhava né também, e colher aquela maderinha né, pra fazer cuidar, pra colocar dentro do forno né, aonde fazia borracha né, papai tirava chamava na época cavaco, juntava, enchia e trazia os saco, aquela ajuda que minha mãe fazia pro meu pai era essa, aquela preocupação, era trazia e ela preparava, comida ele caçava, lá pra tirar a castanha a gente ia junto com ele no mato pra juntar os ouriço que ficava debaixo das castanheiras, a gente fazia o monte pra ele quebrar né, mas as ajuda que ela fazia era isso, e eu também, e tirando disso, plantar um alimento, uma banana, um pé de banana, a verdura não faltava, lembro que tomate, pimentão e cebolinha, não faltava onde a gente ia, era primeira coisa que a minha mãe fazia e já levava uns franguin pra criar, né, um porco, uma coisa assim, então era esse o cuidado que agente tinha, agente não tinha nada, roupa se tinha 4 peça era muito, ,mas a gente era feliz, ninguém brigava, ninguém vivia brigando com ninguém, era uma coisa boa* (NARRADORA D, l.11-34).

[22] Doença contagiosa causada por um protozoário parasito dos glóbulos vermelhos do sangue, do gênero *Plasmodium*, sendo transmitida por um mosquito das regiões quentes e pantanosas, o anófele; malária. (Disponível em <<https://www.dicio.com.br/impaludismo>> Acesso 09/12/2020)

O pai trabalhava no corte da seringa e a mãe, diferente das mulheres das narrativas anteriores, ficava em casa, cuidando dos filhos, cultivando a agricultura de subsistência e não precisava sair com marido para o corte da seringa; segundo a narradora o pai nutria certo cuidado com a mãe e fome eles não passavam.

Esse modelo de família exemplificado no relato da narradora D encontra fundamento em Perrot(2007, p.109)) em se tratando da função da mulher no meio familiar, a autora demonstra que ela era formada para os papéis de mulher, mãe, dona de casa e esposa; não passando de ajudante do marido .

Porém, apesar de viver uma convivência familiar tranquila no seringal, a narradora ressalta que fora do espaço familiar, havia sim festas e muita bebedeira no entorno onde viviam, em que se bebia álcool puro, também tinha o conhecimento de seringalistas que usavam da violência para conseguirem o que queriam, quando queriam ficar com a mulher de alguém, mandavam matar o marido e por essa razão os pais viviam muito reservados e cuidadosos, aproveitando a distância que havia entre uma colocação e outra. Nesse último relato a canonicidade em relação à convivência familiar se sustenta no que se referem aos papéis que se encontram definidos: o pai busca o sustento, protege a família e a mãe encarrega-se do cuidado com o lar, a produção dos alimentos e a criação dos filhos. No entanto, no espaço fora dos limites da família, visualiza-se a partir da narrativa um cenário funesto, porém típico das histórias contadas nas mais variadas literaturas sobre o seringal e que nutre a ideia de um lugar marcado por conflitos de interesses e violência.

6.2.2 Violação

Segundo Bruner (2007), o que caracteriza uma boa narrativa não são os acontecimentos corriqueiros e ordinários, mas sim eventos que quebram expectativa e rompem com o cânone, violando regras e modelos pré-estabelecidos culturalmente. Dessa maneira, a análise dos fragmentos a seguir, servirá para demonstrar vários eventos em que a violação se desvela.

Em análise a narrativa A, é possível identificar eventos comprovadores de violação da Canonicidade. Enquanto que, no interior de uma sociedade ocidental espera-se que no seio familiar haja um sentimento de partilhamento, cuidado,

proteção e sustento, assim como descreve Lévi-Strauss (1972) “com membros devidamente unidos por laços legais, direitos e obrigações econômicas e religiosas”, os fragmentos selecionados apontados vários indícios em que essa expectativa em torno do ambiente familiar sofre quebras em relação ao sentimento de respeito e proteção:

> *meu padin, meu ti, meu ti me judiou muito, muito judiou, que ainda sinto firida por aqui que ele me judiou, a senhora quer vê, a firida? Me judiou demais meu padrinho, meu pai, meu padin e meu ti, aí ele me judiou muito, foi tempo que meu pai chegô, aí ele deixou de me judiá, aí eu tenho firida por aqui tudin, que ele me judiou meu padin, meu ti, era Francisco Pereira da Silva, morava no seringal fia, lá no Inquiri, lá no inquirí, já, ixi, desde criança, desd’eu pequena, eu trabalhava no seringal, eu fui por Acre, onde tava a minha madrasta, daí eu vim pra casa dele, eu tinha quatro anos quando vim pra casa dele* (l. 7-14).

A narradora relata, que desde a idade de quatro anos sofreu maus tratos e violência por parte de seu tio que recebeu a responsabilidade de cuidar dela enquanto o pai estava fora, nesse relato ela ressalta que mesmo depois de tanto tempo ainda carregava as cicatrizes no corpo dos espancamentos a que era submetida.

Por outro lado, segundo os estudos Perrot (2007) nos séculos XVIII, XIX e início do XX, a quantidade de mulheres que apanhavam de seus maridos era imensa. Bater na mulher e nos filhos era considerado normal e bem tolerado pela vizinhança (p. 48 e p. 77). Dessa forma é compreensível que ninguém interferisse nos maus tratos do tio para com a sua enteada, já que essa atitude era considerada comum e normal no meio familiar.

Nos fragmentos que se seguem a Narradora A conta que aos catorze anos, após a morte de seu pai ela foi dada em casamento ao seu primeiro marido que segundo ela, era muito bom, mas se separou dele para casar-se com o segundo que diferente do primeiro, gostava de dançar, porém mesmo vivendo com ele até a sua morte se arrependeu de ter deixado o primeiro marido para ficar com segundo, por ser esse último muito ruim para ela e para os filhos. Foi espancada, roubada por ele no trabalho da seringa, e, como pai não se preocupou em sustentar a família que passou muita fome no meio do seringal.

> *[...] ele pedia emprestado [...], aí eu ficava sem nada* (l 45-47).
> *A pessoa mais duente que tinha era eu, e depois que meu marido morreu, fiquei boa, num tenho mais doença, graças a deus, [...]* (l. 78 -80).
> *[...] casei no civil, no Remansin, no lugar chamado Remansin [...] (vivi com ele oito anos e separei) porque eu era doida, porque eu era doida fia,(risos)*

> *é...é...porque a pessoa que tá cum marido tão bom , meu marido era bom demais pra mim e eu deixei? Era porque eu era doida né? Eu num tinha juízo não, meu juízo tava debaixo do pé, no solado do pé. Eu me separei porque ele bebia minha fia, ele bebia cachaça, mas não é por isso não... é porque... tinha esse oto na agulha né e deixei pelo oto [...]* (l.100-104)

Os relatos comprovam novamente a violação dos padrões comportamentais morais estabelecidos dentro de uma sociedade. Aquilo que se espera de um pai é que ele proteja, sustente, seja provedor do necessário para sua família, porém o que se encontra nos relatos é o inverso dessa expectativa, uma sequência de maus tratos, violência e abandono, um quadro contrário do que é aceitável culturalmente, de acordo com o código positivo de conduta.

O casamento da narradora aos 14 anos é algo que Perrot (2007) denominou como “casamentos arranjados”. No relato aparece como algo comum e justificável pela orfandade acometida à Narradora A.

> *[...] mas me arrependi minha fia...me arrependi grande, me arrependi. Esse oto? Ave maria, deus o livre, esse oto só deus sabe o meu sofrimento, só deus sabe o sofrimento que passei cum ele, tinha dia que ele tacava o pé em mim me derrubava da rede eu ficava no pé da rede, da casa, cum menino no braço, daí terminava, aí ele cumia e ele ia cortá, eu ia pá minha rede me deitá, era... era assim minha fia, o meu (marido) era ruim, era ruim mesmo, ele era ruim até pros filho ele era ruim, num era muito bom não, tépos filhos dele era ruim, ele tirava um caneco de farinha e dava pa sete criança, pá sete minino cumê, um caneco de farinha, aí eu ia moiava, nesse tempo essa minha fia já era grande, moiava e tirava pá cada um um bocadin, esse era ruim, ele não era bom não, ele era ruim demais, eu num larguei ma fia... porque eu gostava dele, eu gostava muito dele [...] mas me arrependi porque ele era marginal, ele era marginal, eu não sabia que ele era assim, o outro era muito bom pra mim demais, o outro meu marido o premero era bom demais pra mim, só que ele bebia fia, bebia muito [...]* (l. 89-107).

Outrossim, podem-se considerar alguns fatores que apontam para uma realidade no interior seringal bem distinta da qual viviam as pessoas das cidades no período em questão. O primeiro fator está nas condições em que os seringueiros eram submetidos: Na narrativa analisada observa-se que o lugar onde cada seringueiro vivia com sua família era muito longe entre uma colocação e outra, a uma distância que o impossibilitava ao convívio com outras pessoas que não fossem sua própria família.

Outro importante fator a se considerar era o acesso à alimentação que, no seringal, era muito mais escasso, só havia comida após a “venda” da seringa para o seringalista e este tinha o poder de dar o valor que bem entendia tanto para as mercadorias quanto para a seringa, deixando, na maioria dos casos, os seringueiros

endividados – era o chamado sistema de aviamento[23], situação que levava os trabalhadores que tinham suas esposas e filhos procurarem por alimentos no interior da mata, numa atividade coletora e caçadora, encontrando sempre a castanha e animais selvagens que amenizavam a necessidade alimentar.

Dessa forma, condutas de violência e abusos apesar de serem absolutamente inaceitáveis do ponto de vista legal e social, no interior dos seringais eram consideradas comuns, pois predominava a lei daquele que detinha mais poder, o patrão seringalista. Predominava o imperialismo e a cultura da opressão. Numa relação de dominação o seringalista exercia domínio sobre o seringueiro e o seringueiro, em muitas ocasiões, exercia sua força sobre a mulher.

Diante desses fatores nota-se uma estreita relação dessa narrativa às muitas outras que apresentam o seringal como um lugar hostil, desumano e repleto de dificuldades, reforçando a narrativa histórica do seringal. Nesse sentido, é possível interpretar essa narrativa numa perspectiva dual, ou seja, comprovam-se as características de Violação quando nos fragmentos apontados na narrativa A há quebras dos padrões aceitáveis de conduta estabelecidos pela sociedade como: maus tratos, violência doméstica física e psicológica e privação de alimentos. Por outro lado, quando esses mesmos fatos narrados são considerados como eventos comuns e corriqueiros para aqueles que viviam no interior da floresta a Canonicidade narrativa pode ser apontada como característica em relação à narrativa histórica sobre os seringueiros.

Em análise a narrativa C observa-se que a Narradora C presenciou muitas vezes seu pai cometendo maus tratos com os animais e praticando violência psicológica com os filhos, é o que se pode comprovar no fragmento a seguir:

> *[...] mas o pai num era assim tão... era porque ele era assim mermo...e depois que ele ficou velho, ele melhorou né... pois é aí nós sofremo um bucado, ele não era de batê, mamãe gostava, mas ele não, também quando ele batia, era três, quatro lapada só, era só o que ele fazia, ele matava os cachorrinhos [...] por causa desse comportamento dele eu tive que saí de casa, mais meu irmão, esse que até morreu, que minha mãe tava falando* (l. 4-10).

No fragmento abaixo a Narradora C conta o que o pai dela fazia para conseguir vender a seringa e como era o alimento que chegava para a família:

[23] um sistema onde o seringueiro era induzido ao consumo para sobreviver na selva, e esse consumo tornava-o trabalhador cativo do seringalista, seu servo. (PEREIRA 2012, p. 238).

> *[...] já, varava, ia vendê pra oto, que ás vez, o patrão num tinha [...] já tava devendo muito o patrão, aí o patrão não queria comprar, queria ficar com a borracha(..., e ás vez, nós num tinha nada, nois cumia milho cuzido cum carne sem sal, porque no patrão num tinha né, nós cumia banana cuzida, banana verde cuzida sem sal, tudo isso nóis se alimentava com essas coisa, pêxe, mamãe ganhava os igarapé, por essa época ficava secando, daí mamãe puxava aqueles pêxe tudim, e pescava, levantava aquelas piabinha, desse tamaninho, butava, ela na palha da banana, e assava aquilo aí pra nós cumê, sofremo muito, minha fia sofremo... hoje eu posso dizê que eu sô rica, é sô rica, é ficava esperando, farinha, vinha aquelas cabeça de farinha, aqueles panêro, era dessa altura, eles forrava a farinha com aquela palha e custurava, com aquele cipó, com aquela tala, aquelas farinhazinha, chamava cabeça de farinha, aí vinha pra nois, aquela farinha velha podre, podre, meu Deus do céu, que só criança mermo cumia porque era o jeito, criança cumê* (l. 35-64).

Ao analisar os fragmentos selecionados da narrativa C observa-se uma narrativa semelhante aos acontecimentos relatados na narrativa A. Aos treze anos de idade a narradora fugiu de casa por causa dos maus tratos e violência do pai, refugiou-se na casa de um tio até conseguir ir para a cidade. A saída para a cidade, afirma Perrot (2007, p. 136), era vista como uma libertação para as mulheres, uma oportunidade de viver uma nova realidade longe da vida que estavam destinadas no campo. Dessa forma, quando a narradora C fala do seu interesse em ir para cidade ela acreditava que fora do seringal as oportunidades seriam diferentes.

Ela narra também que presenciou momentos em que o pai precisou esconder-se do patrão a quem devia para receber pela seringa por outro comprador, alimentava-se muito mal e sempre ajudava acompanhando o pai no corte da seringa. Um relato que comprova novamente a violação aos comportamentos esperados pela sociedade, porém entra em concordância com a narrativa do senso comum construída no decorrer dos anos sobre o seringal, como um espaço construído ausente de regras morais pré-estabelecidas, em que cada família se organizava validada por seus próprios acordos, ou submissão a uma condição de abuso.

Em análise às narrativa B e D não se encontram relatos de violência no seio familiar, porém há relatos nessas narrativas que comprovam que a vida no seringal era cheia de cobiça, perigos e homicídios:

> *aí comecemo dançando, dançando, dançando, quando um véi lá barrigudo, quando ele chego, ele tava querendo se agarrar com a mulher, pra dançar né, e o marido da muié (rsrsrs) deu brabo [...] aí pegaram um faca lá dentro, daí eu pulei do telhado da casa embaixo, digo, eu vou morrer agora, mas eu vi que deus me ajudou, porque ali todo mundo gritando, e a escada não dava pra ninguém subir, aí eu cheguei e disse eu não morrei porque*

> *deus não quis, eu era nova, eu não tinha medo não, não tinha menino pequeno, depois foi que eu tive, mas ainda assim, eu deixava meus filho deitado e ia pras festa [...]toda música que toca eu tô dançando, esse tempo eu gostava de festa demais, agora minhas pernas já não dá mais [...]* (NARRADORA B, l. 37-46).

> *[...] às vezes quando se juntava negócio de umas cumadre né, mas lá no barracão né, de lá não saía, minha mãe era mulher de pouca conversa, lá em Guajará eu lembro do Miranda Cunha , vixe o Miranda Cunha, e um tal de Luis Lucindo, esse Luis Lucindo era ruim, ele mandou matar muita gente, isso falo de boca aberta mesmo, índio então, ele matava, se ele fosse com a cara da mulher, do seringueiro, ele mandava matar, pra ficar com a mulher, o Lucindo, aí de Guajará, agora o seu Miranda cunha não, era respeitado tudo, a única coisa, era ele era ruim assim, não dava, não facilitava nada, só paga o que o cara ganhava e só vendia o que ele tinha condições de pagar, já o Lucindo era mais aberto, ele fazia aquelas festas de sete de setembro, a mesa dele era bem grande e tinha de tudo, mas ele tinha esse lado aí, ele tinha os capanga dele, um chamava-se Zacaria e o outro era Marcemino, eles eram pistoleiros dele, só que isso não aconteceu com nós, não graças a deus, minha mãe era uma mulher muito reservada, não de muita conversa, meu pai não bebia, e por ela falar da bíblia eu acredito que ela já era uma crente, não praticava por que não tinha onde ir* (NARRADORA D, l. 151-164).

O que se pode perceber a partir dessas análises é que em duas das narrativas A e C, características narrativas de violação dos padrões estabelecidos socialmente no seio familiar são evidentes, por outro lado, nas outras duas narrativas B e D, a canonicidade é preservada no interior das famílias. Todavia, é fato que em todas as quatro narrativas o cenário apresentado do seringal de forma geral é bem semelhante, mesmo constando em duas narrativas situações que não são comuns aos registros tradicionais que contam a história desse período na Amazônia, é possível observar que em todas, as mulheres exercem a função de provedora das necessidades dos membros da família, seja trabalhando no corte da seringa, seja cultivando suprimentos de subsistência, plantando banana, cheiro verde, tomate, criando galinhas, porcos, confeccionando calçados de borracha, extraindo óleo dos cocos nativos, construindo sua própria casa a partir das madeiras encontradas na mata– a *paxiúba,*[24] confeccionando os próprios utensílios domésticos, pescando, resistindo e encontrando soluções para as dificuldades diárias dentro da floresta amazônica. Aqui comprova-se a partir das análises das narrativas o que Wolf (2001) afirma sobre a presença das mulheres no seringal, a autora defende que por meio de várias fontes de pesquisa foi possível saber que a realidade vivida pelas mulheres não era bem da maneira como muitas histórias

[24] [Botânica] Espécie de palmeira (Iriartea exorrhiza); castiçal. Variação de baxiúba (Disponível em<<https://www.dicio.com.br/paxiuba>> acesso 09/12/2020).

contavam, que embora até pudessem ser vistas por alguns como mercadorias, as mulheres, dentro das possibilidades colocadas para elas naquele contexto histórico-cultural, “tomavam também suas decisões, resistiam à violência, escolhiam seus parceiros e improvisavam sua sobrevivência numa situação em que seu trabalho não parecia ter valor algum. (WOLF 2001, p 31).

Em sequência será possível identificar, a partir das narrativas, traços de identidade (representações sociais) que permeiam todo o desenrolar das narrativas, pistas que ajudaram a desenhar mesmo que de forma sutil, as várias representações das narradoras. Baseando nas teorias apresentadas pelos autores do aporte teórico, além dos traços representativos, serão examinados aspectos da memória individual e coletiva, bem como os aspectos culturais que emergiram nas narrativas.

6.3 TRAÇOS DE MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA E ASPECTOS REPRESENTATIVOS E CULTURAIS ANALISADOS NAS NARRATIVAS

a) Memória

Halbwach (2003, p. 41) ressalta a possibilidade de admitir que” um número enorme de lembranças reapareça em uma pessoa porque os outros a fazem recordá-las”. Segundo ele,

> há que se concordar que mesmo não estando esses outros fisicamente presentes se pode falar em memória coletiva quando a pessoa evoca um fato que tivesse um lugar na vida de um grupo que ela via, e vê ainda agora, no momento em que se recorda, do ponto de vista desse grupo.

De acordo com esse pensamento, podem-se observar nos relatos apresentados nessa análise que as recordações de cada narradora são memórias individuais que atuam também como uma representação coletiva do que se viveu naquela época, dos valores, costumes, experiências, imagens registradas em suas mentes que pertencem não apenas a cada mulher como indivíduo, mas também a todas as outras que compartilharam das mesmas experiências no interior do seringal amazônico.

Momentos como coleta e preparação dos alimentos, o trabalho no corte da seringa, os períodos menstruais, os partos, os casamentos precoces, as festas nos barracões, a construção de suas próprias casas, a dor pela morte dos filhos, a fome, a busca por alimento no meio da mata, o medo da morte, as doenças, a violência

são eventos que fazem das memórias individuais partes da memória coletiva no seringal amazônico.

Halbwach (2003) salienta que cada memória individual é “um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali se ocupa e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que se estabelece com outros ambientes” (HALBWACH, 2003 p. 69). Pode-se comprovar o pensamento de Halbwach em duas narrativas analisadas, como se vê:

> *[...] ai com muito tempo, lá se incrontemo, lá em Rio Branco, aí ele me viu pronto... cumeçamo namora de novo, aí fumo vive, foi quando saí gestante do primeiro minino que mataro,* ***aí fomo pra dentro do mato de novo****, cortá seringa de novo, eu mais ele, cortá seringa,* ***passar necessidade*** (NARRADORA C, l.96-99).

Na fala da narradora C comprova-se que o ponto de vista em relação ao seringal, parte da experiência que ela teve vivendo na cidade. No momento em que ela sai do seringal pela primeira vez para morar no centro urbano e depois retorna para o seringal seu ponto de vista em relação ao lugar em que nasceu e viveu sua infância é influenciado pelas relações que ela estabeleceu em outros ambientes. Para ela o retorno ao seringal definitivamente era sinônimo de passar necessidade.

> *[...] só eram os bicho que a gente mais comia, era paca, e olha,* ***hoje em dia você, deixa um frango ali, vem a mosca, antes, não,*** *colocava a carne no sol, era assim , meu pai matava, aquele negócio todinho, salgava dentro de uma bacia grande, ele ficava dentro da salmoura, ali ficava de 10 a 15 dias, aquela carne, nós comendo aquilo ali né, aquilo ali mamãe tirava com uma ponta de pau, pra não passar a sujeira da mão, escaldava e fazia, não estragava, quando queria secar, estendia, e era a carne de sol, que era pra fazer socado no pilão pra fazer paçoca de carne, com farinha, aquela farinha bem sequinha,* ***e hoje, em dia se não tiver geladeira ninguém vive, só que o tempo não era desse jeito não, era diferente,*** *eu só vivia com roupa de manga comprida, e sei lá, eu não sentia calor como agente sente hoje, a anta era um bicho grande, papai matava um bicho daquele, ai meu Deus, a mamãe tirava aquelas carne, fazia o assado na panela, mas não era aquele assado na panela… era dentro de uma lata ela botava a carne, assava e ó, ó (gesto de estalar os dedos). Então tudo o que a gente comia era coisa fresquinha não era coisa estragada,* ***hoje em dia, você vai numa feira dessa você não aguenta com o cheiro do peixe, não era essas coisas, como hoje tem várias opções, ah eu quero uma pizza, eu quero um lasanha, eu quero um churrasco*** *de não sei o que* (NARRADORA D, l.11-129).

Em análise ao trecho da narrativa D, é possível confirmar que a narradora contrapõe eventos vividos no seringal em relação ao que ela percebe atualmente. Dessa forma seu ponto de vista entre o tempo passado e o tempo atual é mudado pela nova perspectiva que ela depreende dos eventos experienciados no passado e no presente. Ela conta que no seringal os alimentos frescos eram armazenados e

conservados em bacias com sal e dessa forma o alimento não se estragava; no entanto nos dias atuais *se não tiver geladeira ninguém vive*. Que a comida consumida nos dias de hoje é diferente daquela consumida em sua infância no seringal. Desse modo é válido conceituar memória individual como sendo uma perspectiva que cada pessoa carrega da memória coletiva baseada no lugar e nas relações. Assim, assume-se que essa perspectiva tende a se modificar conforme se altera também as relações e os ambientes em que essa pessoa ocupa. Certamente a memória individual se encontra entrelaçada à memória coletiva.

Em consonância ao que Halbwach (2003, p. 101) afirma que

> Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, o próprio evento que nele esteve envolvido, ou que dele teve consequências, que a ele assistiu ou dele recebeu um a descrição ao vivo de atores e expectadores de primeira mão - quando ela se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam mais por esses fatos que lhes são decididamente exteriores, então o único modo de preservar essas lembranças é fixa-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem.

Os registros das memórias individuais das quatro mulheres nesse trabalho preservarão as lembranças de uma parte de suas experiências do tempo vivido no seringal, uma vez que suas histórias não mais fazem parte dos acontecimentos da nova sociedade é imprescindível a realização dos registros e divulgação de suas memórias a fim de que elas não morram.

b) Aspectos identitários/representativos

“As sociedades modernas foram se individualizando” e para Bauman, “identidade não se herda, ela é criada pelo próprio indivíduo”. “As identidades sociais também ocorrem em fluxo, são fluidas (ou seja, estão sendo constantemente construídas e reconstruídas, de acordo com as práticas discursivas em que os sujeitos sociais se engajam” (BAUMAN, 2003). Nesse sentido ao analisar os aspectos identitários/representativos nas narrativas é possível identificar a instabilidade de identidade a que Bauman (2005) se refere.

Das quatro narradoras, três evidenciam a sua origem e o lugar onde nasceram, e o que se observa é que cada uma delas apresenta uma origem de nascimento diferente daquela onde nasceram seus pais. Entende-se por essa abordagem que não há semelhança entre identidade instabilidade, pois essa tende a

se amoldar de acordo com tempo, espaço e interação a que o indivíduo vai acessando. Duas das quatro narradoras possuíam mais de 90 anos, a narradora A com 107 de idade e a narradora B com 92 anos, no momento em que foram coletadas as narrativas. Nasceram no seringal e seus pais eram migrantes, uns vindos do Nordeste e o outros vindos do Centro-oeste, uma delas tinha mãe indígena que faleceu antes que completasse dois anos de idade. Viveram grande parte de suas vidas dentro do seringal, trabalhavam no corte da seringa do mesmo modo que os homens, porém a negociação da borracha era geralmente feita pelos maridos.

Do ponto de vista da narradora B, a vida no seringal era muito boa e relembra com alegria dos momentos que vivia extraindo o látex na companhia do esposo, considerava-se como seringueira, assim como o marido. Do ponto de vista da narradora A, a vida no seringal foi marcada por muito sofrimento, perdas e maus tratos, ela não possui lembranças felizes do período em que viveu no seringal, relata que passou por inúmeras experiências ruins tanto quando era apenas uma criança ao morar com o tio que a espancava como também ao lado do seu segundo marido que era tão ruim para ela e para os filhos que se arrependeu de ter ficado com ele, pois não nutria cuidado e proteção pela sua família, além de trabalhar de igual para igual no corte da seringa, tinha que providenciar alimento e moradia se quisesse sobreviver.

> *Ave maria deus o livre essi ôto só deus sabe o meu sofrimento só deus sabe o sofrimento que passei cum ele tinha dia qu'ele tacava u pé ni mim mi derrubava da rede eu ficava nu pé da rede da casa cum menino nu braço daí terminava aí ele cumia i ele ia cortá eu ia pá minha rede mi deitá era:era assim minha fia o meu (marido) era ruim era ruim mesmo ele era ruim té pos fi ele era ruim num era muito bom não té pos filhos dele era ruim ele tirava um caneco de farinha dava pa sete criança pá sete minino cumê um caneco de farinha aí eu ia moiava nesse tempo essa minha fia já era grande moiava e tirava pá cada um um bocadin esse era ruim ele não era bom não ele era ruim demais eu num larguei ma fia... porque eu gostava dele eu gostava muito dele[...] mas me arrependi puque ele era marginal ele era marginal eu não sabia que ele era assim* (NARRADORA A, l. 105-117).

Um aspecto que se destaca e é similar nas duas narrativas é o sentimento de perda e solidão. Em vários momentos dos relatos observam-se expressos esses sentimentos, como se vê nos trechos abaixo:

> *Eu fiquei sem pai, sem mãe sem tudo, não tenho pai, não tenho mãe, não tenho nada, só tenho essa fia, tive (filhos), mas morrero tudim, Deus tiro tudim meus fi do oto marido, e desse marido tem essa e um que tá no Acre,*

> *Francisco, Deus só me deu essa pa vivê comigo né, não tenho pai, não tenho mãe, não tenho nada, só tenho ela* (NARRADORA A, l. 23-24).
>
> *Maninha, muitas coisas, eu lembrei da minha família, do meu pai, da minha mãe, meu avô, minha tia, entendeu tudo, não tem mais, perdi meu pai, perdi meus irmãos, minha tia, e gente que vive por aí a fora que eu não sei mais, que não vem aqui em casa[...]eu fiz tudo isso quando era nova, mas depois de velha já era, já fiquei moca e sempre doente, doente [...] aí perdi metade do que ouvia, mas fazia tantas coisas[...]* (NARRADORA B, l. 1-4, l. 7-8).
>
> *[...] hoje em dia eu num faço nada deus tirou tudo (meus filhos) só tenho dois* (NARRADORA A, l. 71-73).

A narradora A sente muito a falta da mãe que não chegou a conhecer, do pai que faleceu quando ainda era criança e dos catorze filhos que morreram no seringal. Fica evidente que há um sentimento de profundo vazio por não ter seus familiares por perto e por desde muito pequena, ter perdido sua mãe e seu pai. Ela aceita a ideia de que foi Deus quem “tirou” seus filhos e deixou apenas dois, e desses dois apenas uma para viver com ela, o maior valor que considera em sua vida.

A narradora B lamenta o fato de ter pedido seus pais e parentes, além de ter perdido a metade dos filhos, não se conforma com o fato de na velhice ficar muito doente, perder grande parte da audição e não poder fazer mais as coisas que fazia quando vivia no seringal. Para as duas narradoras não há prazer na velhice, apesar de terem vivenciado situações de vida bem distintas na juventude, chegam a velhice com o sentimento semelhante de vazio e solidão, mesmo tendo filhas param cuidarem delas, abrigam a dor da perda dos outros filhos.

As narradoras das narrativas C e D possuíam no momento da pesquisa 68 e 72 anos de idade respectivamente. Em relação a essas duas narradoras mudanças ocorrem em relação às suas identidades. Ambas nasceram no seringal, porém como se vê num período diferente das primeiras duas narradoras provavelmente no segundo ciclo da borracha. A Narradora C relembra sua vida no seringal como um tempo de muito sofrimento, pois foi criada por pai violento e autoritário e por essa razão com treze anos resolve fugir de casa. Em sua vida adulta volta a morar no seringal, com seu marido, por um curto período de tempo. Para ela, trabalhar no corte da seringa era sinônimo de passar necessidade.

A narradora D traz à memória uma infância tranquila no seringal, ela relata que fome não passava, sua mãe era muito presente nos cuidados da família e seu pai sempre trouxe o sustento para dentro de casa, os pais sempre muito reservados

e cuidadosos ficavam longe das confusões e bebedeiras que havia no cotidiano dos barracões.

Algumas similaridades apresentadas nas duas narrativas é o fato de, geralmente, as filhas acompanharem seus pais no trabalho de extração do látex, seja carregando os utensílios para o trabalho, seja coletando castanha.

Outro fato, que sinaliza a mudança em suas identidades, é a saída das narradoras C e D do seringal para a cidade em busca de melhores condições de subsistência. Esse evento comprova a fluidez das identidades e a influência da globalização no processo de migração que faz com que os indivíduos abandonem a vida no meio da floresta rumo aos centros urbanos e passem a assumir novos papéis na sociedade. A narradora C encontrou no comércio a maneira de sustentar seus quatro filhos e a narradora D conseguiu vaga para trabalhar no serviço público, completou o antigo segundo grau (atualmente ensino médio) e se aposentou pelo setor público federal.

Como resposta às perguntas realizadas na entrevista, dentre os momentos considerados pelas narradoras como os mais difíceis em suas vidas estão a perda de entes queridos - principalmente os filhos que morriam logo após o nascimento, bem como parentes que foram perdendo ao longo dos anos e a violência doméstica – física e psicológica retratada nos fragmentos apresentados anteriormente são elencados como os mais penosos, seguidos das doenças (muitas já na velhice), fome que passaram no seringal e o trabalho árduo do corte da seringa. Comprova-se, desse modo, o que Bauman (2003) afirma com relação à fluidez das identidades no decorrer do tempo, a construção e reconstrução dessas identidades. As primeiras narradoras com idade superior a 90 anos passaram a maior parte de suas vidas no seringal e assimilaram a representação de seringueiras. As outras duas narradoras com idades inferiores 80 anos, viveram infância e juventude no seringal porém, em busca melhores condições de vida, deixaram o seringal para reconstruírem suas vidas na cidade, assumindo novas representações.

c) Aspectos culturais

Em se tratando de aspectos da cultura dos seringueiros, pode-se observar em todas as narrativas que o modo de vida no seringal era bem caracterizado pelas

casas construídas com palhas das palmeiras de paxiúba, a alimentação constituída basicamente da castanha e carne de caça, utilizavam o látex para fabricar seus próprios calçados e as festas eram realizadas nos barracões, regadas à muito álcool e danças como se vê nos fragmentos a seguir:

As festas:

> *Eu dançava no São Dumingo, era um lugar chamado São Domingo no seringal, era três ou quato noite, nois dançava. Eu ia mais ele (marido) mas ele não gostava de dançá, agora esse derradeiro marido... esse aí já gostava de dançá, o derradeiro marido achava muito bom dança, mai o oto não, o oto não gostava de dançá não* (NARRADORA A, l. 90-94).
>
> *[...] mas ainda assim eu dexava meus filho deitado e ia pras festa [...] toda música que toca eu tô dançano esse tempo eu gostava de festa demais agora minhas perna já não dá mais [...]* (NARRADORA B, l.43-46).
>
> *[...] mas o 7 de setembro a gente ia e ano novo, era na casa do patrão, tinha danças, mas a minha mãe não participava, nunca participou, a gente via e tudo, mas a gente não participava, bebedeira, meu pai não bebia, né, então a minha criação foi essa, mas de ter, tinha, bebida tinha sim , não era cerveja não. Era cachaça pura, álcool puro, que eles tomavam mas, em relação a minha criação não teve, graças a Deus* (NARRADORA D, l 44-51.).

As moradias:

> *[...] eu morava no morada nova, o tatu, e eu ia tirava paxiúba, batia paxiúba pra fazer a casa, que a casa tava toda esculhambada, aí eu fiz a casa, fiz jirau, fiz fogão, fiz parede, fiz tudo, a parede amarrada, eu não sabia se tinha prego, eu fazia era amarrar [...]* (NARRADORA A, l. 118-121).
>
> *[...] pois é nesses lugar tudinho nós cortava seringa, nós morava nas colocação, longe do depósito, [...] a colocação era uma casa no mato, como essa aqui, só que as vez tinha casa e as vez não tinha, as vezes era aquelas paia véia de urucuri, de sororó, pa fazer uma casa, pá fazer, uma coberta, nunca tive casa, nossas casa tudo era assim, casa véia de paia, fazia aquelas parede como minha mãe tava dizendo que era amarrada, fazia aquelas parede de paia, paia de urucuri, paia de jaci, era assim* (NARRADORA C, l.45-51).

A alimentação:

> *[...] mas a minha mãe tirava o óleo do coco babaçu também é gostoso demais , pra tirar era o mesmo processo, ele é também ralado igual tira o leite da castanha que a minha mãe tirava da castanha para fazer o leite bem forte e aquela nata eu sei que aquilo ali sai o óleo que é uma delícia muito gostoso, então a gente comia muito essas coisas , açúcar comia muito pouco por que meu pai dizia que se faltava não tinha onde comprar, agora o milho, o cuscuz ralado, com o leite de castanha, não faltava,. Um dia meu pai matou um macaco, e tirou o filhote que estava dentro já estava mortinho né, daí ele cortou o rabinho do bichinho, peladinho, parecia um neném, aí minha mãe chamou atenção do meu pai, que ele não era pra matar mais macaco, aí nós num comia, agora, a paca não podia faltar, os*

> *bicho do mato, porco, veado, só era os bicho que a gente mais comia, era paca* (NARRADORA D, l.97-111).

Os sapatos de borracha:

> *A vida no seringal era assim, mermo, era sapato de borracha, percata de borracha, de seringa, tinha aquelas forma, aí fazia fogo no bujão, e defumava, e botando o leite, aí ia girando e defumando, aí tinha aquele relógio de primeiro, aquele relógio que disparava, era dessa altura assim, aí dava corda nele, quando era de madrugada, aí quando se levantava da cama mamãe tirava as roda, e daí ela ia fazer as percata pra nós, isso pra nós passiar (rsrsrs)isso pra nós passiar com essas percatas de borracha, aí ela enfeitava tudinho, fazia as flor, na sandália, aí do jeito que ela fazia, ela cortava assim aquelas percatinha, um sapatinho né, aí a gente passava, e fazia sapato também, pra gente andar no mato, era assim* (NARRADORA C, l.15-24).

> *fazia sapato de borracha tem gente que achava que era de outra coisa não era era de borracha mesmo linda mesmo i eu ia pa festa só gostava da borrachinha* (NARRADORA B, l.25-27).

Dentre as atividades em que as narradoras A e B citaram mais gostar estavam as festas que aconteciam nos barracões, regadas a bebida e muitas danças e que para elas, esses eram considerados os momentos mais descontraídos e alegres no seringal. Para as narradoras C e D, os momentos mais alegres no seringal eram aqueles em que acompanhavam os adultos no corte da seringa e coletavam castanha, momentos esses que traziam certa sensação de liberdade para as narradoras.

> *E em relação ajudá, meu pai, era quando, na época da castanha a gente ia pra ajudá a juntá, quer dize a gente trabalhava né também, e colher aquela maderinha né, pra fazer, cuidar, pra colocar dentro do forno né, aonde fazia borracha né, papai tirava, chamava na época cavaco, juntava, enchia e trazia os saco, aquela ajuda que minha mãe fazia pro meu pai era essa, aquela preocupação, ele trazia e ela preparava, comida ele caçava, lá pra tirar a castanha a gente ia junto com ele no mato pra juntar os ouriço que ficava debaixo das castanheiras, a gente fazia o monte pra ele quebrar né, mas as ajuda que ela fazia era isso* (NARRADORA D, l.20-28).

> *[...] era assim, nóis cando tava na companhia do meu pai, eu andava com a espingarda, levava a espingarda pra ele que ele era mateiro, ele cortava seringa, no mato, [...] eu culhia, catava sarrambi, mas corta, nunca cortei, nunca acertei, pelejava pra acertar mas nunca conseguia, acerta eu não acertava com a faca, num acertava corta de jeito nenhum, agora colhe eu colhia muito, acompanhava, na roça, na estrada, eu era quem ia levar a espingarda, carregar a espingarda, pra ele, era eu, ele se levantava duas hora da madrugada, no seringal, aí ele ia quebrar castanha, relá, pra butá na carne, pra cuzinhava, e agente levava a farofa pro mato, era assim, a vida era essa* (NARRADORA C, l.24-33).

As narrativas mostram que momentos bons vividos no seringal fazem falta para três das quatro narradoras, momentos felizes como dançar nos festejos, a vida

tranquila em família, poderem trabalhar para possuir seu próprio dinheiro e fabricar seus próprios calçados, ouvir tanto histórias clássicas como outras de bichos e monstros da floresta contadas por seus pais foram situações lembradas com prazer. No entanto para uma das narradoras, não há nenhuma lembrança boa do seringal e para ela não há motivo para sentir falta desse lugar, as lembranças dolorosas de fome, violência doméstica, falta de afeto por parte de seus genitores marcaram de maneira negativa as memórias do tempo em que viveu no meio da floresta.

Um aspecto da cultura que ocorreu de maneira similar às quatro narradoras foi o casamento antes dos 17 anos de idade. No caso da narradora A, em razão da morte do pai e por não ter ninguém mais de sua família, amigos próximos casaram-na aos catorze anos.

> *[...] eu tinha catoze eu tinha catoze ano cando eu mi casei meu pai morreu né aí eu fiquei sem pai aí mi casei mi casei nu Remansin nu siringal passei... oito ano junto cum meu marido daí nóis si dexemo* (NARRADORA A, l.22-24).

A narradora D conta que se casou aos dezesseis anos e em sua opinião casou-se ainda muito jovem, as demais não divulgaram a idade em que se casaram, mas pelas idades informadas pelos filhos consegue-se saber que casaram entre treze e dezesseis anos de idade.

> *[...] mas eu casei muito jovem eu acho que eu estava com 16 anos mas eu era muito assim a minha criação era muito assim criada assim bem mesmo namorou vai ter que casar com quem namorou, num tinha esse alisa alisa não e nem cutucar por debaixo da mesa* (NARRADORA D, l.66-70).

Ainda investigando os aspectos culturais encontramos dados na narrativa D que mostram a influência da religião nos costumes e práticas da família e como essas práticas foram determinantes para a educação da narradora:

> *[...] aí eu precisava estudar, ah uma coisa ótima, a minha mãe me ensinou a ler e a escrever, ela levava aquelas cartilhinhas , né, pela bíblia, a bíblia que era o livro que a minha mãe me ensinava a ler e a escrever a luz de vela acendia uma: uma lamparina né, aí aquilo era quase todo dia, eu lembro que era quase todo dia no seringal né, é tanto quando eu fui para escola eu já tava alfabetizada né, sabia ler né ela falava a palavra e escrevia letra de forma e escrevia manuscrito que era pra mim aprender, porque na cartilha vai tudo certinho, quando ela vinha em Guajará que era o seringal que nós ia era Paccas novos, era Rio Cautário, que a gente ia né, então quando, nós vinha do seringal pra receber o pagamento e meu pai ia fazer as comprinhas em Guajará minha mãe já colocava aquele livro para alfabetizar, quer dizer aquela cartilha do ABC* (NARRADORA D, l. 53-64.).

Das quatro narradoras entrevistadas, a Narradora D é única que traz em seu relato os primeiros contatos com a leitura e a escrita, os quais se deram em sua própria casa, no seringal. Ela relata que sua mãe sabia ler e escrever e gostava de ler a bíblia. Dispor dessa habilidade possibilitou a mãe da narradora alfabetizá-la.

Por não haver escolas no seringal no tempo em que as narradoras eram crianças, as outras três narradoras não puderam ser alfabetizadas. É possível inferir desses indícios que, provavelmente, os pais não eram alfabetizados, consequentemente, as narradoras A, B e C não tiveram possibilidades de acesso a essa habilidade. Esse dado revela que o acesso à leitura e a escrita na infância possibilitou a narradora D, em sua vida adulta, galgar espaços que não poderiam ser alcançados sem o letramento.

Em relação à vida da mulher no seringal, além dos fatos comprovadores de que não era uma tarefa simples e que exigia muita coragem e resistência para vencer as dificuldades que lhes eram impostas, algumas questões emergem das narrativas: Como as mulheres lidavam com o período menstrual e como lhes era apresentado esse momento tão peculiar na vida feminina? Como ocorriam os partos no interior do seringal? Nos fragmentos a seguir é possível verificar como se dava cada um desses momentos para as narradoras:

> *[...] mas a minha mãe ela me ensinou assim, na primeira menstruação eu não sabia ela não falava para mim, quando eu vi aquilo me assustei, comecei foi chorar "ai mãe acho que eu dei uma queda e me machuquei" "eu não sei o que foi", sei que eu falei isso, lembro que falei isso, aí ela não disse nada, já foi fazer um chá e já foi dizendo o que era para mim comer e não comer , não chupa limão com sal e nem melancia, peixe de couro, não sei mais o que, não sei mais o que. Só que hoje em dia é bem diferente, eu tava com 13 anos 14 anos mas isso já foi na colônia a minha criação com a minha mãe era essa, a minha mãe fazia isso que eu falei* (NARRADORA D, l.71-79).

Falar sobre menstruação até hoje é tabu em muitas culturas e para muitas mulheres esse período da vida é visto como algo sujo e muito incômodo. No tempo do seringal, por viverem em um ambiente predominantemente machista, a menstruação era considerada vergonhosa, ninguém expunha tal assunto, nem sequer pronunciavam a palavra. Comprova-se esse fato nas falas da narradora, quando ela diz que ainda criança não sabia o que era menstruação e que se assustou quando menstruou pela primeira vez, imaginava que tivesse se machucado. Porém a mãe aparentemente já aguardava por esse momento (só não falava nada), tanto é que ao ouvir que sua filha estava sangrando, prontamente

providenciou um chá e foi dando todas as recomendações sobre o que poderia ou não comer enquanto estivesse naquele período. Em conversas posteriores com a narradora (mesmo não havendo esse registro na narrativa) ela acrescentou que sua mãe apesar de não falar nada sobre o assunto nem explicar do se tratava, preparou tudo para aquele momento da primeira menstruação, tanto foi que entregou para ela um pacotinho feito de pano e dentro havia outros paninhos muito branquinhos e bem dobrados, além de uma calcinha de algodão que só deveria ser utilizadas nessas ocasiões, a mãe também ensinou como higienizava os paninhos, lavando–os e deixando–os na água fervente, explicando que após o período deveriam ser limpos e guardados até o próximo período.

> *[...]Os marido que fazia (o parto), meu marido, eu nunca fui in...coisa (hospital) não, não sinhora marido que fazia o parto, o derradeiro parto que foi feito foi do Antônio, o derradeiro e acabou-se(..) tive 16 fi,* (NARRADORA A, l.68-71).
>
> *já tive filhos no amazonas, tive 4, minha sogra que morava no mesmo lugar que nós vivia e eu sozinha (fazia o parto) , mas eu não tinha medo não, com três, quatro cinco dias, já queria fazer alguma coisa mas o marido não deixava* (NARRADORA B, l.15-18).
>
> *aí tive ele, tive ele no seringal, tive com a parteira, aí quase morro, quando ele já tava com um ano, um ano e pouco, lá eu engravidei do Silvio, desse que tá em Rio branco ai lá fui sofrer também, lá ele voltou a marretar, aí lá eu tive o menino se não fosse a mulher que tava lá, eu tinha tido o menino sozinha, por isso que eu tenho raiva de ômi sivirino* (NARRADORA C, l.115-117).

Os trechos evidenciados acima apontam para uma reflexão acerca dessa questão. Qualquer assunto que dizia respeito a mulher deveria ser silenciado, assim como a mulher não possuía valor no seringal, tudo o que fizesse referência às suas características fisiológicas, do ponto de vista patriarcal, religioso e machista ,deveria ser encoberto, silenciado.

Os partos, por sua vez, eram realizados na própria moradia das narradoras como é possível verificar nos trechos citados. O marido, parente ou a própria grávida realizava o parto. Em razão da imensa distância entre uma colocação e outra, vários quilômetros entre a casa de um seringueiro e outro era muito difícil acionar uma parteira.

> *[...] assim, eu morava numa colocação, a colocação era como daqui na BR, quando tinha uma ôta mais perto, e o siringal ás vez, era dois dia de viage, as vez era três quatro hora* (NARRADORA C, l. 12-15).

Dessa maneira, a mulher prestes a parir não podia contar com outras pessoas para realizarem o parto, quando tinham sorte recebiam ajuda do próprio marido ou de algum parente que vivia na mesma casa, porém nem todas podiam contar com a mesma sorte e passavam por aquele momento sozinhas. Por esse motivo, muitos bebês morriam, no momento ou horas depois ao nascimento em razão de alguma complicação no momento do parto. Essa situação comprova-se nos relatos em que as narradoras contam que perderam muitos filhos. A narradora A chegou a ter 16 filhos, porém só três deles chegaram a vida adulta.

> *Eu fiquei sem pai, sem mãe sem tudo, não tenho pai, não tenho mãe, não tenho nada, só tenho essa fia, tive (filhos), mas morrero tudim, Deus tiro tudim meus fi do oto marido, e desse marido tem essa e um que tá no Acre, Francisco, Deus só me deu essa pa vivê comigo né, não tenho pai, não tenho mãe, não tenho nada, só tenho ela* (NARRADORA A, l. 23 -24).

A análise em questão demonstra que, embora a vida no seringal insistisse em negar a presença feminina e o que era inerente à feminilidade, a natureza feminina se revelava em todas as grandes e pequenas ocorrências no meio da mata. Fosse parindo, menstruando, trabalhando no corte da seringa, plantando, colhendo, coletando frutos, preparando alimentos, criando técnicas para armazenamento dos alimentos, pescando, alimentando os filhos, educando-os, contando histórias dos seres da mata, ensinando-os a ler e escrever com o recurso que dispunham, protegendo-os e enfrentando os perigos da floresta, preparando calçados, construindo suas próprias casas, suportando e resistindo à violência.

Longe de serem mulheres perfeitas ou desejarem a perfeição, essas mulheres mostram que no tempo do seringal, mesmo com tantas limitações e na medida do que era possível, fizeram suas escolhas e expressaram suas identidades lançando por terra a ideia estereotipada de uma única versão de mulher no seringal - a *mulher objetificada*.

Assim como a árvore seringueira que ao ser ferida deixava escorrer do seu caule o líquido que atraiu olhares do mundo inteiro para região amazônica, as mulheres no seringal embora fossem negadas, silenciadas ou ignoradas produziram vida e sobrevivência para suas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado intitulada ***Narrativas e Memória- registros das experiências vividas por mulheres no interior dos seringais na Amazônia-*** Conformou-se em um esforço por estudar histórias de mulheres amazônidas que vivenciaram as mais diversas experiências no interior de um seringal na primeira metade do séc. XX.

A metodologia desse trabalho partiu da coleta de narrativas gravadas e posteriormente transcritas de quatro mulheres amazônidas que viveram parte de suas vidas no seringal. À luz dos estudos de Michelle Perrot (2007) que trata da história das mulheres na modernidade e contemporaneidade e da teoria de Bruner(1991) e Bruner (1997), desenvolveu-se a análise partindo de um recorte das dez características narrativas, duas caraterísticas de nível alto – a Diacronicidade Narrativa e a Canonicidade e Violação e tomando como base às memórias individuais/coletivas presentes nas narrativas, pretendeu-se observar aspectos culturais e representativos emergidos nos relatos coletados.

A base teórica foi construída estruturada nos estudos de Perrot (2007) apresentando dados históricos sobre a vida das mulheres, Bruner (1991) e Bruner (1997) sobre as características das narrativas, os estudos de Halbwachs (1968-2003) e Bosi (1979), a respeito da memória, as contribuições de Candau (2011), Williams (1921-1988), Hall (1932-2014), Said (2011) e Bauman (1905-2005) em relação aos estudos de identidade e cultura além de outros teóricos que contribuíram para investigação dos dados da análise.

Os resultados obtidos na análise demonstraram primeiramente que em se tratando da vida das mulheres no interior dos seringais amazônicos, muito se assemelha com a vida vivida pelas mulheres no século XVIII e XIX estudada por Michelle Perrot (2007). A maneira como as mulheres eram vistas e tratadas, bem como a maneira pela qual elas deveriam se comportar obedeciam aos padrões sociais e morais estabelecidos culturalmente. Dessa maneira tanto as mulheres retratadas em Perrot como as mulheres observadas nas quatro narrativas analisadas nesse trabalho viam-se condicionadas à uma vida de dependência masculina. No entanto, comprova-se ainda na análise que embora estivessem sob uma dependência moral pré-estabelecida, as mulheres não sucumbiram à uma vida de servidão, mas ousaram resistir buscando melhorias para elas e seus filhos.

No que tange à característica Diacronicidade Narrativa, observou-se que em cada relato há uma sequência de tempo baseada em como as lembranças iam emergindo de suas memórias, não há uma sequência cronológica e sim psicológica, no entanto sem prejuízo algum para a compreensão dos acontecimentos.

Em relação à característica Canonicidade e Violação constatou-se que em todas as narrativas observadas há comprovantes de Canonicidade e Violação e que estes aspectos estão relacionados às expectativas culturalmente definidas socialmente.

O cânone nas narrativas é demonstrado pela maneira como duas das narradoras relatam a rotina no seringal e as relações entre os membros da família, nesses dois casos não há quebra em relação aos trabalhos no corte da seringa e produção da borracha bem como aos padrões estabelecidos socialmente; as narradoras viviam em um ambiente de coletividade e respeito mútuo.

Por outro lado, no aspecto Violação pode-se comprovar que em dois dos relatos há uma série de quebras de padrões: maus tratos, violência física, abandono, falta de provisão por parte do marido/pai, furto, fuga de filhos dentre outros. Todos esses fatos são violações ao código de conduta estabelecido numa sociedade. No entanto, pode-se entender que mesmo sendo esses fatos violações aos padrões estabelecidos socialmente, no interior do seringal havia um outro código de conduta aceitável e que derivou dos séculos anteriores, como registra Perrot (2007): neste código a violência doméstica para com as mulheres e filhos era vista como normal e tolerável, sendo assim, para o padrão moral no interior dos seringais bater nas mulheres e filhos não consistia numa violação.

Outros resultados da análise respondem as indagações propostas na problematização: Apesar de haver no seringal, na primeira metade do século XX, a predominância masculina no trabalho do corte da seringa, os relatos das mulheres entrevistadas comprovam que elas participavam ativamente no processo de preparação do látex, desde o corte da seringa até a defumação. Para duas das narradoras a vivência no seringal foi uma experiência traumática, sofrida, penosa e muito difícil, porém para as duas outras as lembranças do tempo vivido no seringal são de momentos felizes e muito tranquilos. Os momentos mais difíceis elencados pelas narradoras no seringal relacionam-se às mortes dos filhos e parentes próximos, à fome e à violência doméstica. Por outro lado, as festas, as danças

aparecem nas narrativas como os melhores momentos para duas das narradoras e ainda para as outras duas, os momentos mais felizes eram a participação na coleta da castanha e acompanharem seus pais carregando os instrumentos para o corte da seringa em razão de serem ainda crianças nesse período.

Constatou-se em análise também que o trabalho das mulheres era um trabalho invisível e silencioso, entretanto, sem ele, o sistema de produção da borracha na primeira metade século XX no Norte do Brasil não teria funcionado, talvez sequer existido. E por qual razão? Pelo fato de que mesmo sendo negado, o trabalho das mulheres no seringal tanto no corte da seringa e preparação do látex, quanto no trabalho doméstico que sustentou a família no interior da floresta, foi garantia da vida e fez história nos tempos remotos da borracha.

O caminho percorrido ao longo deste estudo permitiu a compreensão e o reconhecimento da maneira como as mulheres na primeira metade do século XX viviam no interior dos seringais amazônicos bem como a importância delas para a sobrevivência da família na floresta.

Desta feita, o que traz relevância a este trabalho são os ricos registros do relato narrativo de cada mulher, primeiramente por conter neles a história não registrada nos livros, a história guardada na memória de cada narradora que encontra a possibilidade de tornar-se conhecida, entendendo ainda que à medida que o tempo passa relatos como esses se tornam raridade e por conseguinte contribuem acadêmica e socialmente auxiliando no reconhecimento e compreensão dos fatos do passado amazônico numa perspectiva das vivências femininas.

Acredita-se que o resultado dessa pesquisa pode possibilitar investigações posteriores no sentido do aprofundamento de cada aspecto apresentado na análise e sugerir questionamentos para futuras pesquisas dentre os quais: em meio à predominância masculina entre os seringalistas, existem relatos que narrem histórias de mulheres seringalistas nos seringais da Amazônia? Os costumes das mulheres no interior dos seringais foram se modificando ao longo do tempo ou ainda permanecem vivos no meio das culturas dos povos da Amazônia? Há ainda culturas tradicionais que preservam os costumes das mulheres seringueiras?

Considera-se, por fim, a constatação de que, como Perrot (2007) afirma: “é impossível haver uma história que desconsidere as mulheres” e que também há

grande possibilidade de que os estudos iniciados neste trabalho não haverão de se esgotarem aqui. As ideias e discussões apresentadas nessa pesquisa constituem-se em pequenos fragmentos da verdade que unidos a outros estudos surgidos ao longo dos últimos anos abrem caminhos para que as histórias das mulheres estejam visíveis e exponham realidades anteriormente encobertas e invisíveis aos olhos da sociedade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** Entrevista a Benedetto Vecchi: Schwarcz Companhia das Letras, 08. nov. 2005, p.110

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Monstros, índios e canibais: ensaios de crítica literária e cultural**. Florianópolis: Insular, 2000.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. 3 edição. Manaus: Valer, 2009.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade – Lembranças de velhos**. Série 1; Estudos Brasileiros, vol.1. T.A Queiroz, São Paulo – SP.1979.

BRUNER, Jerome. **Realidade Mental, Mundos Possíveis**. Trad. Marcos A.G.Domingues – Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

BRUNER, Jerome. **Critical Inquiry**, 18(1), p. 1-21, trad. Waldemar Ferreira Netto.1991

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. 1997.

BRUNER, Jerome. **Life as narrative.** *Social Research, 54*(1), 11-32. 1987.

CANDAU, Joël – **Memória e Identidade**. trad. Maria Letícia Ferreira – 1-ed, 4. impressão – São Paulo: Contexto, 2018.

CANTARINO, João Marcos Ferreira; PEREIRA, Danilo Assis. **Memória: da filosofia à neurociência**.Monografia apresentada na conclusão de curso de Psicologia do UniCEUB/ Universitas Ciencias da Saúde, 2004 -vol 02. n.02 -p.166-169. Disponível em: https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/531/32. Acesso em 02 out. 2020.

CASAQUI, Vander. **O papel da narrativa no projeto da sociedade empreendedora e na cultura da inspiração**. *E-Compós* (Revista da Associação Nacional dos programas de Pós- graduação em Comunicação v.*23*. 2020. Disponível em https://doi.org/10.30962/ec.1850. Acesso em 29 set. 2020.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história** [recurso eletrônico]. – São Paulo: UNESP Digital. E-book. 2018.

DAOU, A.M. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DEAN, Warren. **A luta pela Borracha no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo e identidades**, 2 edição; Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I.**O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

Encyclopaedia Britânica.2020. **O látex**. Disponível em: https://escola.britannica.com.br/artigo/l%C3%A1tex/626096. Acesso em: 28 set. 2020.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição oral e produção de narrativas**. 1.ed.São Paulo: Paulistana, 2008. v. 1. 104 p.

FERREIRA, Maria Liege Freitas. **A construção do eldorado amazônico no governo Vargas: representação através da imagem (1940-1945).** (Tese de Doutorado não publicada) Universidade Federal Paulista - Programa de Pós-graduação em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara. SP. 2001

FIGUEIREDO, Aguinaldo Nascimento. **História do Amazonas - Estado do Amazonas Especial**. 2004. Disponível em: www.povosamazonia.am.gov.br. Acesso em 12 dez. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDELHA, Carlos Magalhães. **A Metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 21 de junho de 2013, p. 234 – 251.

GUEDELHA, Carlos Magalhães. **"O abrasamento sexual nos seringais amazônicos, por Alberto Rangel e Ferreira de Castro**". Agosto – n. 9, 2013, disponível em: http://oguari.blogspot.com.br/2013/09/o-abrasamento-sexual-nos-seringais.html. Acesso em: 02 out. 2020.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **A Batalha da Borracha: Propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo**. Fundação Joaquim Nabuco. Revista de Sociologia e Política.1997. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39301/24120. Acesso em: 02 out. 2020.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; trad. Tomaz Tadeu e Guacira Lopes; 11 ed.; 1 reimpressão. Rio de Janeiro: DP e A Editora, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. trad. David Miranda e Willian Oliveira – Rio de Janeiro: Editora PUC - Rio: Apicuri, 2016.

LÉVI- STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

LESSA, Luisa Galvão. **A linguagem falada no vale do Acre**. Rio de Janeiro: Projeto CEDAC, 2002.

LIMA, Reginâmio Bonifácio de. **Memória de velhos: Sobre terras e gentes**. Rio Branco: Boni, 2008.

MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. **Aspectos Dialectológicos e Lexicográficos do Atlas Etnolingüístico do Acre.** 186 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim – RO, 2005.

MELLO, Vico Denis de; DONATO, Manuella Riane A. **O PENSAMENTO ILUMINISTA E O DESENCANTAMENTO DO MUNDO: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático**. Revista Crítica Histórica Ano II, Nº 4, Dezembro/2011. Disponível em: http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/. Acesso em 02 out. 2020.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em saúde**. 12 Edição. São Paulo: Hucitec-Abrasco. 2010.

MINUCHIN, S. **Família, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

NEELEMAN, Gary e NEELEMAN, Rose. **Soldados da Borracha o exército que salvou a Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

OPERAMUNDI. 2013. **Vulcanização**. Disponível em: https://operamundi.uol.com.br/historia/29450/hoje-na-historia-1844-charles-goodyear-recebe-patente-da-vulcanizacao-da-borracha. Acesso em: 28 set. 2020.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Casais e famílias – uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2020.

PADOVAN, Adenilson. **Religião e cotidiano na cidade de Alto Paraíso (Rondônia).** São Paulo: Anablume, 2004.

Palestra pronunciada por Raimundo de Barros seringueiro e vereador pelo Partido dos Trabalhadores em Xapuri em 28.04.89 disponível em file:///C:/Users/SERVIDOR/Downloads/82-191-1-PB%20(1).pdf/ Acesso em: 13 dez. 2020.

PEREIRA, Marcelo Souza. **Servidão Humana na Selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia**. Somanlu- Revista de Estudos Amazônicos. ano 12, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em:

https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/469/298. Acesso em: 15 dez. 2020.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Trad. Angela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann, 7ª edição, Rio de Janeiro – Paz e Terra, 2017.

PORTAL EMBRAPA,2020.***Hevea Brasiliensis.*** Disponível em: https://www.embrapa.br/agrossilvipastoril/sitio-tecnologico/trilha-ecologica/especies/seringueira. Acesso em: 28 set. 2020.

PORTAL SÃO FRANCISCO, 2020. **A seringueira**.Disponível em: https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/seringueira. Acesso em: 03 ago. 2020.

POTTIER, Bernard. **Le domaine de léthnolinguistique.** In: Langages. Vol.5. n.18. Paris: Larousse, 1970.

POTTIER, Bernard. **Le Language**. Paris: Retz, 1973.

NASCIMENTO, Maria das Graças. **Migrações nordestinas para a Amazônia.** REVISTA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E MEIO AMBIENTE- Dez.-n° 12, Vol II, 1998. Disponível em: file:///Users/mac/Downloads/Artigo%20460.pdf. Acesso em: 02 out. 2020.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**; trad. Denise Boltman – São Paulo: Companhia das Letras,1995.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período colombiana aos desafios do século XXI** [recurso eletrônico] – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Record. 2019.

WILLIAMS, Raymond (1921- 1988). **Cultura**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOLFF, Cristina Sheibe. **A construção da sustentabilidade nos seringais em crise: uma questão de gênero**. Alto Juruá, Acre/Brasil: 1912 a 1943. Projeto. História, 23.novembro, 2001. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10720. Acesso: 29 set. 2020.

WOLFF, Cristina Sheibe. **Mulheres da floresta: outras tantas histórias**. Revista Estudos Amazônicos, 1 (6). Disponível em: https://leiaufsc.files.wordpress.com/2017/03/1-vi-2-2011-scheibe_wolff.pdf. Acesso: 29 set. 2020.